



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



DIENE DE FARIAS COUTO DA SILVA

INOVAÇÃO LEXICAL E TEXTUALIDADE
NO JORNAL A *TARDE*

SALVADOR
2008



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



DIENE DE FARIAS COUTO DA SILVA

INOVAÇÃO LEXICAL E TEXTUALIDADE
NO JORNAL A TARDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.
Área: Descrição e Análises.Lingüísticas.
Orientadora: Teresa Leal Gonçalves Pereira.

SALVADOR
2008

Biblioteca Reitor Macêdo Costa - UFBA

Silva, Diene de Farias Couto da.
Inovação lexical e textualidade no jornal A Tarde / Diene de Farias Couto da Silva. - 2008.
141 f. : il.

Orientadora: Profª Drª Teresa Leal Gonçalves Pereira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2008.

1. Língua portuguesa - Lexicologia. 2. Neologismos. 3. Gramática comparada e geral -
Formação das palavras. 4. A Tarde (Jornal). I. Pereira, Teresa Leal Gonçalves.
II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 401.4
CDU - 81'373

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor da vida, pai adorável, salvador e amigo, por me ter concedido a oportunidade de fazer o Mestrado em Linguística, dando-me a oportunidade de crescer como pessoa e profissionalmente.

Ao meu marido Joselito, meus filhos Carol e Ruan, minhas irmãs Valdete e Ana Rita e Kleuber (cunhado), minha mãe Aldivina, minha tia Paulina, pela compreensão e colaboração nos momentos em que deles precisei ao longo do curso.

A Flordolinda, Vilma Cristina, Pe. Joseval e todos que me ajudaram de alguma maneira.

À professora Teresa Leal Pereira, minha orientadora, pelo zelo, compromisso e carinho com que orientou este trabalho.

Aos professores que reforçaram a idéia do quanto é prazeroso e gratificante aprender sempre, em especial à professora Rosauta Poggio, pelo apoio e incentivo.

Aos colegas do curso, pela parceria e pelos momentos em que tivemos a oportunidade de compartilhar enquanto aprendíamos enriquecendo nossos conhecimentos.

Finalmente, agradeço a todos que direta ou indiretamente colaboraram na minha caminhada.

Ninguém segura a língua. Ela é dinâmica, plástica, aberta, em contínuo movimento, e não há dicionário ou gramática que consiga congelá-la.

Carlos Alberto Faraco

RESUMO

Essa dissertação tem dois objetivos fundamentais. Primeiramente, através da pesquisa neológica, identificar os afixos mais produtivos, assim como possíveis casos de mudança de função e significação dos afixos, e os elementos lexicais que passaram a ser empregados com função de afixos. Procura, também, verificar os efeitos textuais, discursivos e estilísticos decorrentes dos neologismos, em alguns dos textos extraídos do *corpus* constituído para a pesquisa. Tem-se como base, para tal estudo, a Lexicologia e a Lexicografia, as obras de Ieda Maria Alves, dentre outras que são coerentes com esta ou que a complementam. Para realizar tais objetivos, foi feito um levantamento sobre os estudos da morfologia derivacional e sobre aspectos morfológicos e semânticos dos prefixos e sufixos encontrados no *corpus*, para, em seguida, ser feita a análise comparativa, quantitativa e qualitativa do *corpus*. Essa análise teve como resultados a elaboração de observações sobre a produtividade e vitalidade de alguns afixos, concorrência entre prefixos e entre sufixos, mudança total ou parcial dos valores semânticos de alguns afixos, mudança categorial da base em alguns prefixos e não-mudança em alguns sufixos, bases virtuais, além dos aspectos estilísticos, textuais e discursivos concernentes às formações neológicas.

Palavras-chave: Léxico. Formação de palavras. Derivação. Neologismo. Textualidade.

ABSTRACT

This dissertation has two basic objectives. First, through the neológica research, to identify the affixes most productive, as well as possible cases of change of function and significação of the affixes, and the lexical elements that had passed to be used with function of affixes. Search, also, to verify literal, discursive and stylistics the effect decurrent of the neologisms, in some of the extracted texts of the corpus consisting for the research. Base is had as, for such study, the workmanships of Ieda Maria Alves, amongst whom they are coherent with this or they complement that it. To carry through such objectives, a survey on the studies of the derivational morphology and on morphologic and semantic aspects of the prefixes and suffixes found in the corpus was made, for, after that, being made the comparative, quantitative and qualitative analysis of the corpus. This analysis had as resulted the elaboration of comments on the productivity and vitality of some affixes, competition between prefixes and suffixes, total or partial change of the semantic values of some affixes, categorical change of the base in some prefixes and virtual not-change in some suffixes, bases, beyond the stylistics aspects, literal and discursive concernments to the neológicas formations.

Word-key: Lexicon. Formation of words. Derivation. Neologism. Textualidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 Relações de expressão e conteúdo, segundo Hjelmslev (1973).....	16
Quadro 2: Comparação das gramáticas analisadas.....	53
Quadro 3: Classificação de prefixos.....	68
Figura 1: Gráfico da produtividade lexical neológica por prefixação e sufixação.....	120
Figura 2: Gráfico da produtividade dos prefixos proporcional à categoria morfo-semântica.	120
Tabela 01: Produtividade dos prefixos proporcional à categoria morfo-semântica.....	121
Figura 3: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de gradação.....	121
Tabela 2: Produtividade proporcional dos prefixos de gradação.....	121
Figura 4: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de negação e oposição.....	122
Tabela 3: Produtividade proporcional dos prefixos de negação e oposição.....	122
Figura 5: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de referência temporal.....	122
Tabela 4: Produtividade proporcional dos prefixos de referência temporal.....	123
Figura 6: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos qualificativos.....	123
Tabela 5: Produtividade proporcional dos prefixos qualificativos.....	123
Figura 7: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de proveniência.....	123
Figura 8: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de repetição.....	124
Figura 9: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de referência espacial.....	124
Tabela 6: Produtividade proporcional dos prefixos de referência espacial.....	124
Figura 10: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de hostilidade.....	125
Figura 11: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de colaboração.....	125
Tabela 7: Produtividade proporcional dos prefixos de colaboração.....	125
Tabela 8: Produtividade de cada prefixo proporcional à quantidade total de casos	125
Figura 12: Gráfico da produtividade prefixal.....	126
Figura 13: Gráfico da produtividade sufixal.....	127
Tabela 9: Produtividade sufixal.....	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 O SISTEMA LEXICAL.....	13
2.1 SISTEMA, NORMA E FALA SEGUNDO COSERIU.....	13
2.2 OS SIGNOS LINGÜÍSTICOS.....	14
2.3 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	18
2.4 O LÉXICO.....	22
2.4.1 Estrutura do léxico.....	24
2.4.2 Lexema e morfema.....	29
2.4.3 O significado.....	32
3 MORFOLOGIA DERIVACIONAL.....	38
4 NEOLOGIA E NEOLOGISMO.....	58
4.1 CLASSIFICAÇÃO DOS NEOLOGISMOS.....	60
4.2 NEOLOGIA E ALGUNS ASPECTOS ESTILÍSTICOS, TEXTUAIS E DISCURSIVOS.	62
5 OS NEOLOGISMOS EM EXEMPLARES DO JORNAL A TARDE	66
5.1 A DERIVAÇÃO SEGUNDO ALVES	66
5.2 OS MORFEMAS DERIVACIONAIS.....	67
5.2.1 O Processo de Prefixação.....	67
5.2.1.1 Prefixos designativos de qualificação.....	69
5.2.1.2 Prefixos de negação e oposição.....	71
5.2.1.3 Prefixos de hostilidade.....	75
5.2.1.4 Prefixos de referência espacial.....	76
5.2.1.5 Prefixos de referência temporal.....	79
5.2.1.6 Prefixos de repetição.....	81
5.2.1.7 Prefixos de gradação.....	82
5.2.1.8 Prefixos de colaboração.....	88
5.2.1.9 Prefixos de proveniência.....	89

5.2.2 O Processo de Prefixação.....	90
5.3 ASPECTOS TEXTUAIS E DISCURSIVOS.....	114
5.4 PRODUTIVIDADE LEXICAL DOS DERIVADOS.....	120
5.4.1 Prefixos	120
5.4.2 Sufixos	128
6 DOMÍNIOS CONCEITUAIS	130
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS.....	138

1 INTRODUÇÃO

A língua é uma instituição dinâmica e evolutiva, por isso não pode ser jamais vista como um sistema cristalizado e imutável. Dessa maneira, o sistema lexical não pode ser apreendido nem descrito em sua totalidade, pois está sempre se expandindo. Para isso, a sociedade participa ativamente do processo de perpetuação e reelaboração continuadas do léxico da sua língua, constituindo-se no acúmulo de toda a experiência e do acervo da cultura, através das gerações, revelando valores, crenças, costumes e modismos, como também classificando os passos da humanidade.

Uma das maneiras de expansão do léxico de uma língua se dá através da neologia, traduzindo a capacidade natural de renovação pela criação e incorporação de unidades lexicais, os neologismos, os quais podem nomear novas realidades, traduzir idéias não originais de outra maneira etc. Como alguns dos fatores que favorecem a criação neológica, citam-se: a expansão de uma comunidade que faz com que a língua seja mais inovadora e as possibilidades previstas pela gramática da língua. A partir daí, tem-se um potencial infindo de inovação.

Além do aspecto meramente lingüístico, o neologismo apresenta aspectos sociológicos já que participa das transformações socioculturais, na medida em que um signo é formado para atender às necessidades geradas por uma nova circunstância social, podendo permanecer como parte do léxico dicionarizado de uma língua.

Os textos jornalísticos constituem-se em um material favorável à pesquisa no campo da criação lexical, pois assumem um papel determinante na expansão do léxico, visto que, ao serem divulgados, revelam fatos e conhecimentos, através de novos itens lexicais e, conseqüentemente, novos conceitos. Além disso, por conta da necessidade de alcançar um público vasto e heterogêneo, as formas de abordagem desse público passam não só pela simplificação da estrutura do discurso e diminuição do número de termos técnicos, ou explicação dos mesmos, como também pelo uso da criatividade, inovação e surpresa, através da criação de neologismos.

Assim, a prática jornalística, contrapondo-se aos estudiosos que defendem um padrão estilístico formal para o discurso da imprensa, apresenta de forma consistente o dinamismo e a vivacidade da língua. Nas manchetes, nos primeiros cadernos, nos cadernos de cultura, nos editoriais, nos artigos, colunas etc., encontram-se diversos exemplos dessa criatividade.

O jornalismo é, hoje, uma das mais expansivas fontes de enriquecimento do léxico. Nas suas diversas áreas (política, econômica, cultural etc.), além da inovação de palavras, aciona outras concebidas por determinado grupo social.

Os lexicógrafos e dicionaristas vêm fazendo um grande esforço para atualizar o vocabulário dicionarizado da língua portuguesa. No entanto, o fenômeno da criatividade lexical parece tão dinâmico e veloz que, além de fazer do trabalho dos dicionaristas uma maratona sem linha de chegada, desperta o interesse em se pesquisar acerca da produtividade lexical neológica, nos veículos de comunicação e, neste caso, o acervo vocabular jornalístico, por sua grande expressividade, se torna propício à investigação e à análise das mudanças semânticas e funcionais desse veículo da comunicação lingüística.

No jornal *A Tarde*, foram encontrados neologismos fonológicos, semânticos, estrangeirismos, neologismos formados pelos processos de composição, derivação, reduplicação, analogia, sigla etc. Contudo, neste trabalho só serão estudados os neologismos formados pelo processo de derivação.

Para tanto, alguns questionamentos são pertinentes, tais como, a proporção que pode ser verificada na produtividade lexical neológica no jornal baiano *A Tarde* e quais os fatores que podem levar à produtividade de neologismos. No que se refere aos derivados léxicos, objeto de estudo deste trabalho, é importante identificar os prefixos e sufixos mais produtivos e quais formações lexicais estão sendo usadas, em um processo de gramaticalização. É possível que alguns neologismos interfiram na compreensão textual ou venham a se constituir como marca de estilo de alguns dos redatores do jornal.

No jornalismo impresso, há maior produtividade lexical nos textos dos articulistas, colonistas, comentaristas e nos artigos de opinião, porque, em tais textos, as idéias e opiniões apresentam maior liberdade de expressão, ao contrário das manchetes e noticiários. Com isso, torna-se grande a produtividade lexical neológica, sendo que a maioria das inovações volta-se para nomear um fato ou idéia em um dado momento apenas. Contudo, muitas vezes o redator se apropria dos recursos de formação de palavras que o sistema lexical dispõe, para criar neologismos com a intenção de transmitir idéias particulares ou de um determinado grupo, de maneira perspicaz, a fim de influenciar o leitor.

A criação neológica é usada como recurso na formação de marcas de estilo, gerando a surpresa, a graça, a estranheza, dentre outras estratégias e, preponderantemente, se serve dos formadores de composição e derivação, como os afixos, possibilitando algumas novidades quanto ao emprego de prefixos e sufixos, dentre outras possíveis inovações. Com isso, muitas vezes, o texto no qual aparecem neologismos se torna de difícil compreensão para o leitor que

não esteja atualizado sobre o assunto em questão ou não detenha certos conhecimentos lingüísticos necessários para a compreensão do novo termo utilizado pelo escritor.

Este trabalho tem como objetivos: (i) identificar os afixos mais produtivos e os elementos lexicais que passaram a ser empregados com função de afixos; (iii) verificar os efeitos textuais, discursivos e estilísticos decorrentes dos neologismos, em alguns dos textos do jornal baiano *A Tarde*, especialmente no que concerne à mudança lingüística refletida no aumento da polissemia e da funcionalidade registradas em alguns dos exemplos extraídos do *corpus* constituído para a pesquisa.

Através da análise dos processos de derivação, espera-se fornecer maior número de dados à morfologia e contribuir para o estudo dos domínios conceituais da língua portuguesa, a partir do enriquecimento decorrente dos neologismos detectados em um periódico da cidade do Salvador, Bahia, pois, a rapidez da vida contemporânea se reflete na criação de neologismos, em várias categorias da comunicação, e pesquisar a formação e eleição de novos signos é conhecer os reflexos de aspectos, objetivos e escalas de valores da comunidade, onde eles surgem, assinalando a mentalidade de uma geração.

O trabalho será constituído com base nos estudos da lexicologia e Lexicografia, além da análise das obras que tratam dos processos de formação neológica, ancorando-se principalmente em Alves (2001), e algumas das contribuições de Pilla (2002), dentre outros autores.

A escolha do jornal *A Tarde* deve-se ao fato de ser o de maior tiragem e rotatividade na região. O *corpus* foi constituído a partir da seleção dos termos derivados, registrados em 184 (cento e oitenta e quatro) edições do jornal, porém, com um recorte nas áreas de economia e política do caderno 01, e ênfase para as redações dos colonistas.

No que se refere à opção pelo jornal *A Tarde on-line*, ela não comprometerá o desenvolvimento e a qualidade do trabalho, visto que, para os assinantes, o jornal é oferecido em sua íntegra, sem prejuízo algum de forma, nem de conteúdo. Esta opção foi feita com o objetivo de se preparar uma pasta, na internet, com todos os textos utilizados, organizados por data, e disponíveis para uso automatizado.

O jornal *A Tarde*, no período compreendido do segundo semestre do ano de 2007 e selecionado para a pesquisa, conta com grande elenco de jornalistas e repórteres, colonistas e articulistas, em diversos lugares da Bahia e do Brasil, o que contribui para a dimensão e qualidade do jornal. Além disso, há também diversos recursos tecnológicos que facilitam a sua agilidade e eficiência.

Esse periódico é composto por três cadernos, sendo que o primeiro contém 28 a 30 páginas, em média, das quais uma é dedicada aos artigos de opinião e editorial, quatro, à política e 04 (quatro) à economia.

Como princípio metodológico, são considerados neológicos os termos não dicionarizados. Para proporcionar maior agilidade, precisão e controle na identificação e recolha dos neologismos existentes no *corpus*, foi utilizado o programa de informática UNITEX, que identifica palavras não-dicionarizadas, destaca as palavras compostas, assinala a frequência do termo em relação ao texto, entre outros recursos. Além disso, as listas de formas neológicas foram submetidas a uma legitimação, através da consulta a dicionários da língua portuguesa. Em seguida, procedeu-se a uma depuração baseada em critérios morfológicos, relacionados com a frequência de certas estruturas de formação de palavras, o que implica em termos de atestação lexicográfica.

Para determinar o caráter neológico dos derivados, foram levados em consideração o Dicionário de Aurélio Buarque Ferreira e o de Houaiss.

Não se incluíram como *corpus* de exclusão (conjunto de dicionários que servem como referência para o estabelecimento do caráter neológico das formas estudadas), os demais dicionários de língua portuguesa, em virtude de serem os dois escolhidos aqueles que são mais utilizados pelos leitores brasileiros.

Por fim, após a identificação, classificação e análise dos neologismos, foram verificados os aspectos textuais levantados nas hipóteses.

Esta dissertação compõe-se, além da Introdução, de cinco capítulos, seguidos das Considerações Finais e Referências.

2 O SISTEMA LEXICAL

2.1 SISTEMA, NORMA E FALA SEGUNDO EUGENIO COSERIU

Um breve esboço sobre a tripartição – *sistema*, *norma* e *fala* - proposta por Coseriu (1979) faz-se pertinente, já que torna mais claro o entendimento sobre a mudança lingüística.

Segundo Coseriu (1979), o *sistema* constitui-se em um conjunto de oposições funcionais e de possibilidades, enquanto a *norma* constitui-se na realização coletiva do sistema, que, por sua vez, está contido na norma, junto aos elementos funcionalmente “não pertinentes”, todavia de uso comum no falar de uma sociedade. Além disso, a *norma* consiste naquilo que é tradicionalmente reproduzido de maneira comum e constante. Já o falar incide na efetivação concreta da *norma* que, por sua vez, está contida na *fala*, assim como o *sistema* que, por conseguinte, também o está. Além disso, a *fala*, como concretização individual da *norma*, também contém a originalidade expressiva do falante.

Em relação à derivação, o que distingue *norma* e *sistema* é o fato de que a *norma* realiza o *sistema* de maneira parcial, ao revelar-se perante as necessidades sucessivas do falante, elegendo, definindo, e contrapondo as variantes. Por exemplo, no sistema português, podem-se formar nomes deverbais a partir do acréscimo dos sufixos *-ção* e *-mento*. Com isso, inicialmente, podem-se formar *arrumação* e *arrumamento*, *ensinação* e *ensinamento*, porém, quem decidirá entre uma ou outra opção, ou até se as duas devem conviver, será a *norma* que, por conseguinte, é definida pela reprodução repetitiva na coletividade. Dessa maneira, tanto *arrumação* quanto *arrumamento*, *ensinação* quanto *ensinamento* coexistem virtualmente no *sistema*, mas apenas *arrumação* e *ensinamento* são realizados na *norma*, ao menos, neste atual período temporal.

Segundo Coseriu (1980), por um lado, a *norma* se apresenta como sendo mais ampla do que o *sistema*, pois compreende fatos lingüísticos efetivamente realizados existentes na tradição, contendo também os traços não funcionais; porém, em outra perspectiva, o *sistema* é mais amplo do que a *norma*, já que se constitui em uma técnica aberta que abarca virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que regem seu uso:

a norma é em certo sentido, mais ampla do que o sistema: com efeito, ela encerra também os traços não funcionais, enquanto o sistema contém só os traços distintivos necessários para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no do conteúdo) não se confunda com outra. Contudo, já em outro sentido, o sistema é mais amplo que a norma, já que é menos determinado e contém também possibilidades não realizadas na norma da mesma língua. De fato, o sistema, contendo apenas as oposições funcionais, encerra também tudo o que na língua seria possível, mesmo se não é realizado na norma. (COSERIU, 1980, p. 123)

O falante, em virtude de portar uma originalidade expressiva, pode alterar a *norma*, sem que haja, por conta disso, conseqüência alguma para o *sistema*. Dessa maneira, ele intui que existe uma série de variações (regional, social, temporal, dentre outras), quanto ao uso da língua e diante de tais variações percebe que a língua abarca todas elas - é o que se pode depreender do que Coseriu define como sendo o *sistema*. Todavia, mesmo sendo único cada ato individual e jamais repetido no mesmo contexto, a sucessividade dos diferentes atos lingüísticos individuais promove o acúmulo dessas diferenças, repercutindo em uma mudança na *norma*. Logo, o acúmulo das mudanças na *norma* provoca mudanças no *sistema*:

Graças, justamente, ao sistema, que é em essência sistema de possibilidades -, uma língua não é apenas aquilo que já está feito por meio da sua técnica, mas é também aquilo que, mediante esta mesma técnica, se pode fazer; não é somente passado e presente, mas possui uma dimensão de futuro. (COSERIU, 1980, p. 125).

Pode-se entender, então, que a maneira como Coseriu define *sistema e norma* corresponde aproximadamente à *langue* de Saussure; já o *falar* concreto corresponde aproximadamente à *parole* de Saussure. Sem negar a dicotomia da *langue* e *parole* de Saussure, acrescenta-se-lhe uma noção intermediária - a *norma*.

2.2 OS SIGNOS LINGÜÍSTICOS

Saussure (1999) chama a atenção para a relação da Semiologia, ciência geral dos signos e a Lingüística. Segundo Valente (1997, p. 14), “os signos são os elementos constitutivos da linguagem” e podem ser verbais ou não verbais. Fiorin (2005) esclarece que, através dos signos, é possível apropriar-se da realidade vivida ou imaginada pois, através da


linguagem humana, que consiste em uma atividade lingüística/simbólica, suscetível de categorização, organização e interpretação do mundo, o objeto nomeado pode ser expresso, mesmo sendo inexistente, visto que a língua pode mencionar mundos, eventos, coisas, fatos e seres inexistentes. Esses processos são permitidos pela criação de novas palavras ou por se atribuir uma nova extensão de sentido ao espectro de uma palavra já existente. Para Saussure:

Filósofos e lingüistas sempre concordaram em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante, tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. (1999, p. 130)

Fiorin (2005) retoma a idéia de que os signos definem-se um em relação ao outro e que o valor de um signo é conferido por outro signo. Do mesmo modo, um signo se torna continuamente interpretável por meio de outro signo. Ao se tratar de signos do mesmo sistema lingüístico, há o recurso à sinonímia, à paráfrase, à definição etc. e, em caso de signos de línguas diferentes, recorre-se à tradução, sendo que esta, muitas vezes, apresenta algumas complicações, a partir da inexatidão correspondente entre os nomes e as coisas.

A definição saussuriana do signo lingüístico como “uma entidade psíquica de duas faces” (1999, p. 80): significante (a imagem acústica) e significado (o conceito). É enfática quanto ao valor psíquico tanto do significante como do significado, de modo que a imagem acústica não pode ser confundida com o som material e o significado não consiste nas coisas do mundo, ao contrário, trata-se da impressão psíquica que se faz do som, no cérebro, constatável ao se pensar em uma palavra e não pronunciá-la.

Signo = significante (imagem acústica)
significado (conceito)

Ao se emitir o signo verbal “lâmpada” (/lãpada/, o segmento fônico), ele remete a um dado objeto () que possui certo significado (‘aparelho destinado a iluminar’). O signo se constitui a partir da associação entre o significante e o significado, de modo que não existe significante, sem significado correlato, ou vice-versa. Assim, a imagem acústica /lãpada/ não se refere a uma lâmpada determinada, mas a uma idéia geral classificatória. Ao formar esse conceito, a língua desconsidera aspectos peculiares como, por exemplo, tamanho, cor, modelo, marca etc. e implementa a categoria de /aparelho que ilumina/. Assim, o significado consiste em uma representação da realidade designada por ele.

Saussure considerou a noção de valor como ponto essencial para a concepção do fenômeno lingüístico. A partir daí, destaca a natureza opositiva do signo, ressaltando a

disposição de um signo em oposição aos demais como fundamento da especificidade de cada signo lingüístico. Com isso, enfatiza-se que a relação significante/significado tem de ser vista sob o enfoque do sistema lingüístico no qual o signo está inserido, dando primazia às relações que se constituem no interior do sistema, no qual tudo está conectado a tudo, ao contrário da tradição, que estabelecia a correlação entre palavras e idéias, abordando as palavras como unidades autônomas de análise.

Hjelmslev (1973) complementa a noção de valor preconizada por Saussure, no âmbito lingüístico, congregando o conceito de signo à noção de valor. Para isso, define o signo como sendo a união de um plano de conteúdo a um plano de expressão, sendo que cada plano abrange dois níveis: a forma e a substância, havendo, então, uma forma do conteúdo e uma substância do conteúdo; uma forma da expressão e uma substância da expressão.

A forma está inserida no conceito de valor de Saussure, equivalendo a um conjunto de oposições. Dessa maneira, uma definição formal de um som ou de um sentido é estabelecida pelas oposições de traços, já que os sons e os sentidos não se opõem em bloco. Fiorin (2005, p. 59) exemplifica:

Assim, quando tomamos os sons *p/b*, verificamos que eles se opõem, porque o primeiro apresenta o traço /surdez/, enquanto o segundo contém o traço /sonoridade/. No entanto, uma oposição só se constrói sobre uma identidade: os dois sons são oclusivos e bilabiais. Verifica-se, então, que a oposição entre eles não é feita em bloco, mas por um traço. Não é a totalidade do /p/ que se opõe à totalidade do /b/. A mesma coisa ocorre no âmbito do sentido. Em português há uma oposição entre *homem/mulher*. Ambos têm o traço /humano/, mas se distinguem, porque o primeiro apresenta o traço /masculinidade/, enquanto o segundo contém o traço /feminilidade/. No entanto, como o português não tem um termo para indicar o ser humano em geral, esse conteúdo recai no termo *homem*. Assim, a relação entre as palavras *homem* e *mulher* determina que o termo *homem* tenha dois valores diferentes: “ser humano” e “ser humano do sexo masculino”. [...]

O conceito de homem, em português, “ser humano” e “ser humano do sexo masculino” é criado pelo fato de ele se opor a mulher e não se opor a um terceiro termo, como em latim, em que o conceito de homem é apenas o de ser humano. Os sons *p/b* surgem da existência da oposição surdo/sonoro.

Assim, a substância da expressão consiste nos sons e a substância do conteúdo, nos conceitos, sendo que os sons e os conceitos não existem sem a forma, pois são produzidos pela forma. Eis o quadro:

	Forma	Substância
Ex pressão	Forma da expressão	Substancia da expressão (sons da fala)

Co	Forma do	Substancia do conteúdo
nteúdo	conteúdo	(pensamento)

Quadro 1 Relações de expressão e conteúdo, segundo Hjelmslev (1973)

De acordo com o quadro 1, o signo une uma forma da expressão (diferenças fônicas e suas regras combinatórias) a uma forma de conteúdo (diferenças semânticas e suas regras combinatórias), gerando duas substâncias: uma da expressão (os sons) e uma do conteúdo (os conceitos).

Ao se observar o conceito de signo desenvolvido por Hjelmslev, decorrente da união de sons e conceitos, realizados no ato lingüístico, entende-se o morfema como sendo o signo mínimo, pois, na definição de signos, não cabe a delimitação da dimensão das unidades significativas. Assim, no ato lingüístico, a significação é produzida tanto ao se enunciarem os signos mínimos (morfemas), quanto ao se produzirem frases ou textos. As palavras, frases e textos como signos são dotados de sentido.

Hjelmslev enfatiza que apenas a forma da expressão e a forma do conteúdo são do interesse primordial da Lingüística, a qual apenas auxiliaria os estudos da substância da expressão, que ficaria a cargo da Fonética, e da substância do conteúdo, mais pertinente às disciplinas científicas ou filosóficas.

Fiorin (2005, p. 61) destaca que, em relação à questão da arbitrariedade do signo defendida por Saussure, direciona-se uma diferenciação entre o que é terminantemente arbitrário e o que é relativamente arbitrário:

Um signo como *mar* é absolutamente arbitrário, porque não há nenhuma motivação no liame que une o significante e o significado. Já um signo como *dezenove*, lembra os dois signos que o compõem, *dez* e *nove*. Como o significado de *dezenove* é “dez + nove” e o significante é composto dos signos *dez* e *nove*, ele é relativamente motivado. Os signos *dez* e *nove* são absolutamente arbitrários. A mesma coisa acontece com *pereira*. De um lado, esse termo evoca o signo *pêra*; do outro, o sufixo *-eira*, que aparece em nomes de árvores como *cerejeira*, *macieira*, *ameixeira* etc. A relativa motivação aparece na formação de palavras por composição ou derivação.

Contudo, no decorrer do tempo, determinadas motivações relativas se esvaem, devido às mudanças fonológicas e morfológicas aplicadas aos signos.

Sem negar o princípio da arbitrariedade defendido por Saussure, Jakobson (1969, p. 98-117) faz algumas ressalvas, ao sugerir que a arbitrariedade do signo deveria ser matizada, já que, em vários casos, ocorrem motivações em todos os níveis da língua. Para isso, afirma que parece haver um simbolismo universal nos sons das línguas naturais. Um exemplo consiste na oposição de fonemas graves, como o /a/ (que sugere a imagem do claro), e de

fonemas agudos, como o /i/ (o qual sugere a imagem do escuro), dentre outros exemplos que não serão descritos aqui.

O poeta busca motivar a relação entre o significante e o significado. Essa relação não aparece no nível do signo mínimo, mas no do signo-texto. Por isso, no texto poético, o plano da expressão serve não apenas para veicular conteúdos, mas para recriá-los em sua organização. O material sonoro contribui para produzir significação, o plano da expressão é colocado em função do conteúdo. Os elementos da cadeia sonora lembram, de algum modo, o significado presente no plano do conteúdo. As aliterações, as assonâncias, os ritmos imitam aquilo de que fala o poema, pois ele é, na frase do poeta Valéry, “uma hesitação prolongada entre o som e o sentido”. Os sons na poesia são escolhidos em razão de seu poder imitativo. (FIORIN, 2005, p. 63).

Como se pode ver, na poesia, a motivação do signo é expressa clara e vigorosamente.

2.3 A MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A permanência e a mudança lingüística denominadas, respectivamente, por Saussure (1999, p.89).de *imutabilidade* e *mutabilidade* da língua, são ressaltadas, ao lado do caráter arbitrário do signo que o limita à tradição; a quantidade inumerável de signos necessários na construção de uma língua; o caráter altamente complexo do sistema; a inércia coletiva a toda renovação lingüística, pois, além de a língua estar situada no tempo, forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação. Em contrapartida, o tempo, antes um fator de imutabilidade, também se constitui em um fator de mutabilidade. Para tais mudanças, Saussure usa o termo *alterações*, as quais têm como princípio básico a continuidade, “e levam sempre a um deslocamento da relação entre significado e significante” (SAUSSURE, 1999, p. 89). Além disso, demonstra que a dicotomia imutabilidade/mutabilidade expressa o fato de que a língua se encontra em constante transformação, mas ela não depende da ação dos indivíduos.

Ao comparar a mudança lingüística ao jogo de xadrez, Saussure expõe que a intenção lingüística é externa ao sistema lingüístico:

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a intenção de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o

sistema, enquanto a língua não premedita nada; é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam; (...) Para que a partida de xadrez se parecesse em tudo com a língua, seria mister imaginar um jogador inconsciente ou falto de inteligência. (SAUSSURE, 1999, p. 105)

Para Martinet (1975), as mudanças lingüísticas são facilmente perceptíveis, ao se observarem textos dos séculos passados, todavia, nem sempre são perceptíveis as mudanças que ocorrem durante a vida de uma pessoa ou dentre as diversas gerações que convivem contemporaneamente, por conta da suposta homogeneidade da língua preconizada na forma escrita conservadora. Como um dos fatores da mudança lingüística, considera a Lei do menor esforço, baseado em que “o homem só despense energia na medida em que esta lhe permite atingir os objetivos que pretende” (MARTINET, 1975, p. 181). A lei do menor esforço, ou economia lingüística, pode-se dar na esfera sintagmática ou paradigmática. Ao se criar uma unidade mais específica, evitando-se o uso de várias unidades para designar uma só coisa, ocorre a economia sintagmática; quando se procura evitar a criação de um termo inédito que aumentaria o número das unidades a serem memorizadas e, ao invés disso, há a tentativa de “especificar-se um termo bastante geral por adjunção doutro, também bastante geral” (MARTINET, 1975, p. 182), ocorre a economia paradigmática. A frequência do emprego é que determinará a escolha.

A partir de pesquisas e comprovação por análise de dados, observa que quanto mais freqüente for o uso de uma palavra, menor massa fônica terá e quanto mais raro for o uso, resultará em maior massa fônica. Ressalta, ainda, que a variação na frequência pode interferir no nível de informação gerada pela unidade lingüística e na forma, modificando, conseqüentemente, o seu custo, ou seja, o consumo de energia gasta para a emissão da unidade significativa. Inversamente à lei do menor esforço, também é perceptível a larga frequência da redundância nos atos de comunicação, como os enunciados emitidos pelos adultos, ao se dirigirem às crianças pequenas, em fase de aquisição da língua, ou quando o professor se quer fazer entender pelos alunos e o médico, ao falar de uma doença a um leigo etc.

Menos rígido do que Saussure, Martinet (1975) considera as mudanças inerentes ao funcionamento da língua, especialmente na justaposição de gerações diferentes, em uma mesma comunidade, em um momento dado, e por uma diversidade de situações lingüísticas reais, assim:

As línguas se modificam sem por isso deixarem de funcionar e que é largamente provável encontrar-se em curso de modificação a língua cujo funcionamento procuramos descrever. Aliás, basta refletir um pouco para nos convenceremos de que tal acontece com todas as línguas e a cada

instante, e por isso se perguntará se é possível dissociar o estudo do funcionamento do estudo da evolução. (MARTINET, 1975, p. 27)

Segundo Câmara Jr. (1967), inicialmente, por volta das primeiras décadas do século XIX, o estudo da mudança lingüística era focalizado na pesquisa histórica. Posteriormente, no início do século XX, influenciados pelo Evolucionismo, muitos lingüistas consideravam a mudança lingüística como uma evolução, através da qual a língua passava por estágios, saindo de uma forma mais elementar para uma forma mais evoluída, como um ser vivo.

Saussure, no início do século XX, destacou a importância do estudo sincrônico do funcionamento do sistema lingüístico e seus elementos. Além disso, o termo “evolução” passou a designar um “processo de mudanças graduais e coerentes” (CÂMARA Jr., 1967, p. 192).

Devem ser estabelecidos parâmetros e fronteiras definitivos entre mudança e empréstimo. Por empréstimo, entendem-se as inserções que uma língua sofre em contato com outra, ou como afirma Bloomfield (1933, apud CÂMARA Jr., 1967, p. 192) “a adoção de traços lingüísticos diversos dos do sistema tradicional”. Contudo, há de se incluir nessa óptica, além das línguas estrangeiras propriamente ditas, as inserções decorrentes das línguas ou dialetos locais provindas de outras regiões. Já a mudança lingüística é contínua e permanente, na passagem de uma geração a outra.

A mudança lingüística pode-se dar na fonologia, na morfologia, na sintaxe e no léxico da língua. Mudam-se fonemas, novos lexemas surgem, diferentes arranjos sintáticos vão aparecendo, ao mesmo tempo em que outras formas e arranjos sintáticos gradualmente são esquecidos. No que diz respeito ao léxico, tanto a mudança lingüística quanto a adoção dos empréstimos ocorrem concomitantemente.

Ao se considerar que a linguagem utilizada no cotidiano das pessoas consiste em um meio de comunicar opiniões e conceitos espontaneamente, percebe-se que as mudanças lingüísticas não ocorrem de maneira consciente pelos falantes, pois uma tentativa de mudança consciente na expressão lingüística resultaria no desvio do enfoque das idéias para o modo como as idéias foram expressas. Observa-se que as mudanças lingüísticas decorrentes de um ato consciente, são, em sua grande maioria, destinadas à literatura, contudo, ao se tratar do léxico, a mudança será movida pelas necessidades comunicativas da sociedade, pela evolução científica e social etc.

Câmara Jr. ressalta que a mudança lingüística não se firma pela imitação, mas, antes, por uma predisposição coletiva, segundo três fatores geradores:

(i) a língua precisa acompanhar e se adequar às mudanças culturais para que possa exprimi-las;
 (ii) a adequação da língua à criação estética;
 (iii) o sistema lingüístico não se constitui completo e estável, ou seja, Por isso, não se deve conceber a língua, como um sistema ideal, à maneira, por exemplo, da matemática. Ela é antes como esses conjuntos arquitetônicos enormes e cheios de ramificações, que partiram de um plano inicial há mais de 100 anos, mas em seguida foram-se desenvolvendo com múltiplas modificações, de sorte que não raro as partes antigas em discordância com o novo plano, ao invés de eliminadas, foram adaptadas, e, numa composição inteiramente outra, receberam uma função para que não estavam de início destinadas, enquanto, por sua vez, as partes novas raramente são feitas de material novo, mas sim de vigas, portas, janelas e até compartimentos inteiros da construção antiga que já não se usam no seu antigo lugar e na sua antiga função” (GLINZ, 1952, p. 21 apud CÂMARA Jr., 1967).

Pode-se entender, então, que as mudanças lingüísticas, muitas vezes, se tornam inevitáveis.

Guilbert (1975) enfatiza que a atividade da linguagem resulta tanto da utilização dos signos lingüísticos (como símbolos da realidade), quanto do agrupamento desses signos, ou seja, a criação lingüística ocorre no nível do signo e no nível da frase, de modo que o signo está essencialmente destinado a entrar em combinação com outros signos na formação da frase, tendo em vista a troca de experiências entre os membros de uma mesma comunidade.

Dessa forma, pode-se produzir, através de um número limitado de signos e um número limitado de tipos sintagmáticos do encadeamento dos signos, uma infinidade de representações da realidade. Todavia, o caráter ilimitado da realidade a se exprimir deixa clara a necessidade da criação lexical, por isso a neologia está presente no processo da mudança lingüística, seja através da criação de significantes novos, de relações lexicais novas entre significantes e significados, ou da importação lexical.

Esse lingüista conceitua a realidade não apenas como as coisas do mundo e o modo de conhecimento que elas implicam (conhecimento teórico e conhecimento experimental), como também a variedade das reações psicológicas dos interlocutores, enquanto indivíduos e membros de um grupo social.

Contudo, a língua comporta um princípio de estabilidade por causa de sua natureza social, visto que há a necessidade de uma representação e de uma expressão comum aos membros de uma mesma comunidade, para que possam se comunicar e se compreender. Por conta disso, convivem juntas a tradição e a mudança nas diversas gerações de locutores de uma comunidade:

Une langue vivante, malgré le changement qui travaille constamment les assises du système, ne cesse jamais de fonctionner et d'assurer la communication entre les différentes générations de locuteurs de la communauté. C'est donc le problème de la continuité à travers le changement historique qui se trouve ainsi posé, problème complémentaire de celui de l'homogénéité du système à travers l'hétérogénéité des sous-codes phonologique, grammatical et lexical constitutifs de ce système.¹ (GUILBERT, 1975, p. 19)

Não se podem suprimir as causas da mudança lingüística no nível do locutor e no nível da comunidade lingüística. Uma teoria da mudança lingüística deverá basicamente ter em conta a atividade criativa do locutor e o fato social da generalização da criação lingüística assim como os obstáculos a esta generalização. Convém, por conseguinte, estudar a relação entre a criatividade lingüística, o uso e a norma. Com isso, podem-se ver tipos de relações diferentes entre essas noções, ou o uso é apenas a exteriorização das regras inclusas na estrutura da língua e se confunde com a noção de criatividade. Nesse caso, não há lugar dado para a noção de norma. A norma é apresentada como um dado primeiro que se impõe ao uso e rege a criatividade, ela é, então, a regra que limita o ato criador.

2.4 O LÉXICO

De acordo com a lexicologia clássica, o léxico consiste no conjunto não estruturado de palavras de uma língua e seu estudo almeja o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada lexema, no presente e no passado. Contudo, ao contrário do conceito tradicional, o léxico apresenta um alto teor de regularidade e é um componente básico da organização lingüística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical, quanto do ponto de vista textual e estilístico.

O papel do léxico está diretamente ligado à dupla função da língua, como sistema de classificação e sistema de comunicação, já que categoriza as coisas sobre as quais se quer

¹ Uma língua viva, apesar da mudança que trabalha constantemente os estabelecimentos do sistema não cessa jamais de funcionar e de assegurar a compreensão entre as diferentes gerações de falantes da comunidade. É, pois, o problema da continuidade através da mudança histórica que se encontra assim posto, problema complementar do da homogeneidade do sistema através da heterogeneidade dos subcódigos fonológicos, gramatical e lexical constitutivos desse sistema (tradução nossa).

comunicar, fornecendo unidades de designação que são utilizadas na construção de enunciados. Todavia, não se constitui em um conjunto fechado de unidades de designação, ao contrário, trata-se de um sistema dinâmico, capaz de se expandir na medida em que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados, pois apresenta estruturas que permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de novos lexemas por parte de cada falante.

O léxico pode ser considerado como externo (conjunto de palavras de uma língua que pode ser verificado nos enunciados ou representado nos dicionários) e interno, ou mental (padrões gerais de estruturação - os processos de formação léxica, a partir de material já existente - que permitem a interpretação ou produção de novas formas).

Pode-se verificar que a expansão do léxico não se dá apenas pelo aumento do número de unidades que todos teriam que decorar, visto que isso tornaria o sistema pouco eficiente pela sobrecarga da memória e por impedir a comunicação automática, ao contrário, sendo a grande parte dos novos lexemas inteiramente formados a partir de material reciclado, esse processo se dá, muitas vezes, de maneira intuitiva, visto que o falante, ainda que não escolarizado, pode, intuitivamente, utilizando-se dos recursos da língua, como os afixos, radicais, desinências etc., apreendidos no processo de aquisição da gramática interna, construir unidades lexicais simples, compostas ou sintagmáticas.

O léxico mental é, em grande parte, virtual. De fato, o léxico provê estruturas, por exemplo, para aproveitar qualquer lexema de uma classe, para a formação de um lexema equivalente em outra classe. Assim, todos os lexemas de uma classe existiriam virtualmente nas outras classes. Mas virtualmente e não, na realidade. Alguns existem na realidade e outros, não.

A vantagem que daí decorre encontra-se no fato de se poder acionar o processo sempre que necessário; assim, não se tem que sobrecarregar a memória com um número imenso de elementos lexicais, o que tornaria o sistema pesado e ineficiente. Portanto, há um léxico real (o conjunto de palavras da língua) e um léxico virtual (o conjunto de padrões que determinam as construções lexicais possíveis e sua interpretação), que dependem da aceitabilidade dos falantes para se tornarem termos lexicalizados.

Enfim, a virtualidade é um fator tão importante na produtividade lexical, quanto os fatores concretos. No entanto, não se constitui em um fator suficiente por si só para definir a geração de um novo item lexical, pois é necessário que ocorra a demanda onomasiológica para que a nova designação em potencial se realize no léxico da língua.

A Onomasiologia é o estudo do campo das designações lingüísticas que se realizam a partir de um objeto mental, ou conceito. Pode-se afirmar que existe complementaridade entre a onomasiologia e a semasiologia (BALDINGER, 1984, p. 91).

Ressalta Baldinger que Ullmann, a partir da adaptação do triângulo de Ogden e Richards, estabeleceu a relação existente entre a significação que conduz um significante a um conceito (objeto mental) e a designação que conduz um conceito a um significante.

Pode-se admitir, como objeto da Lexicologia, o campo semasiológico ou o campo de significações que, na óptica baldingeriana, é formado por uma série de acepções que levam a uma série de representações mentais ou campos onomasiológicos. Esses campos são classificados em micro-estruturas, ao lado das macro-estruturas, constituídas pela organização conceitual (sistema de conceitos) e pela organização dos significantes, sendo que entre esses campos há constantes superposições.

No campo da Terminologia, a classificação conceitual leva à estruturação de domínios, cuja importância é fundamental para a apreensão das relações de compreensão, extensão e daquelas mantidas com outros conceitos, podendo-se caracterizar três tipos, como a) o conceito próprio de um domínio; b) o conceito emprestado e c) o conceito que ultrapassa o domínio (BARROS, 2004, p. 106-107).

2.4.1 Estrutura do léxico

O léxico compõe uma das partes do sistema lingüístico, no qual os lexemas são tidos como elementos abstratos. A escolha do termo *palavra* ou *vocábulo* vem causando impasses entre estudiosos do assunto, e freqüentes equívocos e imprecisões na literatura metalingüística. Por conta disso, alguns lingüistas conceberam o termo *lexema* para designar a unidade léxica abstrata da língua. Mas o uso dessa terminologia não é unânime. Alguns preferem para a mesma designação o termo *lexia*; ou ainda usam outros termos.

Biderman (2001) prefere adotar o termo *lexema*, para as unidades abstratas da língua que podem se apresentar na forma fixa ou variável, o que ocorre com freqüência nas línguas flexivas e aglutinantes, como a língua portuguesa. Às formas variáveis do lexema denomina de lexias. Exemplo: o lexema *plantar* pode manifestar-se discursivamente como *planto*, *plantei*, *plantava*, *plantando* etc.; o lexema *livro* pode manifestar-se como *livros* etc. Portanto, *planto*, *plantei*, *plantava*, *plantando* e *livros* são lexias. Com isso, evitam-se as ambigüidades

e imprecisões geradas pelos termos *palavra* e *vocábulo*, termos antigos pertencentes ao vocabulário comum e não-técnico. Simultaneamente, a autora contrasta o termo *Léxico* (=acervo dos lexemas de uma língua) a *Vocabulário* (=conjunto das lexias registradas na obra de um autor, por exemplo).

Bloomfield (apud CÂMARA JR. 1967, p. 87–88) classifica os lexemas como formas livres (substantivos, adjetivos, verbos) e os vocábulos-morfemas como formas dependentes (preposições, pronomes pessoais, artigos, conjunções, afixos), no entanto, tais definições não são suficientes para esclarecer todos os fenômenos discursivos da língua. Muitas vezes, por exemplo, surge a dúvida em torno de se estar perante uma unidade léxica ou um sintagma. Por isso, outros lingüistas ainda classificam as lexias em simples e complexas, de acordo com a consistência da lexia enquanto unidade lexical, ao passo que o significado do todo se torna tão peculiar e independente da soma dos significados dos componentes que formaram tal lexia. Além disso, a consagração da comunidade lingüística também pode conferir a um sintagma a categorização de lexia.

Biderman (2001) também sugere a realização de alguns testes para a diferenciação entre lexias simples e complexas: 1) Teste de substituição, no qual se troca o primeiro elemento por outro sinônimo. Ex.: *boa tarde* – *ótima tarde*. Neste exemplo, verifica-se que a lexia *boa tarde* já está lexicalizada. 2) Teste de inserção, no qual se inclui um outro elemento entre uma seqüência como *dor de cabeça* – *dor forte de cabeça*, *dor fraca de cabeça*. Ao contrário, diz-se *uma forte dor de cabeça*, mas não *uma dor forte de cabeça*. Isso significa que a seqüência *dor de cabeça* também já foi lexicalizada.

De acordo com esse teste, em tese, *boa tarde* e *dor de cabeça* deveriam ser consideradas lexias simples, mas não o são, devido à inconsistência do código escrito, embora sejam listadas como unidades categorizadas. Só são consideradas lexias simples as unidades que são grafadas com um único segmento. O mesmo ocorre com as expressões idiomáticas, em que não é possível alcançar um significado completo, a partir da soma de cada um dos seus elementos constituintes, visto que são indecomponíveis e, geralmente, possuem significação metafórica. Isso faz com que se tornem intraduzíveis de uma língua para outra, pois uma tradução literal não corresponderia ao significado pleno da expressão.

Enfim, é preciso admitir que também o trabalho dos dicionaristas ainda hoje se faz bem árduo, devido aos problemas ortográficos da língua, diga-se de passagem, na língua portuguesa, além do fato de o léxico ser um campo lingüístico aberto e variável e pela jovialidade dos estudos semânticos na teoria lingüística.

Segundo Basílio (2004), pode-se considerar que o lexema é formado basicamente por dois morfemas: raiz e afixo (*re + pensar*), sendo que alguns contêm apenas a raiz (*lar, pé*). Os afixos que se unem à raiz para formar lexemas se classificam em: a) prefixo – se ocorrem anteriormente à raiz (*des + fazer*) e b) sufixo – se for adicionado depois da raiz (*pensa + dor*).

Os afixos são acrescentados aos elementos lexicais, podendo alcançar vários níveis, se a base formadora já se constituir como uma base complexa acrescida de afixos (*pedir – im + pedir, dê + im + pedir, des + im + pedi + mento*). Assim, *pedir* é base simples para *impedir*, que passa a ser base complexa com um afixo para *desimpedir*, que se torna base complexa com dois afixos para *desimpedimento*. Dessa maneira, pode-se depreender que o lexema não é formado de uma seqüência de morfemas, mas, sim, de uma base acrescida de afixo, além de também poder ser formado por mais de uma base (*cachorro-quente*).

A morfologia tradicional denomina a raiz do lexema de *radical* e ao radical acrescido de uma vogal temática de *tema* – termo que só é utilizado nas formas flexionadas (*fal + a = fala*).

Os lexemas são utilizados na formação de enunciados, fato que acontece de modo espontâneo para o falante. Igualmente, algumas vezes, a criação de um novo termo ocorre no exato momento da construção do enunciado, motivada por uma necessidade tal e pelas possibilidades que o sistema lexical oferece. Da mesma maneira, acontece durante a leitura de um texto, quando lexemas, até então desconhecidos pelo leitor, podem ser facilmente compreendidos por ele. Isso se torna possível porque os significados de parte dos morfemas² que constituem os lexemas são armazenados na memória, facilitando a compreensão de diversos outros lexemas formados com os mesmos morfemas. Assim, sabendo-se que o prefixo *anti-* significa oposição, pode-se criar “*antiviolento*”, “*anti-radicalismo*” etc., desde que também se conheçam o sentido de *violent -o* e *radical -ismo*.

Os recursos do sistema lexical são utilizados tanto para a criação de termos do discurso formal, quanto coloquial. No discurso formal, muitas vezes, utilizam-se os afixos de acordo com a classe do lexema que se pretende formar; outras vezes, utilizam-se formadores de composição ou formas livres ligadas pelo sentido ao elemento ou conceito que se quer denominar.

² Entenda-se morfema como a menor unidade lingüística que possui significado, incluindo raízes e afixos, formas livres (p.ex.: *lar*) e formas presas (p.ex.: *barc-*, *-o-*, *-s*) e vocábulos gramaticais (preposições, conjunções).

Na linguagem espontânea, usa-se um elemento léxico do nível coloquial e acrescenta-se a ele um afixo como, por exemplo, os sufixos diminutivos e aumentativos que, na maioria das vezes, têm sentido depreciativo.

Ocorre, porém, que, enquanto alguns lexemas novos parecem ser familiares, outros soam estranhos ou inadmissíveis. Uma das causas para esse fato seria a existência de um lexema com o mesmo sentido, bastante conhecido e utilizado, fazendo com que o novo elemento soe estranho e até desnecessário. Por exemplo, *calcificação* → “*calcificamento*”; *localização* → “*localizamento*” etc. Por isso, é interessante observar como ocorre a seleção dos afixos. Ex.: entre os verbos terminados em *-ar*, alguns formam substantivos em *-ção*, outros em *-mento* (como *formar/formação* e *confinar/confinamento*); dos substantivos terminados em *-ção*, alguns formam adjetivos terminados em *-oso* (*atencioso*), outros em *-ivo* (*atrativo*), outros em *-al* (*proporcional*), outros em *-dor(a)* (*nutridor* – nesse caso também se usa *nutritivo*) etc.

As possibilidades derivacionais e composicionais do sistema lexical tornam-no bastante dinâmico, produtivo e eficiente, já que se podem formar verbos derivados de nomes, nomes derivados de verbos, adjetivos derivados de nomes derivados de verbos, advérbios derivados de adjetivos etc., cada nova lexia inserida no léxico da língua, como no exemplo, *precário* – *precariedade* – “*precarizar*” – “*precarizado*”³ etc. Além disso, a derivação só ocorre, face à necessidade, anulando naturalmente as derivações virtuais que se percebem incoerentes ou incabíveis como, por exemplo, “*precarizante*” “*precarização*” ou “*precarizamento*” etc.

O interessante é que as possibilidades fazem parte do sistema e pode-se recorrer a elas a todo instante, sem grandes esforços, e suprir lacunas vocabulares que, porventura, surjam, atendendo às demandas enunciativas.

Há processos de formação, em que os lexemas não mudam de classe gramatical. É o caso da prefixação, por exemplo, que ocorre quando o que motiva a formação de uma nova lexia não é a mudança da classe gramatical, mas, sim, a finalidade de se conseguir uma extensão ou deslocamento de sentido que atenda satisfatoriamente à necessidade de expressar algo, sem que seja necessário se criar uma lexia fonologicamente nova, ou derivada com mudança de classe gramatical, como explica Basílio (2004, p. 9), “formar outra (palavra)

³ “[...]chegou a qualificar os contratos de "precarizados" devido à falta de controle que propiciavam [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 14 c. 1)

semanticamente relacionada, que apresente uma diferença específica em relação à palavra-base.”, como exemplo, a palavra “*despolitizar*”⁴.

Já a sufixação muda a classe gramatical do lexema, na maioria das vezes, mas não em todas, pois os sufixos diminutivos e aumentativos somente estendem o sentido para uma dimensão de tamanho, afetiva ou pejorativa (*cadeira* / *cadeirinha*, *magro* / *magérrimo* / *magrinho*, *filho* / *filhinho*, *champanha* / *champanhota*⁵, *modelo* / “*modelito*”⁶). Além dos sufixos diminutivos, outro exemplo que pode ser destacado é o sufixo *-eiro*, pois denota profissão, ofício, agente, instrumento, objeto recipiente, lugar, como em “*pauleira*”⁷, “*mensaleiros*” e “*bingueiros*”⁸. O sufixo *-eiro* também forma adjetivo que exprime naturalidade, origem, como em *mineiro* (de Minas Gerais), neste caso, ocorre a mudança de classe do substantivo para adjetivo.

Os nomes derivados, quer sejam substantivos, quer adjetivos, são dotados de uma estrutura morfológica mais enriquecida e a sua carga semântica se torna mais complexa, a partir dos acréscimos sufixais.

Os sufixos *-iz-*, *-ific-*, *-ej-*, *-e-*, *-ec-*, *-esc-*, seguidos de vogal temática e morfemas flexionais de tempo, aspecto, modo, pessoa ou número, são formadores de verbos neológicos, a partir de adjetivos e nomes. Para alguns autores, a vogal temática também possui uma função derivacional.

Do ponto de vista da prototipicidade, os mais nucleares são os adjetivos cuja morfologia é simples, enquanto os derivados são mais periféricos.

Ressalte-se que os estrangeirismos não só alargam o léxico da língua como também se inserem no sistema lexical, acrescentando-lhe itens com função de afixos ou elementos formadores de composição. Ex.: pode-se observar, com certa freqüência, o uso do sufixo inglês *-tion* para formar palavras como “*embromation*”⁹, para intensificar o sentido pejorativo do termo *embromação*; “*enrolation*”¹⁰, para *enrolação* etc.

⁴ “[...]dizer a Wagner que é preciso *despolitizar* as polícias [...]” (T – BA, 02 – 12 – 2006: 14 c. 1).

⁵ “[...]os candidatos devem lembrar do conselho do falecido colunista social Ibrahim Sued: “Cuidado com a *champanhota!*”” (T – BA, 03 – 01 – 2007: 2 c. 1).

⁶ “[...]Lula, aferrado ao *modelito* da estabilização permanente, promete fazer mais quatro anos iguais aos primeiros, [...]” (T – BA, 02 – 08 – 2006: 19, c. 1).

⁷ “[...]São 45 dias de *pauleira*, confessa a advogada [...]” (T – BA, 21 – 08 – 2006: 12 c. 1).

⁸ “[...]Agora, que a República apodreceu; que os *mensaleiros* pintaram e bordaram, que os *bingueiros* deram cartas no seu jogo de azar [...]” (T – BA, 04 – 08 – 2006: 17 c. 1).

⁹ Termo observado em conversas entre professores no Colégio estadual de Valença em dezembro de 2006.

¹⁰ Idem.

Além disso, está-se tornando muito comum a formação de composições híbridas, principalmente com elementos do inglês, como “*vendedorgate*”¹¹ e “*dossiegate*”¹²; o primeiro, formado a partir do nome português *vendedor* e do nome inglês *gate*¹³, utilizado para denominar os melhores vendedores e o segundo, formado pela justaposição do substantivo *dossiê* + *gate*, dando a idéia de se tratar de um dossiê muito bem elaborado; outros exemplos também são vistos, como o adjetivo *light* usado para formar “*ultralight*”¹⁴ etc.

2.4.2 Lexema e morfema

A Lexicologia e a Lexicografia têm o lexema como principal objeto de estudo. O termo Lexicologia também é usado, algumas vezes, com o sentido de designar o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão (morfologia), como nos processos para sua derivação e composição. Abrange, assim, o estudo dos morfemas flexionais e lexicais que servem para formar novos elementos a partir de uma base primitiva.

Baseando-se na experiência de Sapir (1949, apud BIDERMAN 2001) com as línguas indígenas da América, através da qual o lingüista percebeu que os índios são capazes de destacar lexemas e repeti-los como unidades, Biderman afirma que há uma consciência intuitiva de unidade léxica em todos os usuários das línguas, independente de quaisquer que eles sejam. Além disso, também menciona as experiências em que os psicolingüistas designam a *fala holofrástica*, que consiste na capacidade de um bebê, no início da aquisição da língua, usar lexias isoladas para manifestar suas diversas sensações e isso foi observado em diversas culturas e línguas diferentes. Já que, inicialmente, a língua se manifesta através de lexias soltas, com valor de enunciado, então é a lexia que inicia a enunciação do discurso humano.

Para Martinet (1975), todo enunciado da língua tem dupla articulação. Na primeira, articulam-se as unidades dotadas de sentido e matéria fônica, ou seja, compostas de

¹¹ “Venha ser um *vendedorgate*”. Frase extraída de *outdoor*, nas ruas de Salvador-BA, em maio de 2007.

¹² “[...]Sampaio acredita que a PF agiu de forma *politica* para preservar lideranças do PT envolvidas no *dossiegate*. [...]” (T – BA, 9 – 01 – 2006: 14 c. 1)

¹³ Referência a Bill Gates, empresário americano de muito sucesso.

¹⁴ “[...]eleito Jarbas Vasconcelos – ele mesmo um opositorista *ultralight* como governador de Pernambuco[...]” (T – BA, 02 – 12 – 2006: 15 c. 1).

significado e significante que são os monemas¹⁵, palavras e sintagmas. Cada uma dessas unidades pode ser substituída por outra no eixo paradigmático ou pode combinar-se com outras no eixo sintagmático. Na segunda articulação, cada monema pode dividir-se em unidades menores desprovidas de sentido. Essas unidades são os fonemas.

Então, um enunciado como *os meninos brincam* é composto de sete morfemas: /o-/ + /-s/ + *menin-* / + /o-/ + /-s/ + *brinca-* / + /m/. Distinguem-se dos morfemas lexicais que pertencem a um *corpus* aberto (/menin-/, /brinca-/, etc.); os morfemas gramaticais pertencem a um *corpus* mais restrito (/o/, /s/, -/m/, etc.).

O conceito de *morfema* foi bastante discutido e analisado criteriosamente, a partir das primeiras décadas do século XX, resultando em uma extensa bibliografia que define o *morfema*, da maneira mais geral possível, como a mínima unidade significativa - na descrição das mais variadas línguas do globo.

O distribucionismo, principalmente, destacou esse conceito gramatical na análise lingüística, interessando-se pela repetição sistêmica das mesmas formas com os mesmos significados nos morfemas. Harris (1968, apud BIDERMAN 2001) foi radical, ao sugerir o *morfema* como único instrumento básico necessário e satisfatório de análise para qualquer língua, visto que são enunciados apenas somatórios e combinatórios, declarando irrelevante o lexema.

O fato de se fazer uma gramática baseada em morfemas (unidades mínimas) ou lexemas (palavras) também gerou muita discussão e divisão entre os lingüistas. A postura extremista de Harris foi muito criticada, inclusive por Lyons, que argumenta que “uma gramática baseada na palavra parece ser mais satisfatória que uma gramática baseada no morfema para a descrição de línguas do tipo *flexional*, pois que nos liberta de dificuldades de segmentação morfológica e da inovação de todo um conjunto de *morfos vazios*.” (LYONS, 1974, apud BIDERMAN, 2001, p. 127).

Segundo essa lingüista (2001, p. 114), a aceção mais genérica que se pode fazer sobre a *palavra* é que “essa unidade psicolingüística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-se entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma”, sendo possível, apenas, identificar, delimitar e conceituar a unidade léxica no interior de cada língua, conforme prega a teoria whorfiana, e impossível, para o lingüista, analisar a estrutura léxico-semântica e gramatical da sua língua, à luz do inventário de outra língua.

¹⁵ O equivalente a morfemas.

A definição estruturalista ocupa-se apenas em definir a estrutura dos lexemas, constituindo formulações gerais equivalentes às formas já existentes na língua. No entanto, o conceito de morfema, definido em relação ao significado, gera um problema de análise morfológica, pois no léxico as lexias apresentam um significado global, sendo que esse significado pode não corresponder à soma do significado dos morfemas, ou seja, a *palavra* (ou *lexema*) pode adquirir no enunciado um sentido completamente novo e totalmente desvinculado do significado dos morfemas que a formaram. Dentre os muitos exemplos que podem ser citados, estão os processos de formação por derivação e composição, as expressões idiomáticas (idiotismos) etc.

Algumas vezes, um vocábulo pode adquirir valor de morfema, sendo transposto à condição de uma unidade léxica, ou continuar predominando o seu valor de morfema no enunciado.

Biderman (2001) cita três critérios que os lingüistas têm utilizado para delimitar e definir a unidade léxica:

- (i) Critério fonológico: a palavra é precariamente definida como uma seqüência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado. Assim, após a seleção das unidades léxicas do enunciado, submetem-se os lexemas à análise fonológica, observando as pausas, acentos, e demais regras fonológicas.

Mas esse critério não é viável em todas as línguas e, além disso, deixa lacunas, sendo necessária a utilização de outros critérios para que se possa chegar a um mapeamento completo de todas as características definidoras da unidade lexical.

- (ii) Critério gramatical (morfofossintático): após a análise fonológica à qual foram submetidos os segmentos isolados, estes serão analisados agora com vistas às regras morfofossintáticas que atuam no sistema lingüístico em consideração, já que, apesar de poder haver correspondência entre vocábulo fonológico e um vocábulo mórfico, poderá não haver coincidência rigorosa entre ambos.
- (iii) Critério semântico: nessa etapa, verifica-se o significado como ponto de referência na descrição lingüística.

Na análise gramatical, são usados dois critérios, concomitantemente: o critério formal que concerne à classificação da palavra e o critério funcional que consiste na função exercida pela palavra na sentença. Além disso, ao se identificar e delimitar o item lexical, é preciso que se considere o princípio da coesão interna da palavra e o princípio da permutação.

Em relação ao aspecto semântico, Martinet adotou uma postura razoavelmente sensata, nos anos cinqüenta: “Não se recomenda um método que abstraia totalmente o sentido das unidades

significativas; mas devemos precaver-nos contra os riscos a que se expõe quem se abeira sem precauções do domínio semântico.” (MARTINET, 1975, p. 33)

O lexema, inclusive e enfaticamente, na sua dimensão semântica, é o principal objeto da Lexicologia e da Lexicografia. Nos tempos clássicos, a evolução etimológica constituía-se na prioridade dos estudos lingüísticos. No final do século XIX e começo do século XX, surgem excelentes trabalhos de Lexicologia etimológica, os quais tinham como objeto as línguas românicas, já pendendo também para abordagens semânticas da língua, pois a Etimologia mostra que não se pode considerar uma forma léxica dissociada da sua significação, pois, na evolução léxica das línguas românicas, constatou-se que, freqüentemente, as variações semânticas podiam ocasionar mudanças nos significantes. Isso evidencia a necessidade incondicional de se associar a Semântica aos critérios definidores dos elementos léxicos.

A dificuldade em definir *palavra* se deve tanto ao fato de a noção de *palavra* alterar segundo o grau de consciência dos falantes, visto que a língua e, em especial, o sistema lexical constituem-se como formas de representação da realidade e da cultura de uma comunidade lingüística, como também por adotar diferentes formas nas diversas línguas no mundo.

2.4.3 O significado

A Semântica [do gr. *semantiké*, i. e., *techné semantiké*, 'a arte da significação'], **estudo do significado, das mudanças ou translações sofridas, no tempo e no espaço, pela significação** dos elementos lingüísticos (palavras, morfemas, locuções, sentenças, textos etc.), **da relação de significação entre os signos e da representação do sentido dos enunciados**, está entre as áreas de estudo da Lingüística que vêm indicando maior complexidade e amplitude no desenvolvimento da pesquisa científica.

Ullmann afirma que “o significado é um dos termos mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem” (1964, p. 113), pois, para *significado*, existem várias significações diferentes e outras ainda continuam a surgir, tornando-se, segundo alguns estudiosos, um termo inadequado para fins científicos. A exemplo disso, na Semiótica, teoria dos signos, prefere-se evitar o termo, e implantar outros mais específicos para os diversos fatores que o

significado não consegue discriminar. Por outro lado, alguns lingüistas, em virtude de considerarem que o termo é, de certa maneira, fundamental, optam por defini-lo de maneira mais específica, por meio da adição de qualificativos.

Além da complexidade do termo “significado”, os estudos semânticos são desenvolvidos envoltos em abordagens e terminologias (significado, significação, sentido, conceito, idéia) bastante peculiares a cada autor, de acordo com a perspectiva pela qual se percebem os fatos semânticos.

Segundo Ullmann (1964), o estudo etimológico prevaleceu na antiga filosofia grega. Embora baseados em insuficientes princípios metodológicos e científicos, os estudos do significado já se faziam presentes, mesmo de maneira tímida.

A Semântica, introduzida no século XIX, parte de pressupostos que remontam ao conceito de significado desenvolvido por Aristóteles, o qual engloba a definição do vocábulo como unidade mínima do significado e a distinção entre duas espécies de palavras: as que conservam o significado, mesmo estando isoladas e as que consistem em apenas elementos gramaticais, caracterização vista ainda hoje nos termos “palavras lexicais” e “palavras gramaticais”. Dessa maneira,

As idéias greco-romanas acerca das palavras e do seu emprego exerceram assim uma influência, se nem sempre benéfica, pelo menos vigorosa sobre a semântica moderna, mas o impulso para a criação de uma ciência do significado veio de outro lado. Foram sobretudo dois fatores que desempenharam um papel decisivo no seu aparecimento na primeira metade do século XIX. Um deles foi o nascimento da filologia comparada, e, de um modo mais geral, da lingüística científica no seu sentido moderno (ULLMANN, 1964, p. 12).

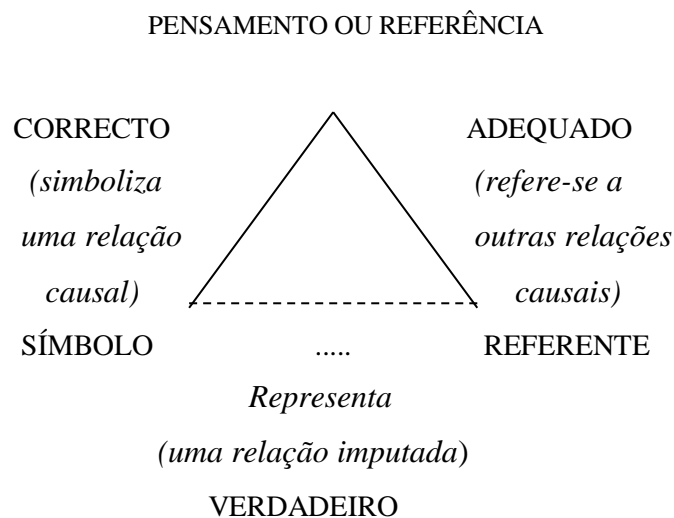
A análise do significado baseada nas concepções aristotélicas traz em si a idéia de imanência e ainda vem gerando bastantes discussões a respeito dessa perspectiva, principalmente pelos lingüistas que defendem que o contexto é essencial no processo de construção do sentido.

Ullmann se mostra de acordo com a idéia da imanência, ao argumentar que “um termo subsiste inteiramente por si só, sem qualquer suporte contextual, e continuará, assim mesmo, a fazer sentido” (1964, p. 103). Além disso, também argumenta que “se as palavras não tivessem significado para lá dos contextos, seria impossível compilar um dicionário” (1964, p. 103).

Segundo Geckeler (1976), na Lingüística, diversos caminhos são apresentados para definir o significado:

- i) Na Psicosemântica, que tem como maiores precursores Ch. E. Osgood e seu círculo, o acesso ao significado ocorre por meio da reação psíquica do ouvinte a uma palavra.
- ii) De acordo com a definição do significado de L Bloomfield, o significado de uma forma lingüística se dá de acordo com a situação (a qual abarca todos os objetos e acontecimentos de seu universo) em que o falante a enuncia e a resposta que provoca no ouvinte. Assim, se constitui a determinação situacional do significado, quer dizer, o significado se interpreta, no sentido da redução behaviorística, como “situação”, entendida como totalidade das relações extralingüísticas que aparecem em uma palavra. Contudo, no exercício da investigação lingüística, esse método da somatória das situações não foi ainda realizado completamente, por conta de se questionar a sua viabilidade.
- iii) Um método que se aproxima mais do procedimento lingüístico se constitui na determinação contextual do significado. Nesse ponto, não se deve confundir duas coisas diferentes: por um lado, os significados contextuais, quer dizer, as acepções ou variantes da fala (aqui não relevantes) e, por outro lado, a determinação do significado, mesmo diante do contexto como método. Aqui se trata, pois, do significado como contexto, definido e estudado como relação lingüística. O significado de uma palavra se equipara, dessa maneira, à soma dos diferentes contextos nos quais aparece, quer dizer, à soma de suas distribuições lingüísticas.
- iv) Dois tipos de definições gerais do significado apresentadas por Ullmann: a) definições analíticas (referências) do significado, que buscam alcançar a essência do significado, restringindo-o aos seus elementos básicos; e b) definições operacionais (contextuais) do significado, que estudam as palavras em ação, dando preferência ao modo como operam e não à definição do termo *significado*. Ambas as definições vêm sendo produtivas para a Lingüística, motivo pelo qual serão mais explicadas neste trabalho.

Sobre as definições analíticas (referências) do significado, Ullmann (1964, p. 116) apresenta, inicialmente, o “triângulo básico” de Ogden e Richards:



De acordo com o diagrama acima, que distingue os três componentes essenciais do significado, não existe uma relação direta entre as palavras e as coisas que elas “representam”.

Assim, “a palavra ‘simboliza’ um ‘pensamento ou referência’ que, por sua vez, se ‘refere’ ao aspecto ou acontecimento de que estamos a falar” (ULLMANN, 1964, p. 117).

Para um estudo lingüístico do significado, o triangulo oferece, ao mesmo tempo, algo de menos e demais. Demais, porque o referente, o aspecto ou o acontecimento não-lingüístico, ficam nitidamente fora do âmbito da Lingüística. Um objeto pode permanecer inalterado e, no entanto, mudar o significado do seu nome, se houver qualquer alteração na percepção que dele se tem, no conhecimento acerca dele, ou no sentimento para com ele. O lingüista terá, portanto, o cuidado de limitar a sua atenção ao lado esquerdo do triângulo, a ligação entre “símbolo” e “pensamento ou referência”.

Os seguintes termos são sugeridos por Ullmann (1964): *nome*, *sentido* e *coisa*. O *nome* é a configuração fonética da palavra, os sons que a constituem e também outros aspectos fonéticos, tais como o acento. O *sentido*, expresso em termos gerais, sem se fechar em nenhuma doutrina psicológica particular, é a informação que o nome comunica ao ouvinte, enquanto que a *coisa* é o referente de Ogden e Richards, o aspecto ou acontecimento não-lingüístico acerca do qual se fala. Este último, como se vê, cai fora do âmbito da Lingüística, mas a relação entre o nome e o sentido terá de ser considerada mais atentamente.

É neste ponto que o esquema de Ogden-Richards não vai suficientemente longe. Dá conta de como a palavra atua no ouvinte, mas parece desprezar o ponto de vista de quem fala. Para o ouvinte, a seqüência de acontecimentos será como se mostra no triangulo básico: ouvindo a palavra, suponha-se *porta*, pensar-se-á em uma porta e, assim, compreender-se-á o que está a dizer aquele que fala. Para ele, a seqüência será exatamente a inversa: pensará, por uma razão ou por outra, em uma porta, e isso fá-lo-á pronunciar a palavra.

Geckeler ressalta que o estudo do significado é desenvolvido por meio de diferentes terminologias e sentidos conforme os diversos autores da Lingüística moderna norte-americana:

"grammatical meaning" y "lexical meaning" (Bloomfield y Bloch-Trager), "structural meaning" y "lexical meaning" (Fries), "linguistic meaning" y "social-cultural meaning" (Fries), "internal meaning" y "external meaning" (Greenberg), "differential meaning" y "referencial meaning" (Fries), "situacional meaning" y "behavioral meaning" (Lounsbury), "linguistic meaning" y "extralinguistic meaning" (Lounsbury), "intraorganismic meaning" y "extraorganismic meaning" (Joos) y algunas mas. (1976, p. 42).¹⁶

¹⁶ "significado gramatical" e "significado lexical" (Bloomfield y Bloch-Trager), " significado estrutural " e " significado lexical " (Fries), " significado lingüístico " e " significado social-cultural " (Fries), " significado interno " e " significado externo " (Greenberg), " significado diferencial " e " significado referencial " (Fries), " significado situacional " e " significado *behavioral* " (Lounsbury), " significado lingüístico " e " significado

Essa abundância terminológica, em alguns casos, contribui para um aprimoramento do instrumental usado na análise semântica, outras vezes, os termos propostos se baseiam em diferenciações que não são lingüisticamente relevantes. Além disso, as dificuldades terminológicas abrangem várias línguas, sendo usados termos como; *sentido*, *conteúdo*, *valor* etc.

A ambigüidade, segundo Ullmann (1964), pode ser reduzida, mas não eliminada, se a atenção for restrita ao significado das palavras e adverte que muitos componentes lingüísticos, como os morfemas, por exemplo, têm um “significado” de qualquer espécie, assim como as combinações das quais fazem parte, e todos estes significados vários exercem a sua função no significado total da expressão.

Lyons (1987) enfatiza que parece óbvia uma distinção entre significado lexical e significado de sentença, sendo que, antes, o significado lexical foi mais estudado pelos lingüistas, porém, essa realidade vem mudando, por se considerar que não se pode compreender um sem considerar o outro. Desse modo,

o significado de uma sentença depende do significado de seus lexemas constituintes (inclusive de seus lexemas sintagmáticos, se houver); e o significado de alguns, senão de todos, dependerá do significado da sentença em que aparecem. Mas a estrutura gramatical das sentenças, como é intuitivamente óbvio e será logo abaixo demonstrado, também é relevante para a determinação de seu significado: portanto, devemos também recorrer ao significado gramatical como componente adicional do significado das sentenças. Na medida em que a lingüística está basicamente interessada na descrição dos sistemas lingüísticos, os significados de sentença, o gramatical e o lexical, estão claramente dentro do escopo da semântica lingüística. (LYONS, 1987, p. 106).

A Semântica estrutural é fundamentada no conceito saussuriano de valor, conforme o qual a significação de um signo não se restringe à relação entre um significante e um significado, mas deve ser igualmente concebida em decorrência da relação deste signo com outros signos, pois signos com a mesma significação podem ter valores diferentes em contextos variados.

A proposta de estabelecer “campos semânticos”, criados através de comparações entre signos, permite a identificação das unidades mínimas de significação (semas ou traços semânticos) nas quais os sentidos são delimitados reciprocamente.

Greimas (1973) trata a significação lexical por meio de matrizes de traços semânticos e faz analogia entre princípios da Física e conjecturas lingüísticas, ao afirmar que assim como

extralingüístico " (Lounsbury), “significado intraorganísmico” e y “significado extraorganísmico” (Joos) e alguns mais.

na estrutura da matéria há elementos com massas em proporções diferentes, mas com o mesmo número atômico e propriedades químicas, na estrutura da língua, há locuções, perífrases e frases equivalentes a uma única palavra, isso no que se refere ao significado. Adverte, ainda, para a necessidade de se ater à abordagem semântica dentro da sintaxe, inversamente ao que fazem, na sua maior parte, os lingüistas quando se dedicam somente à análise formal.

Na Semântica distribucional, a distribuição das unidades lingüísticas é que vai determinar o sentido das mesmas. Assim, um termo pode adquirir diversos sentidos passíveis de classificação, a partir das construções das quais ele participa.

Também Lyons faz referência ao significado de enunciado, termo também bastante discutido nos meios acadêmicos. Segundo o mesmo autor, “o significado de um enunciado engloba o significado da sentença enunciada, mas não se esgota nele. O resto fica por conta de vários fatores a que podemos nos referir, de forma geral, por contextuais.” (LYONS, 1987, p. 106). Alguns lingüistas preferem excluir o significado de enunciado dos domínios da Semântica lingüística e deixar essa investigação a cargo da Pragmática, considerando que apenas o significado da sentença está inserido no âmbito da Semântica. Essa posição é contestável, visto que a noção de significado de sentença pode depender da noção de significado de enunciado, não sendo possível compreender completamente o significado de sentença sem relacioná-lo, em princípio, a seus possíveis contextos de enunciação.

Atualmente, o estudo do significado também vem sendo desenvolvido sob a perspectiva da Semântica cognitiva, que distingue o sentido central e o sentido periférico das palavras.

3 MORFOLOGIA DERIVACIONAL

No decorrer da história da Linguística, os processos de formação de palavras vêm sendo tratados de maneiras diversas, de modo a servir aos objetivos das várias correntes teóricas. Algumas dessas perspectivas teóricas são as da Gramática tradicional, do Estruturalismo e da Teoria Gerativa Transformacional. Atualmente, o Funcionalismo também se propõe a compor esse quadro.

Para isso, é pertinente ressaltar as duas interpretações empregadas por Basílio (2004, p. 16) para o termo *formação*: “uma interpretação ativa, em que o termo se refere ao processo de formar palavras; e uma interpretação mais passiva, em que o termo se refere à maneira como as palavras estão constituídas”.

É procedente assegurar que, se não todas, mas a grande maioria das gramáticas tradicionais da língua portuguesa trata da morfologia. Todavia, esse empenho se restringe a enumerar, às vezes de maneira extenuante, os diversos processos de formação de palavras, o emprego de prefixos, sufixos e radicais gregos e latinos, com seus devidos significados, acrescentando-lhes exemplos de formações que contêm tais afixos e radicais. Esse modo de análise se enquadra no pressuposto da prescrição, como pretende a Gramática normativa. Assim, essa abordagem se aplica ao que Basílio (2004) denomina de interpretação mais passiva do termo “formação”.

Nessa perspectiva, a formação de palavras é abordada de maneira muito limitada, visto que a maioria das Gramáticas normativas apenas mostra como algumas palavras foram formadas, não considerando que os recursos lexicais estão à disposição de todos e que as pessoas, de modo geral, também contribuem ou podem contribuir para a ampliação do léxico de sua língua, devendo-se, assim, demonstrar como as palavras podem ser formadas e não apenas como as palavras que já existem foram formadas.

Segundo Basílio (2004), um aspecto que precisa ser melhor analisado nas Gramáticas normativas são os critérios utilizados para a preferência por uma abordagem sincrônica ou diacrônica, pois que elas oscilam constantemente.

Contudo, não se pode desconsiderar a colaboração da Gramática normativa no que se refere à descrição de processos lexicais.

A Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira (1907) é, dentre as analisadas neste trabalho, a mais antiga, e nela o autor considera que o estudo da formação de palavras (formação do léxico) pertence à Etimologia.

Pereira assinala que o vocabulário fornecido pelo latim popular foi ampliado, no decorrer de sua evolução histórica, de três maneiras: “1º Por derivação e composição popular; 2º por formação erudita; 3º por importação estrangeira” (1907, p. 155-156). Em seguida, enfatiza que cabem à Gramática Histórica o estudo da origem e evolução dos vocábulos no tempo e no espaço, assim como a definição das leis glóticas que regiam tal evolução, através da análise histórico-comparativa. Com isso, delega à Gramática Expositiva somente a tarefa de estudar os processos de derivação e composição, no âmbito da Etimologia.

Antes de tratar propriamente do estudo da derivação, o autor da Gramática em análise faz uma breve abordagem sobre os elementos mórficos (ou morfológicos) das palavras: radical (ou raiz), tema e afixos. Segundo ele, a parte central da palavra, quanto à forma material e à significação, constitui-se no radical e no tema (que às vezes se resume na expansão do radical). Quanto aos afixos, assinala as sílabas que são adicionadas antes (prefixo) ou depois (sufixo) do tema, modificando-lhe o sentido (*reformatar* = *re* + *form* + *ar*; **form** é o tema, **re** e **ar** são afixos).

Pereira (1907) classifica a **derivação** em **própria** e **imprópria**. Para ele, apenas os sufixos participam do processo de *derivação própria*, uma vez que os prefixos fazem parte da composição: “A **derivação própria** faz-se por meio de **sufixos**, que, aglutinados ao tema das palavras primitivas, lhes modificam a significação, determinando-a, por exemplo: *guerr* + *a*, *guerr* + *ear*, *guerr* + *eiro*, *guerr* + *ilha* (p. 157).

Apresenta como justificativa da significação própria dos sufixos o fato de que eles “trazem sentido novo à palavra primitiva; porém este valor significativo, esta vida própria, só se revela em conjunção com o tema. Separado do tema, o sufixo não tem vida própria” (p. 157).

Pereira (1907) ainda classifica os sufixos em nominais (formadores de substantivos e adjetivos) e verbais (formadores de verbo). Porém, apesar dessa classificação, não faz referência às possíveis mudanças de classe que podem ocorrer na derivação sufixal.

Em seguida, o autor lista os sufixos pelo critério das famílias ideológicas (por considerá-lo mais sistemático e fecundo do que o critério da ordem alfabética). Além disso, primeiro enumera os sufixos nominais: formadores de substantivos, formadores de adjetivos; e, depois, os verbais.

FORMADORES DE SUBSTANTIVOS:

- (i) Sufixos designativos de coleção;
- (ii) Sufixos designativos de aumento;
- (iii) Sufixos designativos de diminuição;
- (iv) Sufixos designativos de agente;
- (v) Sufixos designativos de ação ou resultado dela;
- (vi) Sufixos designativos de lugar;
- (vii) Sufixos designativos de estado, aglutinados a temas de adjetivos para a formação de substantivos abstratos;
- (viii) Sufixos designativos de estado;
- (ix) Sufixos designativos de dignidade e profissão.

FORMADORES DE ADJETIVOS:

- (i) Sufixos designativos de naturalidade, origem, relação;
- (ii) Sufixos designativos de posse, de posse abundante;
- (iii) Sufixos designativos de aptidão, tendência, estado;
- (iv) Sufixos designativos de superlatividade, abundância, intensidade;
- (v) Sufixos participiais.

SUFIXOS VERBAIS

- (i) Sufixos freqüentativos;
- (ii) Sufixo causativo;
- (iii) Sufixos inchoativos;
- (iv) Sufixos diminutivos;

Ressalta, ainda, que, pela **composição**, novas palavras são formadas, a partir da união de dois ou mais elementos. Nesse caso, inclui os prefixos, assinalando que a *composição* alude a uma relação de determinação, em que o elemento principal (que contém a idéia genérica) é o determinado; e o elemento acessório (que contém a idéia específica) é o determinante (*re* + fazer). Esta relação de determinação, além de ser empregada à

Prefixação, também é usada para analisar a justaposição e a aglutinação: “Em *couve-flor* e *aguardente*, **couve** e **água** contêm a idéia principal ou *genérica*: são os determinados; ao passo que **flor** e **ardente** trazem a idéia acessória ou específica: são os *determinantes*” (p. 169).

O autor define os prefixos como elementos determinantes, pois se antepõem ao tema, adicionando-lhe uma idéia acessória e modificando-lhe o sentido. Em seguida, classifica-os como: expletivo ou inxpletivo, separável ou inseparável e depois lista os prefixos vernáculos, latinos e gregos.

Ao discorrer sobre o processo de **justaposição**, enfatiza que pode ocorrer de três formas: por coordenação ou concordância (*amor-perfeito*, *papel-moeda*), por subordinação ou dependência (*beira-mar*) e por locuções ou frases verbais (*ganha-pão*).

A **aglutinação**, segundo Pereira, se aproxima da Prefixação já que em ambas os “componentes se fundem não só na forma como também na *idéia*, para exprimir um conceito único, uma única imagem” (*aguardente*, *vinagre*).

Apesar de o autor não discorrer sobre as formações parassintéticas, em notas sobre a composição, cita o termo parassintético, definindo-o como o processo em que três elementos justapostos – prefixo, tema e sufixo, concorrem para a formação de palavras novas (*empoçar*).

Segundo Said Ali (1964), a **derivação** consiste no processo pelo qual, a partir de umas palavras, outras são criadas, ao se adicionarem elementos formativos que alteram ou lhes modificam o sentido. Esses novos vocábulos são chamados derivados e aqueles de onde eles procedem chamam-se derivantes ou primitivos. Além disso, distingue derivação prefixal de sufixal.

A sua abordagem é mais específica quanto ao processo de derivação **sufixal**, e classifica os sufixos em dois grupos: a) os que servem ou originariamente serviram para formar nomes aumentativos ou diminutivos, devendo-se considerar que a noção de aumento pode transformar-se em noção pejorativa ou, até mesmo, contrair sentido especializado, designando somente certo objeto, sem que este seja notável pela sua grandeza; b) os que formam vocábulos novos e denotam outros conceitos diferentes. Em seguida, menciona os principais sufixos pertencentes a cada grupo.

Continuando, discorre sobre a derivação **prefixal**, listando os prefixos mais importantes.

Sobre a derivação **parassintética**, define-a como o processo pelo qual se formam vocábulos com o auxílio concomitante de sufixo e prefixo. Dessa forma, os verbos são os mais propensos a este tipo de formação.

Através da derivação **regressiva**, podem ser criados vocábulos, subtraindo algum sufixo (*pescar* → *pesca*). O autor acrescenta que aos nomes derivados de verbos dá-se o nome de *postverbais* ou *deverbais*.

Segundo Bechara (2001), a **derivação** ocorre ao se formar uma palavra a partir de outra primitiva, por meio de afixos: prefixos ou sufixos e pode ser **prefixal** e **sufixal**. Ele explica que os sufixos

difícilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam. A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às idéias pejorativas: *poetastro*, *mulheraça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha*, *paizinho*, *maninho*. Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta*, *camisola*. (BECHARA, 2001, p. 357)..

A sua lista de sufixos parte da categoria gramatical que formam e do sentido que eles exercem na palavra. Ex:

I) Principais sufixos formadores de substantivos:

- i) Nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: *-tor*, *-dor*, *-sor*, *-or*: *narrador*, *genitor*, *ascensor*, *cantor* etc.
- ii) Nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar: *-ção*, *-são*: *coroação*, *perdição*, *compreensão* etc.
- iii) Nomes que significam ‘lugar’, ‘meio’, ‘instrumento’: *-douro*, *-tório*: *bebedouro*, *dormitório* etc.
- iv) Para significar abundância, aglomeração, coleção: *-ária*, *-al*, *-ada*: *cavalaria*, *laranja*, *boiada* etc.
- v) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva: *-eiro*, *-aria*: *açucareiro*, *livraria* etc.
- vi) Para formar nomes de naturalidade: *-ano*, *-ense*, *-ista*: *pernambucano*, *cearense*, *paulista* etc.
- vii) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva: *-ismo*, *-ista*: *cristianismo*, *socialista* etc.
- viii) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências: *-ite*: *rinite*

Seguindo a lista de sufixos, os próximos listados pelo autor são os indicadores de aumentativos e diminutivos como *-ão* (*caldeirão*), *-inho*, *-zinho* (*livrinho*, *florzinha*).

Bechara ainda enumera os sufixos verbais que indicam:

- i) Ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa: *-ant* (*ar*): *quebrantar*;
- ii) Ação repetida: *-ac* (*ar*): *espicaçar*;
- iii) Ação pouco intensa: *-it* (*ar*): *saltitar*;
- iv) Início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade: *-ec* (*er*): *alvorecer*.

O sufixo formador de advérbio *-mente*, junta-se ao adjetivo na forma feminina, quando houver: *claramente*, *sinceramente*. Porém, por extensão, pode também, muito expressivamente, ligar-se ao substantivo.

Bechara lista os principais prefixos e enfatiza que são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Além disso, lembra que, apesar de os prefixos latinos terem o sentido muito próximo ao dos prefixos gregos, formando sinônimos, tais palavras, em regra, não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes (transformação e metamorfose).

A **conversão** ou derivação imprópria ocorre, ao se aplicar uma palavra como sendo de uma classe que não a habitual (*Terrível palavra é um não*).

Em Lingüística, o Estruturalismo constitui-se na teoria de que as línguas são, maiormente, estruturas. Foi no período estruturalista da Lingüística Descritiva americana que ocorreu um alargamento nos estudos da análise morfológica. Porém, tais estudos se limitaram à compreensão dos morfemas e de suas possíveis combinações na formação de palavras, e suas diversas classes.

Dessa forma, assim como se dá na Gramática normativa, essa abordagem se aplica à interpretação mais passiva do termo ‘formação’, já que se limita ao estudo estrutural das formações já existentes na língua, indicando modelos gerais que se ajustem a tais formações.

A dificuldade que se verifica nesse tipo de análise provém do conceito básico de morfema, definido como unidade mínima significativa. Assim, o significado das palavras fica subordinado à soma dos significados dos morfemas, sendo que, na realidade, nem sempre é isso que acontece, pois, muitas vezes, o significado de uma palavra não corresponde à soma dos significados das partes, pois, no léxico, as palavras podem ganhar um significado dissociado dos significados das partes.

Silva e Koch (1999) fazem uma abordagem sobre a estrutura da língua, antes de explicar os processos de formação de palavras, com o fim de facilitar a determinação dos processos formadores de vocábulos em português. Além disso, ao iniciar o tópico *Formação de palavras*, deixam claro que farão uma análise sincrônica dos processos de formação.

As autoras iniciam pela **derivação**, quando palavras são formadas por meio de afixos adicionados a um morfema lexical. Apresentam duas condições para que haja a derivação:

1) Depreensão sincrônica dos morfemas componentes, pois:

considerar derivadas, palavras como *submisso*, *perceber*, *conduzir*, *admitir*, a partir de uma pseudo forma livre *-misso-*, *-ceber-*, *-duzir-*, *-mitir-*, com o acréscimo dos prefixos *sub-*, *per-*, *com-* e *ad-* representa um critério diacrônico válido apenas no estudo histórico, já que no estágio atual da língua esses morfemas lexicais inexistem. Assim, tais vocábulos devem ser tratados como palavras primitivas (SILVA; KOCH, 1999, p. 32).

2) O afixo, como forma mínima, deve estar presente no sistema, à disposição dos falantes, para a formação de novos derivados.

Mencionam quatro tipos de derivação:

- a) **prefixal**: acréscimo de prefixos ao morfema lexical: *reter*, *ilegal*, *subtenente*, *compor*;
- b) **sufixal**: acréscimo de sufixos ao morfema lexical: *saboroso*, *ponteira*, *grandalhão*, *barcaça*, *vozinha*, *toquinho*;
- c) **prefixal** e **sufixal**: acréscimo tanto de prefixos como de sufixos ao morfema lexical: *deslealdade*, *infelizmente*;
- d) **parassintética**: acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao morfema lexical: *entardecer*, *esfarelar*.

Silva e Koch (1999) ressaltam que a derivação parassintética difere da derivação prefixal e sufixal porque, na primeira, os afixos são adicionados simultaneamente ao morfema lexical, formando um único morfema gramatical de caráter descontínuo. Para isso, apresentam como exemplo de parassíntese: *tarde* - **tardecer* - **entarde* - *entardecer*; neste caso, como as formações **tardecer* e **entarde* não estão lexicalizadas, concluem que em *entardecer* houve uma afixação simultânea. Já em *feliz* - *infeliz* - *felizmente* e *infelizmente*, todas estas formações estão lexicalizadas, concluindo, portanto, que houve derivação prefixal e sufixal.

Ainda sobre a parassíntese, as autoras afirmam se tratar de um processo basicamente formador de verbos, especialmente dos que exprimem mudança de estado (*engrossar*, *amadurecer*, *rejuvenescer*).

Após tratar das derivações formadas a partir de afixos, as autoras apresentam a **derivação regressiva**, inversamente aos processos anteriores. Ela ocorre pela supressão de morfemas (*caça* ← caçar, *corte* ← cortar) e tais nomes são denominados *deverbais*.

Finalizando o estudo da derivação, referem-se à derivação imprópria, ocasionada pela mudança da classe de palavras, advertindo que, na verdade, não se trata de um processo morfológico e sim sintático-semântico, motivo pelo qual será excluído da lista de processos derivacionais.

A Teoria Gerativa se aproxima dos modelos clássicos de análise gramatical, no que se refere à falta de importância dada aos fenômenos morfológicos, esquivando-se deles. Em sua primeira fase, optou por não instituir um componente morfológico autônomo na gramática de uma língua. Com o desenvolvimento da Teoria Gerativa Transformacional, esse quadro mudou, pois ela passou a considerar o léxico, desenvolvendo estudos sobre o mesmo. Contudo, a Teoria Gerativa contribuiu mais para os estudos da linguagem (especificamente a morfologia) quando, ao mudar de perspectiva, sobrepôs a gramática da competência como objeto de descrição lingüística. Dessa maneira, em vez de se estudar o que já está formado, passa-se a estudar as regras (contidas na competência lexical do falante) geradoras de novas formações, induzidas pelas necessidades do discurso. Contudo, por estar centralizada nos estudos da sintaxe, a Teoria Gerativa tenta extrapolar princípios sintáticos, ao descrever os processos de formação de palavras, dificultando o alargamento dos estudos lexicais.

Segundo Basílio (2004), o processo de **derivação** ocorre pelo acréscimo de um afixo (prefixo: derivação **prefixal** ou sufixo: derivação **sufixal** – elementos com função sintática ou semântica pré-determinada) a uma base para a formação de uma nova palavra (*retrato* + *ista*, *re* + *ler*).

O processo de **composição** ocorre quando há junção de uma base a outra base, para a formação de uma nova palavra, sem elementos fixos nem funções predeterminadas no nível dos elementos. (*guarda-chuva*, *sociolingüístico*). Segundo a autora em estudo,

O que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que, das bases que se juntam para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definido pela estrutura. Por exemplo, em compostos do tipo substantivo + substantivo, o primeiro substantivo funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador ou especificador: *sofá-cama*, *peixe-espada*, *couve-flor*; em composições de substantivo + adjetivo, o núcleo é o substantivo e o modificador é o adjetivo, independente da ordem de ocorrência: *obra-prima*, *livre-arbítrio*, *caixa-alta*, *belas-artes*. Ainda em composições verbo + substantivo, o substantivo tem função análoga à de objeto direto do verbo: *guarda-roupa*, *mata-mosquito*, *porta-bandeira*.

Como vemos, a composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais. (BASÍLIO, 2004, p. 29-30).

Ao se referir às diferenças de função, Basílio (2004, p. 27) afirma que “o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, mas de caráter fixo e, via de regra, de teor geral. Já o processo de composição obedece à necessidade de expressão de combinações particulares”.

Dessa maneira, terão maior produtividade os processos derivacionais cuja função for mais geral.

Em seguida, Basílio analisa a derivação **regressiva** como o processo caracterizado basicamente pela eliminação de um elemento para a formação da nova palavra. Ainda salienta a importância em distinguir derivação regressiva de redução ou abreviação: no caso da derivação regressiva propriamente dita, a supressão é sempre de uma seqüência fônica tomada como afixo: e a palavra resultante não tem o mesmo significado ou uso da palavra derivante.

(...) nos casos de derivação regressiva o que é suprimido não é um afixo, mas uma parte da palavra que é analisada como sendo um afixo. Essa diferença é fundamental, pois, se tivéssemos a supressão de um afixo, teríamos simplesmente a operação reversa num caso de derivação normal. Nos casos de redução ou abreviação, também temos uma palavra formada pela supressão de alguma parte da palavra derivante. Nesses casos, a parte a ser suprimida é, muitas vezes, imprevisível; e a palavra formada é sinônimo da derivante, apenas sendo usada, as mais das vezes, num estilo coloquial. Tal é o caso de formas como *boteco*, por *botequim*, *Sampa*, por *São Paulo*, *granfa*, por *grã-fino*, *delega*, por *delegado*. (2004, p. 37-38).

Conceitua a derivação **parassintética** como o processo cuja estrutura de formação da palavra exige um acréscimo concomitante de prefixo e sufixo a uma base (*enriquecer*, *desalmado*). Dessa maneira, nem toda palavra formada por prefixo e sufixo pode ser considerada como decorrente do processo de uma derivação parassintética. Por exemplo: *insensatez* não se constitui em uma derivação parassintética, pois é formada por dois níveis de derivação – um prefixal (+ *in* ao adjetivo *sensato*) e um sufixal (+ *ez* ao adjetivo *insensato*). Finalmente, uma palavra constitui-se em uma derivação parassintética se, ao retirar um dos afixos, se obtiver uma forma não existente na língua.

Contudo, o procedimento para se reconhecer uma derivação parassintética apresentado acima não dá conta do significado da formação, visto que

Na verdade, a derivação parassintética não é necessariamente ligada à existência ou não de formas prefixadas ou sufixadas (...). Considerem, ao lado de “desalmado”, formas como *desdentado*, *descerebrado*, *desempregado*, *desabrigado*, etc.

O adjetivo *desdentado* significa “sem dente”; é, portanto, semanticamente paralelo a *desalmado*. Há uma diferença entre os dois casos, no entanto: existe o verbo *desdentar* em português. Assim, normalmente não se considera *desdentado* como derivação parassintética, mas como o particípio passado do verbo *desdentar*.

Essa análise, porém, não é adequada, visto que o sentido de *desdentado* é, sobretudo, “sem dente” ou “falho de dentes”, e não “paciente do ato de desdentar”. A diferença fica patente nas frases abaixo:

- a. João é desdentado.
- b. O soco de Pedro deixou João desdentado.
- c. ? João foi desdentado por Pedro.

Em *a*, afirmamos que João não tem dentes; em *b*, que o soco de Pedro o deixou sem dentes. Só em *c* teríamos em *desdentado* uma relação com o ato de desdentar; e exatamente neste caso a frase é de aceitação duvidosa. Porém, mesmo admitindo que *c* pode ser uma frase aceitável para alguns, ainda assim temos que dar conta das duas possibilidades de interpretação, o que só será feito se admitirmos que *desdentado* tem duas formações: uma parassintética, em que temos a adição simultânea de *des-* e *-ado* ao substantivo *dente*, para expressar o sentido adjetivo “sem dente”; e uma em dois níveis, em que temos o acréscimo de *-do*, caracterizador de particípio passado, à base do verbo *desdentar*. (BASÍLIO, 2004, p. 46-47)

Basílio também define a derivação **imprópria** ou “conversão” como “o processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra.” (BASÍLIO, 2004, P. 60).

Antes de iniciar o estudo dos processos de formação de palavras, Rocha (1999) assinala, no capítulo 4, as condições pelas quais novas palavras são formadas e incorporadas ao léxico de uma língua e apresenta as funções de um processo morfológico. Além disso, Rocha ressalta que é preciso fazer a distinção entre as condições de produtividade (que abarcam o potencial de uma regra para formar palavras potencialmente possíveis) e as condições de produção (que dependem de fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática), estudadas por Kastovsky (1986) e em seguida por Basílio (1990).

Ao tratar da **derivação sufixal**, Rocha (1999) aborda questões como sufixação com bases livres e os vários tipos de sufixos (homófonos, concorrentes, alomorfêmicos, categoriais e significativos, produtivos e improdutivos), com bases presas (produtivas e improdutivas), com basóides e sufixóides, além dos conceitos de padrão sufixal e de nominalização.

Por derivação sufixal, conforme Rocha, entende-se o acréscimo de um sufixo a uma base. O autor explica não apresentar uma lista dos sufixos, por ser incabível o estudo isolado do sufixo já que este só é válido se estiver inserido numa regra lexical, que é a

relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto. Ex.:
 $V \rightarrow S_{-dor}$ = há uma regularidade entre a base e o produto, ou seja, essa regra sintetiza relações paradigmáticas do tipo:

programar	programador
paquerar	paquerador
apelidar	(?) apelidador

conseguir (?) seguidor
 reciclar (?) reciclador
 (ROCHA, 1999, p. 106)

O autor em estudo afirma que as formações sufixais podem conter bases livres ou presas e cita Aronoff (1976) que estabelece a importância da caracterização das bases:

...uma regra especifica um conjunto de palavras sobre o qual ela pode operar. A este conjunto, ou a qualquer membro deste conjunto, daremos o nome de *base* dessa regra. Toda RFP especifica uma única operação morfológica que se realiza sobre uma base. Toda RFP também especifica um rótulo sintático e uma subcategorização para a palavra resultante, assim como uma interpretação semântica... (2004, p. 37-38)

Segundo Rocha (1999), a base livre se apresenta como uma palavra da língua, enquanto que o sufixo é uma forma presa recorrente, sem significação própria autônoma, adicionada à direita da base, o que caracteriza uma palavra derivada. Assim, não se deve falar em significação/função do sufixo e sim, em significação/função do produto (palavra derivada), já que a significação do sufixo só estará explícita quando este se ligar à base. Além disso, a identificação do sufixo será feita a partir da verificação da terminação da palavra em outras formações da língua com a mesma significação/função (*padeiro, leiteiro, lixeiro, açougueiro, confeitoiro, sacoleiro, muambeiro*).

Sufixos homófonos são “dois ou mais sufixos distintos que apresentam coincidência sob o ponto de vista fonético, são denominados, tradicionalmente, de sufixos homônimos, por influência da expressão vocábulos homônimos” (ROCHA, 1999, p. 109). Abaixo, alguns sufixos homófonos:

SUFIXOS	SENTIDO E/OU FUNÇÃO	EXEMPLOS
-eiro		
-eiro ¹	agente	verdureiro, doleiro, roqueiro, doceira;
-eiro ²	árvore ou arbusto	abacateiro, tomateiro;
-eiro ³	lugar ou recipiente	galinheiro, saleiro;
-eiro ⁴	idéia de conjunto, coletivo	braseiro, letreiro, nevoeiro;
-eiro ⁵	gentílico	brasileiro, mineiro, pantaneiro;
-eiro ⁶	formador de adjetivos	grosseiro, ordeiro matreiro;
-eiro ⁷	objeto	chuveiro, isqueiro, pandeiro;

(ROCHA, 1999, p. 111)

Os sufixos concorrentes “são aqueles que, embora distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função” (ROCHA, 1999, p. 112). Além disso, as bases e os produtos devem pertencer à mesma categoria lexical, exs.: *-ista* e *-eiro*, *-dor* e *-nte*, *-mento* e *-cão*, e ainda adverte que, “a rigor, deveríamos falar em regras concorrentes, não em sufixos concorrentes”.

Os sufixos alomorfêmicos correspondem às variações de um sufixo em função do contexto, como ocorre nos exemplos:

-ama/-ame – noção coletiva de quantidade: dinheirama, vasilhame;
 -eiro/-eira – árvore ou arbusto: abacateiro, laranjeira, roseira;
 -ilho/-ilha – suf. diminutivo/afetivo: pecadilho, tropilha;
 -idade/-dade/-ade– sufixo formador de substantivos: maldade, amizade, realidade.
 (ROCHA, 1999, p. 114).

Sufixos categoriais são os que mudam a categoria lexical do produto, com relação à base (*conquistar* + *-dor* = *conquistador*) e podem ser significativos (se sobrepuserem ao significado da base uma significação adicional: *conquistar* → *conquistador*: agente) e podem ser não-significativos (caso não seja possível identificar algum componente semântico neles: *teatro* → *teatral*). Estes são também chamados de sufixos funcionais.

Para Rocha, “a rigor, não há sufixos produtivos e improdutivos, mas regras produtivas e improdutivas. É apenas por uma questão de comodidade que se fala em sufixos produtivos e improdutivos”. (1999, p. 116). O autor expõe o seguinte paradigma:

pescar	pescador
namorar	namorador
jogar	jogador
demolir	demolidor

para afirmar que “a língua apresenta a RFP, $V \rightarrow S_{-dor}$. Isso quer dizer que a língua atual tem a capacidade de formar novas palavras com base nessa regra. A regra é, portanto, produtiva. (ROCHA, 1999, p. 116):

apelidar	(?)apelidador
conseguir	(?)conseguidor
apertar	(?)apertador
encaixar	(?)encaixador

Bases presas são aquelas que, apesar de não se duvidar de sua existência, não existem enquanto palavras da língua (*carpint-*, *marcen-*, *ol-* e *serralh-*). Assim,

Não se pode dizer que *carpintaria*, *marcenaria*, *olaria* e *serralheria* designam ‘lugares em que se exerce uma atividade relacionada a X’, porque as bases *carpint-*, *marcen-*, *ol-* e *serralh-* não existem como palavras na língua e não têm uma significação independente. Cremos, porém, que é possível falar em ‘lugares em que se exerce uma atividade relacionada a Y’, em que Y, embora não seja uma palavra da língua, apresenta um conjunto

de semas, ou seja, um conjunto de traços semânticos bem definidos. Sendo assim, observe-se que os produtos referem-se a semas específicos:
 carpintaria – lugar em que se trabalha com madeira, em que se fabricam peças de madeira
 marcenaria – lugar em que se fabricam moveis, em que se trabalha com peças de madeira
 olaria – lugar em que se fabricam peças de cerâmica
 serralheria – lugar em que se fabricam ou se montam peças de metal, de ferro, de alumínio etc. (ROCHA, 1999, p. 119).

Ainda sobre as bases presas, também se pode afirmar que, em alguns casos, elas correspondem aos denominados radicais gregos e latinos da gramática tradicional; e podem apresentar alomorfes (*gastr-*, *gastro-*; *graf-*, *grafo-*); às bases presas podem ser anexados sufixos, outras bases presas ou bases livres (*escot-ismo*, *gastr-ônomo*, *agri-cultura*), e também podem aparecer como segundo elemento da composição (*formi-cida*).

Finalmente, as bases presas podem ser produtivas (a partir das quais se podem formar novas palavras: *agr-este*, *agr-ário*) ou improdutivas (palavras já consagradas na língua, a partir das quais já não se formam novos itens lexicais: *carpint-eiro*, *carpint-aria*).

Basóides são pseudo-bases que só existem em uma formação do português, destituídas da recorrência – condição essencial para se caracterizar como base (*meticuloso*, *jocoso*).

Sufixóides são, como as basóides, falsos sufixos por serem não-recorrentes, atribuindo ao produto um sentido exclusivo, específico (*casebre*).

O processo de sufixação ocorre de maneira homogênea em todos os casos. Por algumas vezes, apresenta regularidades, por outras, não. Assim, sobre os padrões sufixais, segundo Rocha (1999, p. 125), trata-se de

um tipo de relacionamento que existe entre determinadas palavras da língua e que se caracteriza por “essa produtividade praticamente plena” a que se refere Sandmann. Em outros termos: dada uma determinada palavra, é possível prever a existência de outra, desde que satisfeitas tais e quais condições. Um dos exemplos típicos de padronização sufixal é o que se conhece na literatura como NOMINALIZAÇÃO (*stricto sensu*).

Antes de definir nominalização, Rocha afirma ser necessário, inicialmente, distinguir **nominalização lato sensu** (formação de um substantivo a partir de outra categoria lexical, resultando na mudança de categoria de um não-substantivo para um substantivo: *pescar* → *pescador*) de **nominalização stricto sensu** (“associação paradigmática entre verbos e nomes, derivada de um padrão lexical geral” (BASÍLIO, 1980, p. 74 apud ROCHA, 1999, p. 126). Nesse caso, “além dos aspectos fonológico, morfológico e sintático característicos dessa operação, não se pode esquecer que o produto corresponde ao ‘ato, efeito, processo ou estado

de X': *informar* → *informação*". É este conceito de nominalização *stricto sensu* que tem relevância no trabalho de Rocha.

No capítulo seguinte (6), Rocha propõe um modelo de análise para trabalhos que venham a ser desenvolvidos em cursos de Morfologia Gerativa. Refere-se à descrição das formações *X-eiro* em português, analisada sob a ótica da distinção entre produtividade e produção, e abarca os vários tipos de restrição à regra de formação de substantivos ou adjetivos em *-eiro*, assinalando os tipos de bloqueio: paradigmático, homofônico, heteronímico e paronímico.

No capítulo dedicado à **derivação prefixal**, Rocha, após definir o processo citado, discute sobre a questão de a prefixação se enquadrar na composição ou derivação, a distinção entre base presa e prefixo, sincronia e diacronia, prefixação e mudança categorial. Além disso, faz, em seguida, uma abordagem sobre prefixação com bases livres, presas e basóide, prefixóide, prefixo homófono e prefixo concorrente. Os conceitos de bases livres, presas e basóides já foram apresentados acima. Quanto aos conceitos básicos de prefixóide, prefixo homófono e prefixo concorrente se aproximam dos conceitos de sufixóide, sufixo homófono e sufixo concorrente, não cabendo neste trabalho maiores esclarecimentos sobre esse aspecto.

De acordo com Rocha, derivação prefixal "é um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra através do acréscimo de um prefixo a uma base já existente". (1999, p. 151). Sobre os prefixos, caracteriza-os da seguinte forma:

- é uma seqüência fônica recorrente
- não é uma base
- coloca-se à esquerda de uma base
- tem como objetivo formar novas palavras, ou seja, a presença do prefixo caracteriza uma palavra derivada
- apresenta uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional
- é sempre uma forma presa (ROCHA, 1999, p. 152)

Sobre o fato de a prefixação constituir-se em um processo de derivação ou composição, Rocha (1999) argumenta que, para que haja um processo de composição é necessário que a nova palavra seja formada por mais de uma raiz. Assim, palavras formadas com elementos como *sobre*, *com*, *entre*, *contra* e os demais prefixos não podem ser consideradas provenientes do processo de composição porque tais elementos não contêm raiz.

Quanto à principal diferença entre base presa e prefixo, Rocha (1999) afirma que as bases presas equivalem, semanticamente, a substantivos, adjetivos e verbos, enquanto que os prefixos equivalem a advérbios e preposições.

Ao criticar as gramáticas tradicionais que listam os prefixos em gregos e latinos, Rocha (1999) adverte que essa classificação é desnecessária, uma vez que a competência lexical do falante é, por natureza, sincrônica. Assim, torna-se mais interessante, sincronicamente, “separar os vocábulos em grupos distintos, pelo fato de apresentarem prefixos populares ou eruditos, produtivos ou improdutivos, ou pelo fato de alguns serem concorrentes e outros não, ou ainda, por serem alguns prefixos homófonos com relação a outros” (ROCHA, 1999, p. 156-157). Além disso, é mais coerente considerar a sincronia, ao classificar o processo de formação das palavras, pois uma palavra classificada como derivada, na diacronia, pode não o ser mais na sincronia (*sílaba, objeto, biscoito* etc.) e o falante comum não conseguirá depreender prefixos em vocábulos como os citados acima.

Via de regra, a prefixação não gera mudança categorial no novo lexema, porém, é preciso considerar que casos esporádicos podem acontecer. Contudo, esses prefixados que sofreram mudança categorial não adquirem todas as características da nova categoria.

A derivação **parassintética** consiste “na criação de uma nova palavra pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma base”: *esclarecer* (ROCHA, 1999, p. 169). Quanto à base, pode ser um substantivo (S → V: manhã → *amanhecer* ou S → A: chocolate → *achocolatado*) ou adjetivo (A → V: surdo → *ensurdecer*).

A derivação **conversiva** “consiste no emprego de uma palavra de uma determinada classe lexical em outra classe”: bolsa *areia* (ROCHA, 1999, p. 172). O autor se fundamenta sob o ponto de vista funcional, para ratificar a derivação conversiva, visto que, do ponto de vista fonológico e semântico, não ocorre mudança, mas, do ponto de vista funcional, ocorre mudança paradigmática, bem justificável para a Teoria gerativa transformacional, para a qual “as palavras são definidas apenas em termos de propriedades sintáticas” (ROCHA, 1999, p. 174), apesar de os novos vocábulos convertidos não participarem “integralmente das propriedades morfo-sintáticas dos itens da nova classe” (ROCHA, 1999, p. 174).

Rocha adverte que a derivação regressiva, considerada como um processo de formação de palavras pela gramática tradicional, não o é pela morfologia gerativa, que o enquadra na derivação sufixal.

	PEREIRA (1907)	SAID ALI (1964)	BECHARA (2001)	SILVA ; KOCH (1999)	BASÍLIO (2004)	ROCHA (1999)
1	Derivação própria	Derivação sufixal	Derivação sufixal	Derivação sufixal	Derivação sufixal	Derivação sufixal
2	Composição por prefixação	Derivação prefixal	Derivação prefixal	Derivação prefixal	Derivação prefixal	Derivação prefixal
3				Derivação prefixal e sufixal		
4		Derivação parassintética		Derivação parassintética	Derivação parassintética	Derivação parassintética
5		Derivação regressiva	Formação regressiva	Derivação regressiva	Derivação regressiva	
6	Derivação imprópria		Conversão		Conversão	Derivação conversiva
7	Composição por justaposição	Composição por justaposição	Composição por justaposição	Composição por justaposição	Composição	Composição
8	Composição por aglutinação		Composição por aglutinação	Composição por aglutinação		
9	Hibridismo	Formações híbridas	Hibridismo	Hibridismo*		
10			Abreviação	Abreviação		Abreviação ou derivação truncada
11			Reduplicação	Reduplicação ou Onomatopéia		Onomatopéia
12			Combinação			
13			Intensificação			

14				Siglas		Derivação siglada ou acronímia
----	--	--	--	--------	--	--------------------------------

Quadro 02: Comparação das gramáticas analisadas.

Todos os autores fazem uma abordagem sobre os **elementos mórficos** das palavras: radical (ou raiz), e afixos, antes de se iniciarem, propriamente, no estudo da derivação, ocorrendo, porém, maior ou menor ênfase nessa abordagem e pouca variação de terminologias.

Pereira¹⁷ denomina **radical** e *tema* à parte central da palavra, quanto à forma material e à significação, enquanto Said Ali¹⁸, a parte mais ou menos estável do vocábulo. Bechara¹⁹ se refere ao *radical*, como sendo o morfema significativo básico; Silva e Koch²⁰ referem-se ao *radical* ou *morfema lexical*, como o morfema que contém a significação global do vocábulo; Basílio²¹ e seu discípulo Rocha²² usam o termo *base*.

Para Pereira, os **afixos** são sílabas adicionadas antes ou depois do tema; Said Ali se refere a tais morfemas como elementos formativos; Bechara, Basílio e Rocha se referem aos afixos e Silva e Koch, aos morfemas derivacionais, como “modificadores” do sentido da base, essencialmente. Todos os autores fazem menção ao prefixo, como afixo adicionado antes, e o sufixo, depois do radical.

Quanto aos **sufixos**, Pereira classifica-os como elementos mórficos de significação, mas sem significação própria e categoriza-os como nominais e verbais, agrupando-os segundo famílias ideológicas; Said Ali designa-os e lista-os como a) formadores de aumentativos e diminutivos e b) formadores de novos vocábulos, considerando a categoria lexical das novas formações; Bechara acrescenta que “ao lado dos valores sistêmicos associam-se valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam” (2001, p. 357). Também ressalta que os sufixos aumentativos podem sugerir idéia pejorativa, os diminutivos, noções de afetividade ou assumir valores especiais, e agrupa os sufixos de acordo com a classe categorial à que se prestam formar e as noções que acrescentam à base.

Basílio observa que o grau de produtividade não está relacionado à mudança de classe categorial, mas sim à generalidade das noções envolvidas na função do processo de formação.

¹⁷ Pereira (1907), sempre que o autor for citado.

¹⁸ Said Ali (1964), sempre que o autor for citado.

¹⁹ Bechara (2001), sempre que o autor for citado.

²⁰ Silva e Koch (1999), sempre que o autor for citado.

²¹ Basílio (2004), sempre que o autor for citado.

²² Rocha (1999), sempre que o autor for citado.

Rocha afirma que os sufixos apresentam identidade fonológica, semântica e funcional e define-os como sendo uma forma presa recorrente, sem significação e/ou função própria e classifica-os em homófonos, concorrentes, alomorfêmicos, categoriais e significativos, produtivos e improdutivos.

Quanto ao **prefixo**, Pereira considera-o como elemento acessório determinante, formador de composição, na qual há uma relação de determinação entre a base (elemento determinado) e o prefixo (elemento determinante) e ainda classifica os prefixos em: expletivos (não-significativos), inxpletivos (significativos), separáveis e inseparáveis; para Said Ali, a maior parte dos prefixos provém de preposições e advérbios (exceto *dis-*, *des-*, *re-*, *in-*, negativo e *circum*, *supra*, *pré*, dentre outras, são partículas latinas sem existência própria em português); Bechara informa que os principais prefixos do português são de origem latina ou grega, não podendo, porém, se substituir mutuamente, ainda que com o mesmo sentido, por terem esferas semânticas diferentes; Rocha também menciona que os prefixos apresentam identidade fonológica, semântica e funcional e equivalem a advérbios e preposições, mas, sem fazer ressalvas, se refere à rara possibilidade de o prefixo mudar a classe categorial da palavra e explana sobre os vários tipos de bases com as quais os prefixos podem se unir para formar a nova palavra.

Com relação à apresentação dos prefixos, Pereira separa-os por grupos ideológicos e de acordo com a origem vernácula, grega ou latina; Said Ali os lista em ordem alfabética, destacando os de origem erudita; Bechara separa-os em gregos e latinos; os demais autores não listam os prefixos, sendo que Rocha apenas enumera alguns de acordo com a classificação (homófonos e concorrentes).

Segundo Pereira, a *derivação própria* “faz-se por meio de sufixos, que, aglutinados ao tema das palavras primitivas, lhes modificam a significação, determinando-as” (1907, p. 157); Said Ali sintetiza o conceito de derivação sufixal como o processo pelo qual se formam palavras pela junção de elementos formativos à palavra primitiva, alterando o seu sentido; Rocha acrescenta que as formações sufixais podem ocorrer com base livre, base presa (produtivas e improdutivas) e basóides.

Denominado por Pereira como *composição por prefixação* é o processo pelo qual palavras são formadas pela união de dois ou mais elementos, contendo um a idéia genérica (determinado) e o outro, a idéia específica (determinante). Quanto ao elemento determinante, fica claro que pode se tratar de um prefixo ou outro radical, no caso da palavra formada por mais de um radical. Os demais autores se referem à derivação prefixal como um processo formador de palavras, através do acréscimo de um prefixo à base. Rocha se contrapõe à

posição de Pereira, argumentado que a prefixação não pode se enquadrar na composição, pois os lexemas compostos apresentam mais de uma raiz. Também acrescenta que a prefixação pode ocorrer com base presa, base livre e basóide e adverte que são raros os casos de mudança de classe na prefixação.

Apenas Silva e Koch se referem à derivação prefixal e sufixal como sendo o acréscimo de um prefixo e um sufixo ao morfema lexical.

Pereira e Bechara não tratam da derivação parassintética. No entanto, Said Ali afirma que, nesse tipo de formação, deve ocorrer o acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo. Silva e Koch acrescentam que a parassíntese “é um processo de formação de verbos, em especial daqueles que exprimem mudança de estado (...) mas encontram-se também, na língua, adjetivos formados por parassíntese” (1999, p. 33).

Basílio adverte que não é simplesmente a ocorrência simultânea de prefixo e sufixo à base que caracteriza a derivação parassintética, “mas a estrutura de formação que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação” (2004, p. 44). Além disso, também acrescenta que “a derivação parassintética é um processo complexo de formação, não só morfológicamente, mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e/ou semântica do sufixo” (2004, p. 45). Rocha esclarece que, quanto à base da parassíntese, pode ser um substantivo ou adjetivo.

Pereira não aborda a derivação regressiva. Said Ali descreve-a como o processo de formação de palavras pelo qual se subtrai algum afixo da palavra primitiva, ressaltando que, através deste processo, surgem muitos substantivos oriundos de verbos (postverbais ou deverbais) que, muitas vezes, dão a impressão de serem eles os vocábulos derivantes. Tanto Bechara, como Silva e Koch tratam do processo em estudo como derivação regressiva ou deverbal, que consiste em formar palavras por analogia, pela supressão de um sufixo, gerando a ilusão de serem vocábulos derivantes. Basílio questiona até que ponto se deve considerar tais formações como derivações regressivas e afirma que:

O caso das chamadas derivações regressivas em português é bastante complexo. Por um lado, é questionável se as formações deverbais em pauta são mesmo formações regressivas ou não; por outro, é difícil distinguir formações deverbais de casos em que um verbo se formou a partir de um substantivo básico. Do ponto de vista estrutural e de formação, o critério a ser utilizado é o da relação sintático-semântica entre o substantivo e o verbo (2004, p. 43).

Rocha não enquadra a derivação regressiva como um processo de formação de palavras à parte, ao contrário, afirma que ele deve ser inserido na derivação sufixal, pois em

patrulha, melhora, desmate etc., não se pode dizer que não há sufixo, ao contrário, ocorre a presença do sufixo zero, razão pela qual tais casos devem ser enquadrados como derivação sufixal, ou derivação sufixal zero, ou implícita.

De acordo com a análise dos autores estudados, apesar de serem em número pequeno, pode-se entender que o estudo da morfologia, no Brasil, tem avançado, pois, conceitos não muito coerentes e claros, encontrados na classificação de Pereira e de gramáticos da linha tradicional, foram elucidados e explicitados, ganhando logicidade e aceitação. Porém, há dissonâncias entre as perspectivas teóricas, na maior parte das vezes, quanto a considerar ou não um evento como processo de formação de palavras, e também por caracterizar e /ou classificar de maneira dissonante os processos de formação de palavras que se reconhecem como tais.

A escolha da terminologia também é um fator que deve ser considerado, visto que, em alguns casos, os mesmos processos são denominados diferentemente, fato que, sendo revisto, pode proporcionar uma melhor compreensão por parte dos pesquisadores.

Pereira não menciona que a derivação sufixal também pode ocorrer em palavras já derivadas.

Além das observações acima, alguns conceitos chamaram a atenção, por se mostrarem um tanto contraditórios ou, ao menos, aptos a uma análise mais criteriosa. Isso deve ser levado em conta principalmente quanto à gramática de Pereira. Um dos pontos é o que se refere à definição da prefixação como união de dois ou mais elementos, sem explicar que esses elementos, nesse caso, podem ser *prefixo + base* ou *base + base*. Além disso, o determinante pode vir antes ou depois do determinado, dificultando a delimitação do processo.

O conceito de Pereira sobre aglutinação, ao classificar os vocábulos formados em próprios ou perfeitos, comparando-os à prefixação, parece incoerente, pois as características da aglutinação não são perfeitamente equiparáveis à prefixação.

4 NEOLOGIA E NEOLOGISMO

No processo dinâmico e constante de mudança lingüística, a língua adquire novos termos que são criados para nomear as inovações nos diversos ramos da atividade humana – seja na técnica, ciência, política, economia ou arte. A ciência e a tecnologia são os fatores principais que atuam na criação neológica, tanto no domínio das linguagens especiais, criando os neologismos de especialidade, também conhecidos como *neónimos*, como no âmbito da linguagem geral. Além disso, as mudanças sociais também constituem um fator gerador de novas terminologias que representam tais realidades, e não se deve esquecer a influência do meio artístico e da capacidade inventiva e criativa do homem. Esses novos termos incorporados à língua são denominados *neologismos* – do latim, *neo* (novo), e do grego, *logos* (palavra).

Através dos neologismos, confirma-se tanto a necessidade de se criar palavras para denominar novas coisas, fatos, idéias etc., como também são criadas palavras através do processo de derivação, para denominar o exato oposto de palavras já existentes, as quais não possuem um antônimo.

Os neologismos representam o que há de mais patente na evolução da língua. No desenvolvimento desse processo constante de variação, algumas vezes, eles passam despercebidos pelos usuários da língua, outras vezes passam ao uso comum, mas com vida temporária, como é o caso da maioria das gírias, e ainda, outras vezes, são registrados nos dicionários pelos lexicógrafos, o que presume a continuação do seu uso no vocabulário comum.

A criação neológica acontece tanto no campo interlingual como no âmbito intralingual. Assim, são duas as circunstâncias geradoras de novas palavras: a primeira, no campo interlingual, ocorre no processo da tradução, quando é preciso traduzir um termo de determinada língua para outra, cujo significado ainda não existe e quer-se evitar a sua tradução através de longas paráfrases – ocorre neste caso o processo semasiológico; a segunda, no âmbito intralingual, quando é necessário conceber um significante para designar novo conhecimento, idéia, objeto, etc., produzido numa sociedade, onde ainda não se dispõe de um nome para tal, ocorrendo, neste caso, o processo onomasiológico.

A analogia e a virtualidade devem ser consideradas no processo da neologia. A analogia (do grego *analogia*: ‘conformidade’, ‘relação’, ‘semelhança’) ocorre na linguagem, quando da influência de um termo sobre o outro, determinando igualdade ou aproximação. A partir da analogia, a linguagem tende a uniformizar-se, restringindo as formas irregulares e menos freqüentes a outras regulares e freqüentes. Inicialmente, o princípio da analogia foi tratado com mais ênfase pelos neogramáticos. Eles perceberam que o surgimento de uma forma analógica não implica o desaparecimento da forma originária, ao contrário, muitas vezes ela nem é lexicalizada.

A analogia pode ocorrer na fonética: *stella*>*estrela* (o *r* surge por analogia com *astro*); na semântica: *perna da cadeira*, *braço do sofá*, *pé da mesa* etc.; na sintaxe: verbos transitivos indiretos são empregados como verbos transitivos diretos, visto que a quantidade destes é maior (*assistir o filme*); na morfologia: *preocupação* (*culpa*) *preocupação*.

A analogia gera divergência entre lingüistas. É vista por alguns como um fator de declínio das línguas, por introduzir formas que não se enquadram às normas oficiais da língua; outros a vêem com bons olhos, em virtude de ser um fator de desenvolvimento constante da língua, ocorrendo tanto na regularização de formas anômalas, quanto na formação de neologismos.

A analogia se processa, primeiramente, através dos elementos fônicos que geram semelhanças entre os elementos mórficos das unidades lexicais. Pilla ressalta que “nas formações neológicas espontâneas, nota-se que o fenômeno supõe proximidade paradigmática muitas vezes inconsciente.” (2002, p. 66). Assim, a criação analógica ocorre quando se substitui uma forma antiga por uma nova, seguindo-se, paradigmaticamente, considerável parte dos termos da classe à qual ela pertence. Dessa maneira, o falante médio não é capaz de perceber o princípio sintático que rege a relação entre as formas novas com as já existentes. Ao contrário, só é capaz de perceber que há uma relação, sem que haja uma preocupação em

defini-la. Esse falante, através de um processo de comparação, por vezes inconsciente e intuitivo, organiza as formas em séries associativas.

Muitas vezes têm-se dúvidas sobre o fato de uma palavra se caracterizar como um neologismo. Isso ocorre porque as possibilidades de construção já fazem parte da gramática interna e ao usar-se essas possibilidades, sente-se que a palavra nova não é tão estranha. É como se aquela possibilidade já estivesse ali à espera de sua realização. O que vai configurar a estranheza ou não de um termo novo é a analogia à maioria dos termos consagrados no uso.

Com isso, a língua, na sua recursividade e dinâmica, está permeada por virtualidades que são as possibilidades de criações analógicas e que dependem da aceitabilidade dos falantes para se tornarem termos lexicalizados.

Isso faz com que alguns estudiosos questionem o fato de tais palavras serem identificadas como neologismos, uma vez que já existem enquanto possibilidade analógica, ou seja, unidades lexicais virtuais.

Como afirma Pilla:

uma formação virtual pode vir a se transformar em uma palavra atestada, pode servir de base para a realização de uma nova palavra ou pode permanecer uma virtualidade para sempre. Deduz-se, por fim, que qualquer derivação atestada pode advir de uma virtualidade, mas nem toda virtualidade se torna uma derivação atestada. (2002, p. 74)

4.1 CLASSIFICAÇÃO DOS NEOLOGISMOS

Segundo Alves (2002), distinguem-se os neologismos da língua geral dos neologismos terminológicos em alguns aspectos, mas também apresentam características comuns, por serem unidades lexicais recém-inseridas na língua.

Os neologismos da língua geral são instituídos naturalmente na língua, adquirindo, não raro, caráter lúdico. Em decorrência disso, essas unidades neológicas podem manifestar uma permanência temporária. Inversamente, os neologismos terminológicos são criados, a partir de uma necessidade de designar novos conceitos, associados a novas teorias, descobertas, produtos ou tecnologias, e obedecem a normas de formação morfológica, assim como têm um caráter relativamente estável na língua. Outra característica que diferencia o neologismo terminológico é que nele ocorre a predominância das formações sintagmáticas, nas quais mais de um elemento compõe uma unidade complexa, correspondendo a um único conceito. Essas

unidades complexas podem estruturar-se a partir de um substantivo de caráter genérico especificado por um adjetivo determinante, por um substantivo determinado seguido de um sintagma preposicionado, substantivo + adjetivo + sintagma preposicionado, sintagma preposicionado + adjetivo, substantivo + adjetivo + adjetivo, formações com nomes próprios, além de outras possibilidades.

Conforme a posição adotada por Alves (2002), ainda que fatores pragmáticos também diferenciem neologismos da língua geral de neologismos terminológicos, ressalta que o processo de transferência semântica propicia que unidades lexicais da língua comum estendam-se para uma terminologia. Além disso, termos podem transitar de uma língua de especialidade para outra.

Biderman (2001) aponta dois tipos de neologismos: 1) o neologismo conceptual que consiste em uma significação ou conotação nova acionada ao campo semântico de um significante; 2) o neologismo formal representado por uma palavra nova inserida na língua, seja um termo vernáculo, uma lexia complexa, um empréstimo estrangeiro, uma expressão idiomática, ou uma gíria.

Segundo Carvalho (2002), ocorre neologismo conceptual, quando um termo, em sua evolução semântica, adquire um novo sentido, sem mudar a forma, produto da atividade lingüística consciente de um falante. Esse processo se dá, muitas vezes, por uma questão de economia lingüística, através da qual se satisfaz a necessidade comunicativa, sem precisar de memorização e articulação de um novo vocábulo.

Quanto à identificação de um neologismo conceptual em uma pesquisa, às vezes, torna-se difícil porque nem sempre a mudança de significado é absoluta, em vez disso, ela pode ocorrer de modo brando e tênue, valendo-se dos vários semas que compõem o sentido integral do lexema. Outras vezes, esse tipo de neologismo pode ser confundido com a gíria, que atribui um novo significado a uma palavra do uso comum.

Sobre a criação neológica, Silva (2002) afirma que a ampliação vocabular advém de caminhos diversos: desde as criações oriundas de equívocos e falhas de compreensão, até os processos reconhecidos como intrínsecos, ou extrínsecos.

Para exemplificar algumas falhas na compreensão, podem-se mencionar as frases feitas, como, por exemplo, “*cuspidado e escarrado*” que decorre do mau entendimento e de processos fonéticos transformadores aplicáveis a “*esculpido em carrara*”. Como exemplos de formação intrínseca, encontram-se as palavras formadas por composição e por derivação e através de recursos atinentes à redução, sigla, onomatopéia, duplicação ou reduplicação

silábica, recomposição, a palavras-valise ou cruzamentos vocabulares. Para as formações extrínsecas, se aplicam os estrangeirismos, as gírias, os processos metafóricos e metonímicos.

Alves enfatiza que, quanto à formação, os processos determinantes na criação neológica são: “derivação, composição, transferência semântica, truncação, formação sintagmática e por siglas, empréstimos de outros sistemas lingüísticos”. (2002, p. 162) Além disso, destaca a influência dos modismos que, também, se apresentam como uma motivação para a formação de palavras, utilizando-se, geralmente, de afixos.

4.2 A NEOLOGIA E ASPECTOS ESTILÍSTICOS, TEXTUAIS E DISCURSIVOS

Nas primeiras décadas do século XX, a comunicação era vista pelos teóricos da informação e da comunicação como mera transmissão de informação, tal como no esquema proposto por C. F. Shannon (apud BARROS, 2005)., o qual apresenta como elementos centrais da comunicação o transmissor e o receptor, o sinal, a fonte de ruído e a mensagem, deixando excluídos alguns fatores que até então não haviam sido percebidos como essenciais no processo comunicativo.

Posteriormente, lingüistas também construíram protótipos do processo de comunicação. Um dos modelos mais conhecidos é o esquema proposto por Jakobson que apresenta um “remetente que envia a mensagem a um destinatário e, essa mensagem, para ser eficaz, requer um contexto a que se refere, um código, total ou parcialmente comum a ambos, e um contato, isto é, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário” (BARROS, 2005, p. 28).

Jakobson (apud BARROS, 2005), contribuiu com os estudos sobre a comunicação, ao provolegiar, nos seus estudos, a relação com o contexto e a representação do código. Além disso, também deu sua contribuição no que diz respeito às várias funções da linguagem, (emotiva, referencial, conativa, poética, fática, metalingüística), essenciais para se proceder à análise lingüística, e não somente em sua função informativa, a qual foi, muitas vezes, considerada a mais importante por predominar em alguns tipos de mensagem e por interessar mais ao teórico da informação.

É possível observar uma relação intrínseca entre a neologia e as funções da linguagem, pois, quando uma palavra é criada, tal criação decorre de uma necessidade ou

intencionalidade do autor, que nem sempre se restringe à transmissão de uma informação. Desse modo, é pertinente salientar que o neologismo está inserido em um discurso, propagando-se nele a intencionalidade do redator.

Nesse aspecto, Barros assegura que “os textos-mensagens empregam procedimentos lingüísticos e discursivos que produzem efeitos de sentido relacionados com as diferentes funções e que nos permitem identificá-las” (2005, p. 33).

Assim sendo, de acordo com os recursos lingüísticos utilizados, os neologismos podem contribuir para imprimir ao texto a função referencial, ou emotiva, conativa, metalingüística e até a fática, ou várias delas em conjunto. Por isso, no processo de composição textual, a neologia pode ser usada tanto como um recurso de expressividade, favorecendo a construção de um estilo, como para a transmissão de informação, ou também na transmissão de visões de mundo e juízos de valor sobre fatos, pessoas etc.

Guilbert (1975, p. 40), ao distinguir os neologismos denominativos dos estilísticos, ressalta que a neologia pode favorecer aos escritores que se empenham em solidificar suas marcas estilísticas, visto que a escolha do vocabulário e a criatividade lexical são extremamente relevantes para a construção de um estilo.

Sandmann, ao tratar dos aspectos estilísticos na criação lexical, observa que “os sufixos derivacionais se prestam freqüentemente ao emprego estilístico, isto é, à expressão da emocionalidade, emprestando à mensagem maior força comunicativa”. (1997, p. 27). Acrescentem-se também os prefixos, pois também são utilizados como recurso de criatividade e inovação lexical.

Apesar de a expressão jornalística se diferenciar da literária, a qual, enquanto expressão artística, tem como objetivo a criação estética da língua, vê-se, muitas vezes, no texto jornalístico, a utilização de diversos recursos geralmente associados às funções poética e emotiva, mais freqüentes em obras literárias. Isso ocorre pelo desejo de tornar o texto mais atraente, surpreendendo o leitor através do uso de lexemas originais que podem dar mais ênfase à mensagem, gerar a ironia, o estranhamento etc. Além disso, assim como na Literatura, no texto jornalístico, muitas vezes, o neologismo é criado não com o intuito de nomear um referente novo, mas, pelo desejo de desviar-se do óbvio, do trivial. Contudo, além de serem usados como recurso estilístico, os neologismos também são perceptíveis como instrumentos consideráveis, por meio dos quais o redator expõe também sua visão de mundo.

Quanto aos diversos tipos de linguagem jornalística, é pertinente observar que há textos mais predominantemente informativos e textos predominantemente opinativos (como

os editoriais). Isso não significa, porém, que uns sejam imparciais e outros tendenciosos, pois, mesmos os textos informativos podem não ser neutros.

Como afirma Lage, em “todos os textos jornalísticos estão presentes questões ideológicas, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (1990, p. 42). Com isso, pode-se observar que em um texto informativo pode também estar presente a função conativa e emotiva, mais freqüente nos textos opinativos, os quais avaliam um fato, partindo de um prisma pessoal ou proposto pela direção do jornal, como pode, ainda, essa especificidade ser perceptível pelo tom de protesto, cauteloso ou inflamado.

Dessa maneira, um aspecto interessante ao se observar ou analisar os neologismos encontrados no texto jornalístico é que, ao contrário dos termos terminológicos que são criados, para atender às necessidades das diversas ciências, como, por exemplo, a tecnologia, a economia etc., muitas vezes, encontram-se termos criados com o único objetivo de favorecer a exposição de um ponto de vista sobre determinado fato, para o qual outros termos poderiam ser usados, mas, se assim fosse feito, não se teria impregnado no texto a ideologia do redator. Além do mais, o redator não deseja apenas expor pontos de vista, mas alcançar a adesão do leitor, pois o ato lingüístico neológico se faz ação, e pode, por isso mesmo, influenciar o outro.

Deve-se ressaltar que, sendo a língua o principal veículo de transmissão da história das sociedades, assim como de suas culturas e ideologias, todo usuário de uma língua vive socialmente, integrado em uma sociedade construída historicamente, sendo influenciado por ela e influenciando-a. Como afirma Petter:

O fascínio que a linguagem sempre exerceu sobre o homem vem desse poder que permite não só nomear/ criar/ transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu, poderá vir a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa nem pode existir. A linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. Assim, como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material – organização de sons, palavras, frases – a linguagem é relativamente autônoma; como expressão de emoções, idéias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela *visão de mundo*, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante. (2005, p. 11)

Barros, ao retratar a teoria dialógica de Bakhtin, enfatiza que “os sujeitos são, na verdade, substituídos por diferentes vozes que fazem deles sujeitos históricos e ideológicos” (2005, p. 43). Com isso, a língua se constitui tanto como veículo de comunicação, ferramenta

de informação, de cultura, mas também como um veículo difusor de ideologias, de pontos de vista etc.

Por outro lado, é preciso analisar também o nível de compreensão ou de estranhamento gerados pelo neologismo e se, de alguma maneira, a criação neológica implica na compreensão textual. A par desse fato, ao que parece, a compreensão do novo lexema está diretamente ligada ao nível de conhecimento do leitor, contudo, a contextualização do evento pode contribuir grandemente para a apreensão conceitual do novo item lexical.

Assim, considerando-se que a palavra nunca está só, ela está sempre inserida em um discurso, é preciso não somente analisar as palavras morfologicamente, mas também em seus aspectos tanto informativos, quanto discursivos, além de abordar a forma como um novo termo que atesta um discurso planejado em concomitância à transmissão de informação. Para tanto, a análise semântica de morfemas e bases, como também do corpo textual serão subsídios para este trabalho.

5 OS NEOLOGISMOS EM EXEMPLARES DO JORNAL *A TARDE*

5.1 A DERIVAÇÃO SEGUNDO ALVES

Ieda Maria Alves estrutura sua obra ‘Neologismo: criação lexical’, a partir dos princípios teóricos preconizados por Guilbert (1975). Alves (1994) inicia seu trabalho, mencionando o porquê da necessidade de se criarem novas palavras e conceituando neologia como o processo de criação lexical, e neologismo – o elemento resultante, a nova palavra.

Em se tratando do mais produtivo processo de formação das palavras, deve-se considerar a **derivação** que consiste no processo através do qual novos lexemas são criados, a partir de outros já existentes.

Ocorre formação por **derivação prefixal**, quando se acrescenta um prefixo a uma base, modificando-lhe o sentido. Em virtude de haver discordâncias sobre a natureza e o número dos prefixos da língua portuguesa, ALVES trata-os como “partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe idéia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série” (1994, p 15). Adverte que, apesar de alguns lingüistas ainda não concordarem, os prefixos podem mudar a classe gramatical das palavras, haja vista quando um prefixo se une a uma base substantiva, podendo atribuir-lhe função adjetiva e até adverbial.

A autora faz menção à possibilidade de ocorrer substantivação de prefixos, assim como a transferência de significado da base para o prefixo. Como exemplo de substantivação,

destaca alguns exemplos como os prefixos *super-* e *vice-*²³, e de transferência de significado, apresenta os prefixos *micro-* e *multi-*²⁴. A partir da transferência de função semântica, o elemento prefixal substantivado poderá também atuar como elemento de composição.

Ressalta, além do mais, a economia discursiva que pode haver em decorrência da utilização de prefixos, ao invés de construções frasais sintaticamente mais complexas. Dentre os exemplos citados pela autora, está a lexia *sem-terra*²⁵.

Ocorre **derivação sufixal**, quando se acrescenta um sufixo, elemento de caráter não-autônomo e recorrente, a uma base, conferindo uma idéia acessória e, quase sempre, modificando-lhe a classe gramatical. Os sufixos podem ser nominais, verbais e adverbiais.

Quanto à **derivação parassintética**, observa-se o acréscimo concomitante de um prefixo e um sufixo a uma base, de modo tal que a palavra não exista só com o prefixo ou só com o sufixo.

A **derivação regressiva** se dá quando se retira do lexema um elemento considerado de caráter sufixal. Ex.: *debate* (de *debater*).

5.2 OS MORFEMAS DERIVACIONAIS

No processo dinâmico da língua, o tempo todo, os seus elementos estão sendo compostos, decompostos e recompostos. Esse processo se dá, em grande parte dos casos, de maneira inconsciente e intuitiva, visto que o falante, ainda que não escolarizado, pode intuitivamente, utilizando-se dos recursos da língua, como os afixos, radicais, desinências etc., apreendidos no processo de aquisição da gramática interna, construir unidades lexicais simples, compostas ou sintagmáticas. As regras lexicais podem ser comparadas a um jogo, no qual o falante pode usar as peças e construir novos elementos, desde que sigam tais regras, para que sejam aceitos pela comunidade lingüística. Além disso, para que as novas formações

²³ “Na verdade, o esperado choque entre o desenvolvimento do material de defesa empregado pelos dois supers acabou não acontecendo no golfo de Sirta” (E, 28-03-86: 5, c. 1).

“Ontem ele fez campanha em Santo Amaro e depois participou de um encontro com cerca de trezentos vereadores do partido, incluindo também alguns prefeitos e vices, [...]” (E, 27-08-86: 5, c. 1).

²⁴ “[...] outros micros que entrem em contato com o computador adoentado, por via telefônica ou por disquetes piratas, também recebem ordem de copiar o programa invasor” (IE, 17-02-88: 61, c. 1).

²⁵ “entidades ligadas a aqueles que não possuem terras”.

sejam validadas pelo uso, o falante deverá considerar o sentido atual das “peças” que usará para formar novos elementos. Por isso, o processo neológico só se confirma na diacronia.

5.2.1 O Processo de Prefixação

Como já foi explicitado, cogitava-se, no passado, que a prefixação poderia se enquadrar na composição ou na derivação. Por conta disso, até hoje há divergências entre diversos autores em relação a classificar alguns elementos como prefixos (formadores de prefixação) ou radicais (formadores de composição).

Dentre os prefixos contidos no *corpus* deste trabalho, alguns são classificados no *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio G. da Cunha (1986), como elementos de composição. No entanto, esses elementos vão passando a ser classificados como prefixos, em obras posteriores de outros autores, como se pode ver no quadro a seguir:

	CUNHA (1986)	AURÉLIO (2004)	MATEUS et al. (2003)	CUNHA E CINTRA (1985)	ALVES (1994)
<i>auto-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Pseudoprefixo	Prefixo
<i>bio-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Pseudoprefixo	Não cita
<i>Macro-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Prefixo	Pseudoprefixo	Prefixo
<i>mega-</i>	Elem. de comp.	Prefixo	Prefixo	Não cita	Prefixo
<i>mal-</i>	Advérbio	advérbio	Não cita	Não cita	Não cita
<i>micro-</i>	Elem. de comp.	Prefixo Elem. de comp.	Prefixo	Pseudoprefixo	Prefixo
<i>mini-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Prefixo	Pseudoprefixo	Prefixo
<i>multi-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Pseudoprefixo	Prefixo
<i>não-</i>	Advérbio	Advérbio	Não cita	Não cita	Prefixo
<i>neo-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Não cita	Prefixo
<i>pluri-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Pseudoprefixo	Não cita
<i>poli-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Pseudoprefixo	Não cita
<i>pós-</i>	Elem. de comp.	Prefixo	Prefixo	Prefixo	Prefixo
<i>Recém-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Não cita	Prefixo
<i>sem-</i>	Preposição	Preposição	Não cita	Não cita	Prefixo
<i>semi-</i>	Elem. de comp.	Elem. de comp.	Não cita	Pseudoprefixo	Prefixo
<i>ultra-</i>	Elem. de comp.	Prefixo	Não cita	Prefixo	Prefixo

Quadro 3: Classificação de prefixos

Como se pode ver, na língua portuguesa, não há um consenso quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais, alguns são tratados ora como prefixos, ora como elementos de composição, advérbio ou preposição. Dessa maneira, neste trabalho, com base no que sugere Alves (1994), serão abordadas como prefixos tanto as partículas não-independentes (já tratadas por prefixos pela maioria dos gramáticos), como também as partículas independentes porque, além de atribuir uma idéia acessória quando antepostas a uma palavra-base, apresentam grande recorrência com função prefixal na língua portuguesa. Contudo, apenas serão abordados os prefixos encontrados no *corpus*, que se encontra organizado de acordo com as categorias morfo-semânticas dos afixos. Quanto às referências utilizadas para pesquisar as origens dos prefixos e dos sufixos foram, como pode ser visto na figura acima, Cunha (1986), AURÉLIO (2004), MATEUS et al. (2003), CUNHA E CINTRA (1985) e ALVES (1994).

5.2.1.1 Prefixos designativos de qualificação

AUTO-: elemento de composição, do grego *auto-*, de *autós* ‘de si mesmo, por si mesmo’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *auto-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *auto-* aparece, no *corpus* em apreço, ligado a bases adjetivas (1, 2, 3) verbais (4, 5, 6) e, principalmente, substantivas (7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17), imprimindo-lhes a noção de “por si mesmo”. Não foram observadas mudanças de categoria gramatical nos derivados formados com o prefixo *auto-*.

- (1) “[...] atribuindo a si a **autoglorificada** exclusividade de estar denunciando uma situação [...]” (T – BA, 10 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] Mudam de bairro e pensam na reeleição, garantia de emprego bem remunerado e **auto-reajustável**, jetons e mordomias [...]” (T – BA, 07 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] uma adaptação cruel e eleitoralmente **auto-referida**, do velho lema: quanto pior, tanto melhor [...]” (T – BA, 07 – 08 – 2007: 13 c. 1);
- (4) “[...] o fato de o maior – e **auto-proclamado** melhor – partido de oposição do País [...]” (T – BA, 08 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (5) “[...] lugares que somam história e se **auto-delegam** como impulsionadores do progresso [...]” (T – BA, 09 – 07 – 2007: 03 c. 1);

- (6) “[...] A área de idealistas, que ostentavam, ficou esfrangalhada, com as polpudas indenizações que se **auto-outorgaram**, mediante uma incorreta – e já escrevi sobre isto – interpretação do texto constitucional [...]” (T – BA, 03 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] nos correspondentes Caixa Aqui ou nos terminais de **auto-atendimento** [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 19 c. 1);
- (8) “[...] o que existe, de fato é um “**autocompromisso** da Venezuela”, um prazo imposto [...]” (T – BA, 06 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (9) “[...] Congresso tem em andamento uma operação de **autodesvalorização**. [...]” (T – BA, 09 – 07 – 2007: 11 c. 1);
- (10) “[...] A acumulação de reservas funciona como um mecanismo de **auto-seguro** [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (11) “[...] **Autocombustão** - Há 40 dias dono da solidariedade quase unânime do Senado, o senador Renan Calheiros já está, com suas manobras, pedindo para ter o mandato cassado, algo até há muito pouco completamente fora do cenário. Não demora, algum partido representará contra ele por quebra de decoro no abuso das prerrogativas do cargo. [...]” (T – BA, 13 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (12) “[...] a vaia é um recado ciclópico, perturbador, que volta a cada minuto como uma sirene da consciência, uma espécie de relógio despertador do **autodesconfiômetro**, normalmente desligado em quem quer que exerça o poder ouvindo apenas a própria voz [...]” (T – BA, 18 – 07 – 2007: 15 c. 1);
- (13) “[...] Como depois de assumir o poder o partido associou-se a preceitos mais modernos, essa parte poderia ser relegada ao terreno dos perdoáveis equívocos de perspectiva, não fossem dois aspectos: a apropriação dos conceitos antes rejeitados para ações de **auto-exaltação** e a "denúncia" dos mesmos como malfeitos para uso na disputa com o adversário [...]” (T – BA, 28 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (14) “[...] a leitura de qualquer natureza é um antídoto contra a solidão, e para muitos, é o elemento mais eficaz de **autolibertação**. [...]” (T – BA, 04 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (15) “[...] os convites feneceram, dando nascimento aos **autoconvites**: comer, beber, discursar com elegância, alegria e erudição e o pindura (com i) da conta. [...]” (T – BA, 10 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (16) “[...] Mas, se a **autoproteção** é uma posição esperada em corporações atingidas, como diz o presidente, por "adversidades", o PT deveria usar o mesmo peso e a mesma medida em relação às Forças Amadas [...]” (T – BA, 04 – 09 – 2007: 14 c. 1);

(17) “[...] a TV digital brasileira ofereça **autoprogramação**, ou seja, permita que o usuário escolha a hora em que verá determinado programa. [...]” (T – BA, 03 – 12 – 2007: 09 c. 1).

BIO-: elemento de composição oriundo do grego *bios* ‘vida’, também bastante produtivo no momento atual, ligando-se a elementos autônomos. Por conta disso, considera-se *bio-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *bio-* ocorre, no *corpus*, preso a bases substantivas (1, 2), adjetiva (3, 4), imprimindo-lhes a noção original do prefixal primitivo ‘vida’, como em (4) e em (1), *biossegurança* equivale a ‘segurança da vida’. Contudo, essa noção se expande, ao imprimir às bases autônomas a noção de ‘formado a partir de elementos que contém vida’, como em (2 e 3). A mudança categorial só foi observada em (4), já que o prefixo *bio-* atribui uma função adjetival ao pronome indefinido plural *diversos*.

(1) “[...] O alvo: o julgamento do dispositivo da Lei da **Biossegurança** que permite o uso de embriões humanos em pesquisas de célulastronco [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 12 c. 1);

(2) “[...] Segundo César Borges, no **biodiesel**, houve a expectativa de que seria a redenção do Nordeste [...]” (T – BA, 03 – 07 – 2007: 14 c. 1);

(3) “[...] Um caso emblemático é o da (indústria) **biofarmacêutica** [...]” (T – BA, 08 – 08 – 2007: 03 c. 1)

(4) “[...] um dos mais velhos e **biodiversos** ecossistemas da terra [...]” (T – BA, 05 – 09 – 2007: 03 c. 1).

MAL-: advérbio oriundo do latim *male*, gramaticalizado como prefixo.. Exprime noção de mau, irregular, diferente do que deveria ser. O prefixo *mal-*, encontra-se registrado no *corpus*, prefixado a uma base adjetiva (1), imprimindo-lhe noção de, ‘modo insatisfatório’. Não houve mudança categorial. Pode-se afirmar que não há estranhamento algum em *mal-avaliadas*, contudo, a novidade (que está cada vez mais freqüente) consiste na união entre o advérbio de modo e o adjetivo, formando um único item lexical, ou seja, em vez de *mal avaliadas*, como é mais comum, preferiu-se *mal-avaliadas*.

(1) “[...] tivessem incluído na lista duas das áreas mais **mal-avaliadas** [...]” (T – BA, 11 – 12 – 2007: 9 c. 1).

5.2.1.2 Prefixos de negação e oposição

A-: prefixo de origens e funções diversas. (i) Do latim *ab-*, *abs-*, tem sentido de ‘afastamento’, ‘separação’, ‘privação’, ‘excesso’, ‘intensidade’. (ii) Do latim *ad-*, ocorre com os verbos (e em seus participípios adjetivados) oriundos de substantivos ou de adjetivos; tem sentido de ‘aproximação’, ‘direção’, ‘aumento’, ‘acrescentamento’, ‘mudança de estado’, ‘transformação’ etc. (iii) Do grego *a-* ou *an-*, tem sentido de ‘privação’, ‘negação’. (iv) Elemento prefixal na formação de certos verbos, como *alembrear* a par de *lembrar*, em que o *a-* protético não altera o significado do vocábulo: *alevantar*. [Equiv.: *ar-* e *as-*, que vêm sempre antes de *r* e *s*: *assentar*]. O prefixo *a-* encontra-se, no *corpus*, junto a uma base adjetiva (1, 2), imprimindo-lhe noção de negação da qualidade expressa pelo termo primitivo/oposição. Não houve mudança categorial nos casos analisados.

(1) “[...] a conter a corrupção e a conduta **aética** que se multiplicam por via da impunidade. [...]” (T – BA, 01– 07 – 2007: 03 c. 1);

(2) “[...] O político ladrão e **aético** não vai para a cadeia. [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 03 c. 1).

DES-: prefixo oriundo do latim *dis-*. Indica ‘negação da qualidade expressa pelo termo primitivo’, ‘ação contrária’, ‘separação’, ‘afastamento’, ‘transformação’, ‘privação’, ‘cessação de um estado primitivo ou situação anterior’, ‘coisa ou ação mal feita’. Assume, às vezes, caráter ‘reforçativo’ ou até ‘reiterativo’. O prefixo *des-* documenta-se, no *corpus*, unido apenas a bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 15) e verbais (10, 11, 12, 13, 14). Ao unir-se a bases substantivas e verbais, de um modo geral, o prefixo *des-* indica ‘negação da qualidade expressa pelo termo primitivo’, como em (5, 8, 15). Porém, essa noção pode-se estender à noção de ‘omissão’, ‘deficiência’ (1, 9); ‘ação contrária’ (2, 7, 10, 11); ‘cessação de uma situação anterior’ (3, 14); ‘reiteração’ (4, 13); ‘rescisão’ (6, 12). Em (7) pode-se notar a concorrência entre os prefixos *dês-* e *i(m)*, visto que, com sentido próximo, a *despaciência* já se tem dicionarizado o item lexical *impaciência*, o que se torna em um fator de maior estranhamento para *despaciência*. Em (11) também se percebe maior estranhamento, pois, em geral, a lexia utilizada com sentido de ‘ação contrária’ de *construir* é *destruir*, o que faz com que seja necessária mais atenção para a percepção do significado de *desconstrução*. Em (13) o estranhamento também ocorre, em vista de não haver um antônimo para o verbo *cortar*, visto que se aplica, em geral, a uma ação irreversível. Não houve mudanças categoriais nos casos analisados com o prefixo *des-*.

(1) “[...] Foram 12 anos de **desmotivação**, o que levou muito produtor a abandonar a pecuária leiteira e contribuir para essa pouca oferta [...]” (T – BA, 08 – 07 – 2007: 24 c. 1);

- (2) “[...] o argumento de que um imposto sobre movimentação financeira, por implicar custos de transação mais altos, levaria a **desintermediação** bancária não se sustenta e a CPMF [...]” (T – BA, 23 – 07 – 2007: 15 c. 1);
- (3) “[...] Entre os fatores listados por eles destacaram-se resgates de fundos internacionais; **desalavancagem** por parte de investidores no exterior; uma notícia negativa envolvendo a Countrywide [...]” (T – BA, 16 – 08 – 2007: 19 c. 1);
- (4) “[...]Foram aprovadas resoluções importantes como **desprivatização**, anulação do leilão da Vale do Rio Doce, por exemplo. [...]” (T – BA, 18 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (5) “[...] uma panacéia que resolverá instantaneamente o crônico **desfinanciamento** da área [...]” (T – BA, 11 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] houve quem defendesse a **desfiliação** em massa [...]” (T – BA, 24 – 09 – 2007: 09 c. 1);
- (7) “[...] começa a ganhar corpo a **despaciência** [...]” (T – BA, 29 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (8) “[...] Suas enormes reservas são resultado de superávits em conta corrente, ou seja, de **despoupança** externa. [...]” (T – BA, 22 – 10 – 2007: 13 c. 1);
- (9) “[...] Ironicamente, consumidores residenciais, “protegidos” pelo **desincentivo** à economia gerado por tarifas congeladas [...]” (T – BA, 29 – 07 – 2007: 21 c. 1);
- (10) “[...] O argumento é o da necessidade de **despolitizar** os processos [...]” (T – BA, 13 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (11) “[...] O Brasil está sendo **desconstruído**. A crise aérea, com a brutalidade das baixas registradas, é apenas a ponta trágica do iceberg. [...]” (T – BA, 30 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (12) “[...] hoje se **desfilia** do DEM e deve assumir a presidência da legenda [...]” (T – BA, 25 – 09 – 2007: 10 c. 1);
- (13) “[...] uma polêmica das boas depois que o governo atual cortou (parece que já “**descortou**”) a verba mensal [...]” (T – BA, 13 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (14) “[...] façam um exercício para “**desatrofiar**” suas laringes [...]” (T – BA, 30 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (15) “[...] O que há é a **desimportância** e a certeza de que os crimes cometidos [...]” (T – BA, 22 – 11 – 2007: 18 c. 1).

I(R) -, IM-, IN-: I(R) -, IM-, IN-: prefixo derivado do latim *in*. Indica ‘negação’, ‘carência’, ‘privação’. O prefixo *i(r/m/n)-* aparece no *corpus* junto a bases adjetivas (1, 2, 3, 4, 7) e substantivas (5, 6), imprimindo-lhes noção de ‘negação’. Em (1) percebe-se certo

estranhamento, pois, o adjetivo *repetível*, do verbo *repetir*, em geral, é aplicado a ações e não a pessoas. Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] Para quem apostou no fim do carlismo após a morte de seu líder, ACM Neto disse que as coisas vão mudar, mas apenas no estilo: “O senador é **irrepetível**’, mesmo porque o contexto histórico mudou. [...]” (T – BA, 20 – 08 – 2007: 13 c. 1);
- (2) “[...] Uma enorme, realmente fantástica soma. Mas de quem? São perguntas **irrespondidas**... [...]” (T – BA, 21 – 11 – 2007: 17 c. 1);
- (3) “[...] Credibilidade fica **inabalada** [...]” (T – BA, 07 – 07 – 2007: 16 c. 1);
- (4) “[...] condenou as relações **impúblicáveis** entre a “grande imprensa” e o poder no Brasil [...]” (T – BA, 20 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (5) “[...] a existência de um mito cuja **inveracidade** precisa ser revelada: [...]” (T – BA, 01 – 10 – 2007: 15 c. 1);
- (6) “[...] A sua situação passou ao plano da **insustentabilidade** [...]” (T – BA, 13 – 10 – 2007: 03 c. 1).
- (7) “[...] Importantes e atuais pesquisas isentas de organismos **insuspeitáveis** têm contribuído definitivamente [...]” (T – BA, 20 – 11 – 2007: 03 c. 1);

NÃO-: advérbio oriundo do latim *non*. Exprime ‘negação’, ‘ausência’. Em formações com o advérbio de negação, em que o uso vai consagrando, considera-se *não* como prefixo negativo, daí a presença do hífen. O prefixo *não-* aparece no *corpus* ligado a bases adjetivas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9) e substantivas (10, 11, 12), imprimindo-lhe noção de negação do sentido expresso pela base. É possível observar que em (9) o redator criou o neologismo *nãocotistas*, com sentido oposto à palavra citada anteriormente *cotistas*, pois no dicionário ainda não foi registrado nenhum item lexical com esse sentido. Já em (3), (5) e (12), os neologismos foram criados por preferência do redator, visto que para (3) já existe *intransmissíveis*, para (5) *desautorizado* e para (12) *desaprovação*. Com isso, pode-se notar a concorrência entre os prefixos negativos *não-*, *in-* e *des-*. Não foram observadas mudanças categoriais nos casos apresentados.

- (1) “[...] A palavra filarmônica surgiu entre os músicos europeus para designar atividades musicais de caráter **não-lucrativo**. [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] concedendo estabilidade a servidores **não-concursados** [...]” (T – BA, 15 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (3) “[...] tratamento e recuperação de doenças e agravos transmissíveis e **não-transmissíveis** cada vez mais estratégica para o governo federal. [...]” (T – BA, 23 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] pelo autor para uso **não-comercial**. [...]” (T – BA, 06 – 08 – 2007: 03 c. 1);

- (5) “[...] Biografias **não-autorizadas** não têm repercutido [...]” (T – BA, 08 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] doenças crônicas e degenerativas e **não-preveníveis**. [...]” (T – BA, 19 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] o nível mais baixo da categoria **não-especulativa** [...]” (T – BA, 24 – 10 – 2007: 15 c. 1);
- (8) “[...] O CNJ estabeleceu um prazo **não-prorrogável** de 30 dias, para que todos os casos sejam reavaliados [...]” (T – BA, 05 – 12 – 2007: 14 c. 1);
- (9) “[...] os cotistas tiveram desempenho igual ao dos **não-cotistas**. [...]” (T – BA, 19 – 12 – 2007: 03 c. 1);
- (10) “[...] A **não-cobrança** do tributo, nestes casos, [...]” (T – BA, 15 – 08 – 2007: 15 c. 1)
- (11) “[...] alguma coisa está fora da ordem na nova ordem mundial neste **não-lugar** de um Estado desterritorializado [...]” (T – BA, 04 – 10 – 2007: 03 c.1);
- (12) “[...] Nessa discussão, a **não-aprovação** da CPMF seria uma tragédia. [...]” (T – BA, 30 – 11 – 2007: 03 c. 1).

SEM-: preposição oriunda do latim *sine*. Indica ‘falta’, ‘privação’, ‘exclusão’, ‘ausência’, ‘condição’, ‘exceção’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *sem-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *sem-* aparece no *corpus* junto a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção ‘impossibilidade de realizar uma ação’. Em (1) observa-se certo estranhamento, pois a estrutura *sem*+substantivo, como *sem-terra*, *sem-teto* são, em geral, usadas com função substantiva, sem gerar mudança categorial e com sentido de ‘desprovido de algo’; no entanto, a lexia *sem-votos* foi utilizada com função adjetiva com sentido de ‘impossibilitado de realizar algo’, gerando, assim, a mudança categorial na derivação com base substantiva.

- (1) “[...] pela presença dos suplentes **sem-votos** no Senado [...]” (T – BA, 10 – 07 – 2007: 12 c. 1).

5.2.1.3 Prefixos de hostilidade

ANT(I)-: prefixo oriundo do grego *ant(i)*. Exprime idéia de ‘oposição’. O prefixo *anti-* aparece no *corpus* unido a bases adjetivas (1, 2, 3), substantivas (4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12), pronominal (13) e acronímica (14). Basicamente imprime à base a noção de ‘oposição a’ (1, 2, 5, 6, 11, 13, 14), ‘ação contrária a’ (3, 4, 7, 8, 9, 12), ‘contrariedade’ (10). A mudança de classe ocorreu nas derivações com bases substantivas (4, 5, 7, 8, 9, 12, 14) que passaram a exercer função adjetiva.

- (1) “[...] mas pelos agrupamentos carlista versus **anticarlista** [...]” (T – BA, 22 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (2) “[...] o líder cubano insiste em nos ver como degrau da longa conspiração americana **anti-castrista** [...]” (T – BA, 29 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] A impossibilidade de travar o debate sobre o caráter da luta **anti-ditatorial** dentro do PCB [...]” (T – BA, 06 – 12 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] ameaçado de expulsão do PT baiano por desfraldar a bandeira **anti-aborto** [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (5) “[...] os pedidos de esclarecimento do Psol e sua tropa de choque **anti-Calheiros**. [...]” (T – BA, 20 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] viraram alvo de um **anti-americanismo** totalmente absurdo [...]” (T – BA, 25 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] seria instalar dúvidas sobre a destinação dos dólares **anti-narcotráfico**. [...]” (T – BA, 11 – 08 – 2007: 18 c. 1);
- (8) “[...] Não há brigadas **anti-incêndio** prontas a entrar em ação [...]” (T – BA, 26 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (9) “[...] onde participaria de reunião do comitê **anti-crimes** e drogas da ONU [...]” (T – BA, 04 – 09 – 2007: 14 c. 1);
- (10) “[...] Ele cita o Pelourinho como **anti-exemplo** do que se deve fazer para revitalizar uma área [...]” (T – BA, 08 – 09 – 2007: 15 c. 1)
- (11) “[...] Valderico Reis, eleito como o “**anti-Jabes**”. [...]” (T – BA, 21 – 10 – 2007: 18 c. 1);
- (12) “[...] Quando a indústria instala um sistema **anti-cópia**, está desrespeitando uma expectativa do consumidor [...]” (T – BA, 03 – 12 – 2007: 09 c. 1).
- (13) “[...] Não somos **anti-nada**. Nosso compromisso é com a verdade e com a liberdade. Nosso cliente não é o poder. É você, leitor e cidadão. A democracia é o melhor antídoto contra o veneno do autoritarismo. É um longo aprendizado. [...]” (T – BA, 10 – 09 – 2007: 03 c. 1);

(14) “[...] justificar a cruzada **antiCPMF** [...]” (T – BA, 20 – 08 – 2007: 17 c. 1);

CONTRA-: prefixo oriundo do latim *contra*. Exprime idéia de ‘em oposição a’. O prefixo *contra-* aparece no *corpus* preso a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘oposição’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] Num mundo dominado pela cultura do ter, pelo expurgo do sofrimento e pela fuga da dor, Bento XVI caminha aparentemente no **contrafluxo**. [...]” (T – BA, 17 – 12 – 2007: 03 c. 1).

5.2.1.4 Prefixos de referência espacial

EXTRA-: prefixo oriundo do latim *extra*, derivado de *exter* ‘externo’ (oposto de *intra* ‘interno’). Indica tanto uma posição que aparece ‘de fora de’, como também ocorre com a noção de ‘muito bom’, ‘de muito boa qualidade’. O prefixo *extra-* registra-se no *corpus* com uma base adjetiva (1), imprimindo-lhe noção original do prefixo: ‘posição fora de’. Além disso, a lexia (1) foi criada para fazer oposição à palavra *futebolística*. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] Uma copa do mundo, onde quer que se realize, tem sempre muitas implicações. Futebolísticas e **extrafutebolísticas**. [...]” (T – BA, 10 – 11 – 2007: 03 c. 1).

INTRA-: prefixo derivado do latim *intra*. Exprime ‘posição interior ou intermediária’. O prefixo *intra-* encontra-se no *corpus* unido a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe, além do sentido original do prefixo ‘posição interior’, a noção de oposição à lexia *inter-pessoal*. Houve mudança categorial em (1), que passou a exercer função de adjetivo.

(1) “[...] Não importa se essa pessoa é portadora de inteligência **intra-pessoal** e inter-pessoal [...]” (T – BA, 29 – 11 – 2007: 03 c. 1).

SOBR(E)-: prefixo oriundo do latim *super-*. Indica ‘posição acima’, ‘a mais’, ‘além de’. O prefixo *sobre-* aparece, no *corpus*, ligado a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘além de’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] O relatório aponta, por exemplo, **sobrepreço** de até 88% [...]” (T – BA, – 07 – 2007: c. 1).

SUB-: prefixo oriundo do latim *sub*. É usado na língua portuguesa nas formas *so*, *sob*, *su*, *sus*, *sub*. Indica ‘posição inferior’, ‘debaixo’, ‘deficiência’, ‘ação incompleta’, ‘posposição’. O prefixo *sub-* está documentado, no *corpus*, junto a bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12), adjetivas (10, 11) e formas verbais participiais (13, 14). O prefixo imprimiu às bases a noção de ‘posposição’ (1, 4, 5), ‘posição inferior’ (7, 9, 11), ‘ação incompleta’ (3), ‘deficiência’ (6, 8, 10, 13, 14), ‘qualidade inferior’ (2, 12).

- (1) “[...] governadores que pleiteiam **subsedes** de jogos [...]” (T – BA, 31 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] A do Brasil na Conferência de Lima, no Peru, em maio passado, sobre a proibição das bombas de **submunições**, é uma delas. [...]” (T – BA, 03 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] não será permitida a **sub-contratação** dos serviços [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (4) “[...] protocolou um documento na **subdelegacia** do Ministério do Trabalho [...]” (T – BA, 04 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (5) “[...] funcionária de carreira da prefeitura designada para a **Subprocuradoria** do Município [...]” (T – BA, 06 – 09 – 2007: 15 c. 1);
- (6) “[...] Em que pese a tergiversação da grande mídia sobre os passos vigorosos que as instituições nacionais têm dado na consolidação democrática e no resgate dos anseios da maioria ainda nos grilhões da **subcidadania**, o Brasil se move a passos decididos para ser uma sociedade desenvolvida. [...]” (T – BA, 18 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] Reações emocionais e julgamentos precipitados prejudicaram, à época, a análise da cobertura. Os paparazzi, cortejados pelo **subjornalismo**, foram lançados ao fosso da execração pública. Não se trata, agora, de tentar absolver o comportamento aético desses profissionais do drama humano. Mas não é razoável reduzir todo o show mediático ao cruel pragmatismo dos representantes do jornalismo mundo-cão [...]” (T – BA, 08 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (8) “[...] Temos problema de gestão crônica, de **subfinanciamento** da saúde e uma baixíssima eficiência do gasto [...]” (T – BA, 30 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (9) “[...] Esse relacionamento promíscuo leva o Legislativo se tornar um poder menor, quase um **subpoder**. [...]” (T – BA, 20 – 08 – 2007: 14 c. 1).
- (10) “[...] O capital da empresa inscrito na Junta Comercial de Brasília é de R\$ 3 milhões, mas pode estar **subavaliado** [...]” (T – BA, 04 – 07 – 2007: 12 c. 1);

- (11) “[...] encravada nos segmentos **submédio** e baixo do Rio São Francisco [...]” (T – BA, 28 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (12) “[...] Tratava-se de um **subcompacto** barato, de péssima qualidade (quatro rodas e um cinzeiro) [...]” (T – BA, – 11 – 2007: c. 1);
- (13) “[...] primeiro, o projeto é alterado, **subdimensionado**, pra poupar investimento [...]” (T – BA, 13 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (14) “[...] Assim, S. Paulo, o Estado mais populoso, tem muito mais representantes do que o Piauí e, ainda assim, por causa do limite, sente-se **subrepresentado** [...]” (T – BA, 07 – 10 – 2007: 03 c. 1);

TRANS-: prefixo derivado de latim *trans-*. Pode significar ‘movimento para além de’, ‘através de’, ‘posição para além de’, ‘posição ou movimento de través’, ‘intensidade’. O prefixo *trans-* encontra-se registrado, no *corpus*, preso a uma base adjetiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘posição ou movimento de través’. Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] Cabe ao governo da União executá-lo, assim como está construindo, mais acima, a ferrovia **Transnordestina**. [...]” (T – BA, 22 – 08 – 2007: 13 c. 1).

5.2.1.5 Prefixos de referência temporal

PÓS-: elemento de composição oriundo do latim *post*. Indica ‘posterioridade’, ‘posição depois, atrás, posterior no tempo e no espaço’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *pós-* como um elemento formador de prefixação. O prefixo *pós-* aparece, no *corpus*, com bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5), imprimindo-lhes apenas a noção de ‘posterioridade’. Não houve mudança categorial em (2). Contudo, em (1, 3, 4, 5) a nova lexia passou a exercer função adverbial.

- (1) “[...] pagamentos feitos **pós-entrega** [...]” (T – BA, 05 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] O **pós-carlismo**: A morte do senador Antônio Carlos Magalhães encerra um longo ciclo político da Bahia [...]” (T – BA, 22 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (3) “[...] a política baiana **pós-ACM** é muitíssima mais profunda [...]” (T – BA, 27 – 07 – 2007: 18 c. 1);
- (4) “[...] Só para mostrar que em agosto havia gente no PT (quando se começou a discutir o rito da substituição) já contando com a licença de Calheiros **pós-absolvição** do primeiro processo em setembro [...]” (T – BA, 17 – 10 – 2007: 13 c. 1);

(5) “[...] As reações a cortes de gastos **pós-derrota** da CPMF são o retrato do Brasil [...]” (T – BA, 19 – 12 – 2007: 17 c. 1).

PRÉ-: prefixo do latim *prae-*. Exprime idéia de ‘precedência’, ‘anterioridade’ (no tempo e no espaço). O prefixo *pré-* encontra-se, no *corpus*, junto a bases substantivas (1, 2), adjetiva (3) e verbal (4), imprimindo-lhes noção de ‘anterioridade’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] O governador baiano, por sua vez, enfrentou no primeiro semestre deste ano greve de professores que se arrastou por meses, maculando a estréia do petista, que chegou a ser apontado, quando eleito, como um dos **pré-presidenciáveis** do PT em 2010. [...]” (T – BA, 30 – 11 – 2007: 20 c. 1);

(2) “[...] os **pré-candidatos** a prefeito sairão às ruas [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 11 c. 1);

(3) “[...] a verdade é que continuamos **pré-darwinistas**, aliás, como nunca. [...]” (T – BA, 10 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(4) “[...] a carteira de clientes da companhia na capital baiana alcança seis empresas, além de outras dez, que **pré-pactuaram** contratos [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 20 c. 1);

NEO-: elemento de composição oriundo do grego *néos* ‘novo’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *neo-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *neo-* surge, no *corpus*, com bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5) e adjetiva (6), imprimindo-lhe noção de ‘novo’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] perdeu na condição de **neo-tucano** [...]” (T – BA, 24 – 07 – 2007: 14 c. 1);

(2) “[...] O Grupo **Neoenergia** não tem do que reclamar [...]” (T – BA, 01 – 08 – 2007: 16 c. 1);

(3) “[...] responde às bandeiras dos **neoconservadores** [...]” (T – BA, 09 – 07 – 2007: 12 c. 1);

(4) “[...] José Henrique Silveira (SC), historicamente mais próximo dos tucanos, mas **neolulista** [...]” (T – BA, 15 – 10 – 2007: 14 c. 1);

(5) “[...] O **neogovernista** Severiano Alves (PDT-BA) [...]” (T – BA, 18 – 07 – 2007: 13 c. 1);

(6) “[...] Os arautos do racismo **neonegro** voltaram as costas ao que acontece no Brasil [...]” (T – BA, 24 – 11 – 2007: 03 c. 1).

RECÉM-: elemento de composição, forma apocopada de *recente* < lat. *recens, -entis* ‘recentemente’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *recém-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *recém-* está presente, no *corpus*, unido a bases adjetivas e participiais (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8) e verbais (9), imprimindo-lhes noção de ‘recentemente’. Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] o deputado **recém-governista** Elmar Nascimento (PR), [...]” (T – BA, 27 – 09 – 2007: 15 c. 1);
- (2) “[...] A compra da Swift pelo Grupo JBS Friboi, **recém-concretizada**, movimentará US\$ 1,4 bilhão [...]” (T – BA, 11 – 07 – 2007: 3 c. 1);
- (3) “[...] assim como a **recém-adquirida** Varig [...]” (T – BA, 11 – 07 – 2007: 18 c. 1);
- (4) “[...] não raro eivada de exageros resultantes da liberdade **recém-conquistada**. [...]” (T – BA, 05 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (5) “[...] fizeram isso ante o cadáver ainda quente da reforma política **recém-enterrada** na Câmara. [...]” (T – BA, 12 – 08 – 2007: 23 c. 1);
- (6) “[...] Na agência do Banco Real, **recém-instalada** [...]” (T – BA, 18 – 09 – 2007: 12 c. 1);
- (7) “[...] Autor do **recém-lançado** livro [...]” (T – BA, 01 – 10 – 2007: 10 c. 1);
- (8) “[...] acrescentando que um juiz federal, **recém-concursado** no Brasil [...]” (T – BA, 02 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (9) “[...] hoje sob o comando do senador Cesar Borges (**recém-desfiliado** do DEM) e do PP, partido presidido pelo deputado federal Mário Negromonte [...]” (T – BA, 14 – 10 – 2007: 18 c. 1).
- (10) “[...] Outra vedete entre as empresas que **recém-ingressaram** no mercado de capitais é a GVT Telefonía [...]” (T – BA, 27 – 08 – 2007: 14 c. 1);

5.2.1.6 Prefixos de repetição

RE-: prefixo do latim *re-*. Exprime noção de ‘retorno’, ‘repetição’, ‘reiteração’, ‘oposição’, ‘intensidade’. O prefixo *re-*, no *corpus*, prende-se a bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9), adjetivas e participiais (10, 11, 12) e verbais (13, 14, 15, 16), imprimindo-lhes noção de ‘repetição’ (3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12) e ‘reiteração’ (1, 2, 5, 11, 13, 14). Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] exercer seu direito sagrado de **ressignificação** das coisas [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] as obras serão voltadas para a **requalificação** de moradias, [...]” (T – BA, 13 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (3) “[...] negou que a compra da Suzano represente uma tentativa de **reestatização** do setor [...]” (T – BA, 04 – 08 – 2007: 22 c. 1);
- (4) “[...]15 milhões liberados pela Petrobras para “**reasfaltamento** de ruas”. [...]” (T – BA, 07 – 08 – 2007: 12 c. 1);
- (5) “[...] especialmente a **reconfiguração** do quadro político [...]” (T – BA, 12 – 08 – 2007: 22 c. 1);
- (6) “[...] Esse corredor permite a **reconexão** de remanescentes [...]” (T – BA, 25 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] A sua gestão se estendeu ao **reaparelhamento** da Limpeza Pública [...]” (T – BA, 18 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (8) “[...] que permita a estes homens e mulheres a **reinclusão** socioeconômica de forma substantiva [...]” (T – BA, 15 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (9) “[...] nesse momento de “**refundação**” da Sudene [...]” (T – BA, 17 – 11 – 2007: 10 c. 1);
- (10) “[...] acordo que acaba de ser **repactuado** pelo governo. [...]” (T – BA, 07 – 08 – 2007: 14 c. 1);
- (11) “[...] O produto era comprado em Goiás, **reembalado** e vendido a grandes supermercados [...]” (T – BA, 30 – 10 – 2007: 15 c. 1);
- (12) “[...] somos (**re**)**invadidos** por sentimentos e conceitos secularmente contidos nos corações e mentes [...]” (T – BA, 29 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (13) “[...] É preciso **reaglutinar** a esquerda democrática para, assim, enfrentarmos os desafios [...]” (T – BA, 03 – 12 – 2007: 09 c. 1);
- (14) “[...] iniciativa de alguns parlamentares de **redividir** o Super Simples [...]” (T – BA, 30 – 09 – 2007: 24 c. 1);
- (15) “[...] quando se trata de **reenquadrar** situações que, ao longo do tempo, se desviaram [...]” (T – BA, 03 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (16) “[...] aos poucos vai se **reacostumando** com a democracia [...]” (T – BA, 13 – 09 – 2007: 03 c. 1);

5.2.1.7 Prefixos de gradação

HIPER-: prefixo oriundo do grego *hypér*. Exprime idéia de ‘posição superior’, ‘além’, ‘excesso’. O prefixo *hiper-*, no *corpus*, une-se a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘excesso’ (1). Não houve mudança categorial.

(1) “[...] fortalecida em tempos de Sociedade do Conhecimento e de **hipercompetitividade** [...]” (T – BA, 25 – 09 – 2007: 03 c. 1).

MACR(O)-: elemento de composição oriundo do gr. *makro-* < gr. *makrós, á, ón*. Exprime noção de ‘grandeza’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *macro-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *macro-*, no *corpus*, juta-se a bases substantivas (1, 2), imprimindo-lhes noção de ‘grandeza’ (1, 2). Não houve mudança categorial.

(1) “[...] às obras de infra-estrutura e **macro drenagem** na Capital [...]” (T – BA, 05 – 10 – 2007: 16 c. 1);

(2) “[...] A discussão mundial se aprofunda na busca de **macrossoluções** [...]” (T – BA, 21 – 10 – 2007: 03 c. 1).

MEGA-: elemento de composição oriundo do grego *mégas, megále, méga*. Exprime noção de ‘grandeza’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *mega-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *mega-* aparece, no *corpus*, preso a bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9), imprimindo-lhes noção de ‘grandeza’ (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9). Não houve mudança categorial.

(1) “[...] O **megainvestidor** George Soros, [...]” (T – BA, 03 – 07 – 2007: 14 c. 1).

(2) “[...] uma **megafazenda** de criação de camarões [...]” (T – BA, 10 – 07 – 2007: 03 c. 1).

(3) “[...] Não raro em nome de **megaempresas** ou oligarquias predadoras [...]” (T – BA, 23 – 07 – 2007: 03 c. 1).

(4) “[...] como o **megatraficante** Erineu Domingos Soligo [...]” (T – BA, 25 – 07 – 2007: 03 c. 1).

(5) “[...] Do total das nove áreas-alvo da **megalicitação**, pelo menos oito se localizam [...]” (T – BA, 20 – 09 – 2007: 15 c. 1)

- (6) “[...] O **megaleilão** vai unificar o procedimento das varas de Itabuna [...]” (T – BA, 02 – 10 – 2007: 11 c. 1).
- (7) “[...] Petrobrás encontra **megacampo**, mas gás será reajustado [...]” (T – BA, 09 – 11 – 2007: 17 c. 1).
- (8) “[...] o projeto de construção do **megagasoduto** da América do Sul [...]” (T – BA, 14 – 11 – 2007: 17 c. 1).
- (9) “[...]somada à recente descoberta da **megajazida** no Brasil [...]” (T – BA, 19 – 11 – 2007: 09 c. 1).

MICR(O)-: elemento de composição oriundo do grego *mikro-* < gr. *mikrós*. Indica ‘ordem ou grandeza reduzida’, ‘de proporção menor que’, ‘pequeno’, ‘curto’, ‘fraco’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *micro-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *micro-* no *corpus* liga-se a bases substantivas (1, 2), imprimindo-lhes noção de ‘ordem ou grandeza reduzida’ (1, 2). Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] também se encontra o maior programa de **microcrédito** produtivo orientado do País, o Crediamigo [...]” (T – BA, 03 – 08 – 2007: 20 c. 1);
- (2) “[...] baseadas em um cuidadoso modelo de **microsimulação** de políticas públicas [...]” (T – BA, 04 – 11 – 2007: 21 c. 1).

MINI-: elemento de composição do latim *mini(mus)*. Tem sentido de ‘mínimo’, ‘muito pequeno’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *mini-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *mini-*, no *corpus*, junta-se a bases substantivas (1, 2, 3, 4), imprimindo-lhes noção de ‘tamanho ou proporção menor’ (1, 2, 3, 4). Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] com todo um conjunto de canecas, **minialmofadas** e chaveiros, [...]” (T – BA, 19 – 07 – 2007: 24 c. 1);
- (2) “[...] além da **mini-montanha** de rosas [...]” (T – BA, 23 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (3) “[...] com estrutura de fábrica e **minifábricas** nos municípios [...]” (T – BA, 23 – 09 – 2007: 22 c. 1);
- (4) “[...] Kirchner criou uma **miniestatal**, a Enarsa [...]” (T – BA, 19 – 11 – 2007: 09 c. 1).

MULTI-: elemento de composição proveniente do latim *multus*. Indica idéia de ‘abundância’, ‘numeroso’, ‘múltiplo’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *multi-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *multi-*, no *corpus*, junta-se bases substantivas (1, 2, 3) e adjetivas (4, 5, 6), imprimindo-lhes noção de ‘abundância’, ‘numeroso’, ‘múltiplo’. Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] aplicar o capital em fundo **multimercado**, que associa investimentos em renda fixa e em renda variável. [...]” (T – BA, 06 – 07 – 2007: 15 c. 1);
- (2) “[...]Em “**Multibusca**” é possível ver informações de políticos ou empresas em várias bases de dados [...]” (T – BA, 27 – 07 – 2007: 19 c. 1);
- (3) “[...] Muitas cidades, históricas ou não, começaram a pintar suas casas à la ‘sorveteria’ **multissabores**. [...]” (T – BA, 27 – 10 – 2007: 03 c. 1).
- (4) “[...] Em segundo lugar, aparecem os fundos **multissetoriais** e os do tipo IBX que tentam alcançar o desempenho médio do Ibovespa. [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 19 c. 1);
- (5) “[...] A futurologia dele somente agora se consolida no nosso dia-a-dia, com a simultaneidade **multidirecional** dos celulares, da internet e da televisão em modo interativo [...]” (T – BA, 04 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] Precisamos implantar, nas universidades brasileiras, em especial no setor público, procedimentos seletivos diversificados, flexíveis, processuais, criativos e **multi-referenciados**, realmente democráticos e de fato meritocráticos, capazes de estancar o enorme desperdício de inteligências que nossa arcaica instituição universitária tem perpetrado ao longo dos anos. [...]” (T – BA, 16 – 10 – 2007: 03 c. 1);

PAR(A)-: prefixo oriundo do gr. *pará*. Exprime noção de ‘proximidade’, ‘ao lado de’, ‘ao longo de’; ‘elemento acessório’, ‘subsidiário’; ‘funcionamento desordenado ou anormal’; ‘semelhante’; ‘oposição’. O prefixo *para-*, no *corpus*, com uma base adjetiva (1), imprime-lhe uma noção de ‘funcionamento desordenado ou anormal’ (1). Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] Mas a cobiça, a ansiedade e o mau desempenho dos petistas nas pesquisas poderá obliterar as visões e não deixá-las o quanto a bandeira da continuidade **paralegal** serve de estandarte à oposição. [...]” (T – BA, 04 – 12 – 2007: 10 c. 1).

PLUR(I)-: elemento de composição oriundo do latim *pluri*. Exprime noção de ‘pluralidade’, ‘muitos’, ‘vários’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se

pluri- um elemento formador de prefixação. O prefixo *pluri-* documenta-se no *corpus* junto a uma base adjetiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘pluralidade’ (1). Não houve mudança categorial.

(1) “[...] com uma visão **plurissetorial**, que contempla não só a indústria, o agronegócio ou as exportações [...]” (T – BA, 03 – 08 – 2007: 20 c. 1).

POLI-: elemento de composição oriundo do grego *poly-* < gr. *polys*. Exprime noção de ‘muitos’, ‘diversos’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *poli-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *poli-* é registrado, no *corpus*, mais uma base substantiva (1) e outra adjetiva (2), imprimindo-lhes noção de ‘muitos’, ‘diversos’ (1, 2). Não houve mudança categorial.

(1) “[...] No pronto socorro atendia-se de **politraumatismo** grave até unha encravada [...]” (T – BA, 28 – 11 – 2007: 03 c. 1).

(2) “[...] para a construção de quadra **poliesportiva**, que não foi concluída. [...]” (T – BA, 18 – 07 – 2007: 14 c. 1);

SEMI-: SEMI-: elemento de composição usado como prefixo, do latim *semi-*. Indica ‘metade’, ‘meio’, ‘quase’, ‘um de dois’, ‘um tanto’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *semi-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *semi-*, no *corpus*, mais bases substantivas (1, 2) e adjetivas (3, 4, 5), imprime-lhes noção de ‘superficial’ (1), ‘parcialmente’ (2, 5), ‘metade’, ‘um tanto’ (3, 4). Em (4) percebe-se que *semiintensivo* foi criada para definir um nível de gradação com *intensivo*. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] **Semiformação** é a formação da mídia. O mundo do **semiculto**, formado pela mídia, é o da uniformidade. [...]” (T – BA, 05 – 08 – 2007: 03 c. 1);

(2) “[...] A derrota do “amigo” Chávez, na Venezuela, passou a ter um significado extraordinário para a América Latina, diante da ameaça de um novo ciclo de ditaduras, agora “bolivarianas”, conduzido pelo destemperado **semi-ditador**. [...]” (T – BA, 04 – 12 – 2007: 09 c. 1).

(3) “[...] o movimento intenso do Congonhas, as obras **semiconcluídas**, a sensação de loucura que senti lá, com aeronaves decolando e pousando, num frenesi absurdamente conjugado à pressa de viver que nos assola a todos [...]” (T – BA, 19 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(4) “[...] 238 leitos, incluindo 58 de cuidados intensivos e **semiintensivos**. [...]” (T – BA, 07 – 08 – 2007: 03 c. 1);

(5) “[...] a indústria cultural em áreas profissionalizadas, como a TV e o teatro; **semiprofissionais**, como a literatura [...]” (T – BA, 21 – 08 – 2007: 03 c. 1);

SUPER-: prefixo oriundo do latim *super-*. Indica ‘posição superior’, ‘superioridade’, ‘aumento’, ‘excesso’, ‘em seguida’. O prefixo *super-* é documentado, no *corpus*, com bases substantivas (1, 2, 3, 4, 5) e adjetivas (6, 7, 8, 9, 10, 11, 12), imprimindo-lhe noção de ‘superioridade’ (2, 3, 4, 5), ‘aumento’, ‘excesso’ (1, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12). Em (10), o neologismo *supercomplicado* foi criado para fazer oposição ao *Super Simples*. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] A imagem do **superpai**, contudo, prevalece na memória [...]” (T – BA, 03 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(2) “[...], prendeu o **supernarcotraficante** colombiano, Ramirez-Abadía [...]” (T – BA, 10 – 08 – 2007: 14 c. 1);

(3) “[...] Talvez Fuentes tenha indagado o que pretende o **supermandatário** venezuelano com a sua pregação continental [...]” (T – BA, 02 – 09 – 2007: 03 c. 1);

(4) “[...] A **superelite** é constituída pelos detentores do poder, que usufruem toda espécie de benesses à custa do contribuinte [...]” (T – BA, 06 – 11 – 2007: 03 c. 1);

(5) “[...] Por diversas vezes o Brasil sofreu os efeitos perversos do **superpoder** – na monarquia, na República Velha, no Estado Novo e na ditadura militar [...]” (T – BA, 12 – 11 – 2007: 03 c. 1);

(6) “[...] A conjuntura internacional **superfavorável** dos últimos anos mascarou o problema [...]” (T – BA, 22 – 11 – 2007: 23 c. 1).

(7) “[...] fatores jogando contra a carteira **superativa**: taxas de corretagem, [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 14 c. 1);

(8) “[...] Gaxi Menezes – equede, filha de Oxum, **superquerida** por advogados [...]” (T – BA, 27 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(9) “[...] os apupos foram “**superdimensionados**” pela imprensa. [...]” (T – BA, 31 – 07 – 2007: 15 c. 1);

(10) “[...] o que era Super Simples virou **supercomplicado** [...]” (T – BA, 14 – 08 – 2007: 15 c. 1);

(11) “[...] Com um olfato e um paladar **superapurados** [...]” (T – BA, 14 – 09 – 2007: 03 c. 1);

(12) “[...] pela França, Alemanha, Itália e o Reino Unido, detém uma posição **superprivilegiada** no FMI [...]” (T – BA, 04 – 10 – 2007: 24 c. 1);

SUPR(A)-: prefixo do latim *supra-*. Indica idéia de ‘superioridade’, ‘precedência’. O prefixo *supra-* junta-se, no *corpus*, a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘superioridade’. Houve mudança categorial em (1), passando a exercer a função de adjetivo.

(1) “[...] Se a opção do partido tivesse sido o lançamento de uma candidatura "**supratendências**", na visão de Cardozo não haveria tantos postulantes ao comando [...]” (T – BA, – 10 – 2007: c. 1).

ULTRA-: elemento de composição oriundo do latim *ultra*. Significa ‘além de’, ‘em excesso’, ‘extremamente’. Usado como elemento prefixal, ligando-o a elementos autônomos, tornou-se bastante produtivo no português moderno. Por conta disso, considera-se *ultra-* um elemento formador de prefixação. O prefixo *ultra-*, no *corpus*, encontra-se preso a bases substantivas (1, 2) e adjetivas (3, 4, 5), imprimindo-lhes noção de ‘além de’, ‘extremamente’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] por conta dos processos de **ultrapasteurização** e esterilização [...]” (T – BA, – 11 – 2007: 18 c. 1);

(2) “[...] Israel está na era da **ultrafiltragem**, onde membranas nanométricas (nm = um bilionésimo de metro) reduzem significativamente a necessidade de tratamento químico [...]” (T – BA, 07 – 11 – 2007: 03 c. 1);

(3) “[...] os Estados Unidos lançaram-se em uma guerra sem inimigos a serem derrotados nem territórios a serem ocupados, a não ser aqueles inimigos e aqueles territórios criados pela potência imperial, ao mesmo tempo em que, obedecendo a uma ideologia **ultraliberal**, reduziam os impostos sobre os ricos. [...]” (T – BA, 27 – 08 – 2007: 15 c. 1);

(4) “[...] o senador alagoano tem a pachorra de carimbar como **ultraconfidencial** a sessão na qual se decidirá se ele feriu o decoro de suas funções. [...]” (T – BA, 07 – 09 – 2007: 12 c. 1);

(5) “[...] Mas a província descoberta está em águas **ultraprofundas** [...]” (T – BA, 09 – 11 – 2007: 17 c. 1).

5.2.1.8 Prefixos de colaboração

CO-: prefixo oriundo do latim *cum*. Designa ‘companhia’, ‘contigüidade’, ‘sociedade’. O uso desse prefixo pode demonstrar uma ‘participação coletiva, ou a outrem’. O prefixo *co-*, no *corpus*, junta-se a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘uma participação coletiva, ou a outrem’. Não houve mudança categorial.

“[...] Prêmio Nobel e **co-descobridor** da estrutura do DNA, o cientista enxergou, no seu microscópio, que as políticas sociais do Ocidente fracassam nos países africanos porque estão baseadas na presunção errônea de que as pessoas negras estão tão prontas quanto as brancas. [...]” (T – BA, 12 – 11 – 2007: 03 c. 1).

PRÓ-: (i) prefixo oriundo do grego *pro-* ‘movimento para diante’, ‘posição em frente’; ‘anterior’, ‘antecipado’; (ii) prefixo oriundo do latim *pro* ‘movimento para a frente’, ‘a favor de’. O prefixo *pró-*, no *corpus*, prende-se a uma base adjetiva (1), e outra acronímica (2), imprimindo-lhes noção de ‘a favor de’ (1, 2). Houve mudança categorial em (1) que passou a exercer função de substantivo, e em (2) que passou a exercer a função de adjetivo.

(1) “[...] afirma Odnir Finotti, vice-presidente da **Pro-Genéricos**, associação dos principais fabricantes do setor. [...]” (T – BA, 03 – 08 – 2007: 22 c. 1);

(2) “[...] Previsto para ser um grande acontecimento político **pró-CPMF**, o lançamento do PAC da saúde [...]” (T – BA, 04 – 12 – 2007: 10 c. 1).

5.2.1.9 Prefixos de proveniência

EX-: prefixo derivado do latim tem sua origem na preposição latina *ex*, ‘fora de’. Exprime noção de ‘movimento para fora’, ‘separação’, ‘transformação’, ‘ausência’, ‘negação’, ‘proveniência’, ‘função ou estados anteriores’, ‘conversão’. O prefixo *ex-*, bastante produtivo, junta-se, no *corpus*, a bases substantivas (1 a 12), adjetivas (13, 14) e acronímicas (15, 16), imprimindo-lhes noção de ‘função ou estados anteriores’. Houve mudança categorial em (13), que passou a exercer a função de substantivo.

(1) “[...] Ao completar seis meses de governo, o **ex-ministro** de Relações Institucionais do governo Lula e **ex-sindicalista** Jaques Wagner (PT) amarga a frustração de assistir à interminável greve de professores da rede pública de ensino [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 14 c. 1);

- (2) “[...] acolhendo **ex-prefeitos** e **ex-deputados** do antigo PFL. [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 15 c. 1);
- (3) “[...] aguardar o retorno do **ex-governador** [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (4) “[...] questionado pelo **ex-procurador-geral** da República [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (5) “[...] o atual diretor administrativo e **ex-coordenador** da Comissão de Licitação da Ebal [...]” (T – BA, 05 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] o **ex-presidente** da Caesb Marcos de Almeida Castro [...]” (T – BA, 05 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (7) “[...] não ficaria bem o partido de Wagner receber **ex-carlistas**. [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 16 c. 1);
- (8) “[...] Roberto Mangabeira Unger, **ex-crítico** ferrenho de Lula, [...]” (T – BA, 14 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (9) “[...] **ex-consultor-geral** da República do governo de João Goulart [...]” (T – BA, 28 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (10) “[...] e enfatizou que os **ex-pefelistas** andam “mal das pernas” [...]” (T – BA, 03 – 08 – 2007: 16 c. 1);
- (11) “[...] O **ex-coronel** já passou por vários presídios [...]” (T – BA, 03 – 09 – 2007: 10 c. 1);
- (12) “[...] Como o PT baiano está em chamas e irá para um bate-chapa no próximo domingo entre o presidente atual, Marcelino Galo e Jonas Paulo, do **ex-Campo Majoritário**, disputando em segundo turno [...]” (T – BA, 11 – 12 – 2007: 10 c. 1);
- (13) “[...] O **ex-professor** catedrático da USP e escritor FHC não precisa contracenar com a proficiência incontestada da liderança política transnacional do presidente Lula. [...]” (T – BA, 29 – 11 – 2007: 03 c. 1).
- (14) “[...] A morte por inanição da **ex-todapoderosa** Ceplac [...]” (T – BA, 20 – 10 – 2007: 18 c. 1);
- (15) “[...] Empresários descobriram que adicionalidades como preservação fazem com que o metro quadrado da região **ex-cacaueira** valha ouro. [...]” (T – BA, – 11 – 2007: c. 1);
- (16) “[...] continua sendo PP e PR (**ex-PL**), [...]” (T – BA, 10 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (17) “[...] Só com a interferência de deputados do **ex-MDB** [...]” (T – BA, 11 – 08 – 2007: 03 c. 1).

5.2.2 O processo de Sufixação

Antes de apresentar os neologismos formados pelo processo de derivação sufixal, é pertinente ressaltar que a classificação dos morfemas aumentativos e diminutivos como morfemas derivacionais e não mais como morfemas flexionais é bastante atual, pois não ocorre dessa maneira na maioria das gramáticas tradicionais. Essa mudança ocorreu por se perceber que não há o mesmo comportamento entre os morfemas flexionais e os morfemas aumentativos e diminutivos.

Segundo Matoso Câmara Jr. (1969, p. 48), há uma distinção, na descrição gramatical, entre morfemas que criam novas palavras, ditos de “derivação”, e morfemas de “flexão”, que adaptam cada palavra às condições específicas de cada contexto. (...) As palavras “derivadas” não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. Já na “flexão”, há obrigatoriedade e sistematização coerente. Ela é imposta pela própria natureza da frase e é *naturalis*, no termo de Varrão. É a natureza da frase que faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na primeira pessoa do pretérito imperfeito.

Atualmente, muitos gramáticos e lingüistas já tratam os morfemas aumentativos e diminutivos como morfemas derivacionais, dentre eles, Mateus et al. (2003).

Dessa maneira, justifica-se a aplicação dos morfemas aumentativos e diminutivos, dentre os morfemas derivacionais. Contudo, apenas serão abordados os sufixos encontrados no *corpus*.

-AÇO: sufixo nominal oriundo do latim *-aceus*. Forma substantivos derivados a partir de bases substantivas. Imprime noção de ‘aumento’, ‘grandeza’, ‘intensidade’, ‘coleção’; ‘resultado de ação’; ‘depreciação’. O sufixo *-aço* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘intensidade’, ‘depreciação’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] estudantes promoviam um **apitaco**, xingavam o presidente e [...]” (T – BA, 27 – 07 – 2007: 17 c. 1);

-ADA: sufixo nominal oriundo do latim *-ata*. Forma substantivos a partir de bases substantivas. Imprime noção de ‘ação ou resultado de ação’, ‘golpe’, ‘movimento’; ‘marca

feita com um instrumento'; 'acontecimento'; 'duração'; 'coleção', 'porção'; 'multidão'; 'produto alimentar'. Equivalente a *-alhada, -arada, -eada, -iada, -oada, -uada, -zada*. O sufixo *-ada* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas (1) de *peão*, (2) de *sujeira*, imprimindo-lhes noção de 'grupo' (1), 'ação ou resultado de ação' (2). Não houve mudança categorial.

(1) “[...] Juscelino Kubistschek tomava cafezinho no meio da **peãozada** da construção [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 18 c. 1);

(2) “[...] E, na **sujeirada** toda a céu aberto, o surgimento de arranha-céus [...]” (T – BA, 15 – 07 – 2007: 03 c. 1);

-ADO: sufixo nominal oriundo do latim *-atus*. (i) Forma substantivos a partir de bases substantivas, com as acepções de ‘território subordinado a um titular’; ‘instituição, titulação’. (ii) Forma adjetivos a partir de bases substantivas, com acepções de ‘provido ou cheio de’; ‘que tem caráter ou forma de’, ‘semelhante a’; ‘que foi transformado em’, ou ‘que sofreu a ação de’. Equivalente a *-eado, -iado, -ido, -oado, -uado, -zado*. O sufixo *-ado* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base substantiva (1) e a uma base verbal virtual (2) (*linkar**), imprimindo-lhe noção de ‘classe profissional’ (1), ‘grupo que compartilha determinado tipo de comportamento’ (2). Pode-se observar que em (2), houve uma extensão do sentido do sufixo *-ado* não registrada nos dicionários consultados que é a noção de ‘grupo que compartilha determinado tipo de comportamento’. Houve mudança categorial em (2), passando da função verbal* à substantiva.

(1) “[...] O "**reportariado**" – jargão jornalístico para definir o coletivo de repórter – estava ali fazendo o seu trabalho [...]” (T – BA, 01 – 09 – 2007: 17 c. 1);

(2) “[...] Já o segundo grupo é outra onda. Com roupas completamente despojadas, que combinam tanto quanto uma feijoada com vitamina de abacate, eles são o oposto dos "**linkados**". Adoram vernissage, mostras de cinema europeu, bares que só tocam Los Hermanos e shows alternativos. [...]” (T – BA, 02 – 08 – 2007: 03 c. 1);

-AGEM: *-agem¹, -agem²*: sufixos nominais de origens distintas, mas de funções semelhantes. (i) *-agem¹*: do latim *-agine*. Forma substantivos a partir de bases verbais, imprimindo noção de ‘estado, situação’; ‘ação’ ou ‘resultado de ação’. (ii) *-agem²*: do provençal *-atge*. Forma substantivos a partir de bases substantivas e imprime noção de ‘ação’

ou ‘resultado de ação’; ‘coleção’. O sufixo *-agem* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base substantiva (1), sendo que virtualmente a ordem de formação seria *Araponga*, *arapongar**, *arapongagem*, o que equivale a dizer que essa etapa foi suprimida, passando-se imediatamente à etapa seguinte; sufixado a bases verbais estão os casos (2), de *atracar*, e (3), de *derramar*. É interessante notar que para *atracagem* (2), já há dicionarizado *atracação* e para *derramagem* (3), já há dicionarizado *derramamento*, ambos com sentidos bastante semelhantes. O sufixo *-agem* imprime tanto aos substantivos quanto aos verbos a noção de ‘ação’ ou ‘resultado de ação’. Em (1) percebe-se que o sufixo *-agem* insere à base um tom de depreciação. Houve mudança categorial em (2, 3) que passaram a exercer função de substantivo.

(1) “[...] a denúncia de que teria armado esquema de **arapongagem** e montado dossiês para intimidar senadores [...]” (T – BA, 12 – 10 – 2007: 03 c. 1);

(2) “[...] um novo terminal de contêiner, com capacidade de 400 mil teus, e dois berços de **atracagem**, com 140 metros [...]” (T – BA, 25 – 07 – 2007: 20 c. 1);

(3) “[...] o processo da industrialização baiana e conseqüente **demarragem** da indústria do turismo [...]” (T – BA, 11 – 10 – 2007: 03 c. 1);

-AL: sufixo nominal oriundo do latim *-ale*. Forma: (i) substantivos a partir de bases substantivas, com as noções de ‘locativo’, ‘plantação’, ‘grande quantidade’; (ii) adjetivos a partir de bases substantivas, com noção de ‘relação’, ‘pertinência’; (iii) substantivos a partir de bases substantivas, imprimindo a noção de ‘instrumento’. Alterna-se, às vezes, com *-ar*. Equivalente a *-açal*, *-al-*, *-eal*, *-ial*, *-ual*, *-zal*. O sufixo *-al* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhe noção de ‘relação a’. Em (6) ocorre um fato interessante, pois, com o sentido próximo a *laborial* já há *laboral* e *laborioso* (FERREIRA 2004), o que sugere o questionamento: Por que se formou *laborial*? Trata-se de uma questão interessante, pois no espectro do lexema *labor* (XVI), tem-se *laboração*, *laboral*, *laborão*, *laborar*, *laborativo*, *laboratorial*, *laboratório*, *laboratorista*, *laborista*, *laboriosidade*, *laborioso* (XX). Dessa maneira, percebe-se com isso, que o sufixo *-al* adquiriu a variação *-ial*, tornando-se, por conta disso, possível tanto *laboral* quanto *laborial*. Contudo, nesse caso, é pertinente lembrar que o sufixo *-ial* equivale à fusão da vogal de ligação *-i-*, já presente na palavra derivante, com o sufixo *-al*; mas não se trata do que ocorreu em (6) pois em *labor* não há a presença da vogal de ligação *-i-*. Houve mudança categorial em todos os casos, que passaram a exercer a função de adjetivo.

- (1) “[...] Corresponde a um erro **amostral** em torno de 4,0% para o conjunto. [...]” (T – BA, 31 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (2) “[...] idéia que nada tem de pleonástica ou **circunloquial** [...]” (T – BA, 28 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] suas safras **sojais** espetaculares [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] a sociedade verá a extirpação dos aspectos motivadores das ações **infracionais**? [...]” (T – BA, 09 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (5) “[...] em geral por meio de aperfeiçoamentos **concorrenciais** do mercado [...]” (T – BA, 07 – 11 – 2007: 16 c. 1);
- (6) “[...] de instrumento mobilizador da consciência e por uma justiça **laborial** [...]” (T – BA, – 11 – 2007: c. 1).

-ANÇA: sufixo nominal de origem latina *antia*. Forma substantivos, exprimindo noção de ‘ação ou resultado da ação, estado’. Equivalente a *-ância*. O sufixo *-ança* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base verbal (1), imprimindo-lhe noção de ‘ação ou resultado da ação. Em (2) ocorre um caso atípico, visto que *jenipapança* é derivado de *jenipapo*, ou seja, tanto em Cunha (1986) quanto em Ferreira (2004), só há registros do sufixo *-ança* como formador de substantivos a partir de bases verbais e, em (2) tem-se um substantivo formado a partir de ma base substantiva. Tanto em (1) como em (2) percebe-se o tom depreciativo. Só houve mudança categorial em (1), já que o verbo passou a exercer a função de substantivo.

- (1) “[...] a CPMF se tornou imprescindível exatamente em função da **gastança** que anulou até o aumento da arrecadação [...]” (T – BA, 28 – 10 – 2007: 17 c. 1);
- (2) “[...] preparava um licor de jenipapo, que logo mais seria servido numa sensacional “**jenipapança** juramentada” [...]” (T – BA, 06 – 07 – 2007: 03 c. 1).

-ANO ~ -ANA: sufixo nominal, do latim *-anus ~ -ana*. Forma adjetivos e substantivos a partir de bases substantivas, podendo ser descrito como ‘gentílico’, sendo, contudo, este termo polissêmico, o qual pode imprimir noção de ‘proveniência, origem’; ‘sectário ou partidário de’; ‘relativo, semelhante ou comparável a’; ‘coleção de obras de (ou sobre) um autor famoso’. O sufixo *-ano* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhe noção de ‘relativo, pertencente a’. Houve mudança categorial em quase todos

os casos, os quais passaram a exercer a função de adjetivo, com exceção de (6), que, no contexto inserido, permaneceu com a função de substantivo.

- (1) “[...] Tamanha a magia dos bolinhos **nastacianos** [...]” (T – BA, 06 – 07 – 2007: 3 c. 1);
- (2) “[...] Está convicta de que o passado não volta, que nada será como antes. Que será necessário encontrar novos alicerces teóricos, sem esquecer os antigos, sobretudo os **gramscianos**. [...]” (T – BA, 15 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] à tentativa de desqualificar o valor da obra **amadiana** como uma literatura à altura dos cânones brasileiros [...]” (T – BA, 22 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] loucas suposições **dioguianas** [...]” (T – BA, 23 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (5) “[...] crise imobiliária americana e da tensão terrorista **bin-ladeniana** [...]” (T – BA, 11 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] Há 21 anos, os **banebianos** criaram uma fundação, a Bases que, hoje, tem um excelente patrimônio acumulado durante esse período. [...]” (T – BA, 13 – 10 – 2007: 11 c. 1);
- (7) “[...] seguindo as regras do duplipensar **orwelliano** [...]” (T – BA, 17 – 10 – 2007: 17 c. 1);
- (8) “[...] penetrante ensaio crítico em que elucida o cromatismo na poética **sosigeneana** [...]” (T – BA, 04 – 11 – 2007: 03 c. 1).

-ÃO: *-ão*¹: sufixo nominal proveniente do latim *-o, onis*. (i) Forma substantivos oriundos de outros substantivos e adjetivos, a partir de bases adjetivas, imprimindo valor ‘aumentativo’; (ii) nomes derivados de verbos, com valor ‘individualizante’, ‘instrumental’ ou com noção de ‘resultado de uma ação’. *-ão*²: sufixo nominal, do latim *-anus* que, com o significado de ‘proveniência, origem’, ocorre na formação de substantivos, quase todos oriundos de nomes próprios de lugar. A primeira acepção de *-ão*, com valor aumentativo, pode apresentar algumas extensões de sentido, acrescentando ao termo o valor pejorativo. O sufixo *-ão* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas (1, 2, 3, 4), adjetiva (5) e verbal (6), imprimindo-lhes valor ‘aumentativo’ (2, 3, 4), acrescentando ao termo o valor pejorativo, ou inserindo-lhe um novo sentido (1, 6). Houve mudança categorial em (5) e (6) que passaram a exercer a função de substantivo.

- (1) “[...] Nossas restrições ideológicas à globalização e aos países do G8 responderam no mandato anterior por tantos vôos do Rocinante alado que substituiu o "**sucatão**". [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 03 c. 1);

- (2) “[...] Oded Grajew pregou, enquanto representante do Instituto Ethos de Cidadania no chamado “**Conselhão**” [...]” (T – BA, 18 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (3) “[...] O **modelão** que a gente tem visto na Bahia é muito do resort, como o Sauípe. [...]” (T – BA, 08 – 09 – 2007: 15 c. 1);
- (4) “[...] Os defensores da cassação do senador Renan Calheiros (PMDB_AL) lamentaram a absolvição do peemedebista e atribuíram o resultado da votação a um “**acordão**” de seus aliados com governo em busca da aprovação da prorrogação da CPMF [...]” (T – BA, 05 – 12 – 2007: 11 c. 1).
- (5) “[...] No auge da crise do **mensalão** (2005), [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (6) “[...] O **apagão** que acontece no Senado Federal é tão ou mais pernicioso para o País do que o **apagão** aéreo [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 17 c. 1).

-AR: *-ar*¹: sufixo verbal, oriundo do latim *-are*, forma verbos a partir de substantivos ou de adjetivos. *-ar*²: sufixo nominal, do latim *-ar -are*. Forma adjetivos com sentido de ‘relação’, ‘pertinência’. O sufixo *-ar* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhes valor verbal. Houve mudança categorial em todos os casos, sendo que os casos de (1 a 5) passaram a exercer a função de verbo e (6) passou a exercer a função de adjetivo. É interessante observar que para (4) *metaforar* já existe dicionarizado *metaforizar*, como também em (6) para *futebolares*, já há *futebolístico*, o que, novamente, mostra o gosto dos usuários da língua em se utilizar dos recursos disponíveis no sistema. Em (1) tem-se um neologismo que se popularizou e se tornou uma gíria muito usada. É interessante também notar que em (2) houve um retorno ao étimo da palavra base, pois, o verbo derivado de *gestão* é *gestar* e não *gestionar**, contudo, ao observar o étimo de *gestão*, que é *gestione*, pode-se entender a formação de *gestionar** - *gestionem*. Em (3) há um caso de grande estranhamento, pois se costuma dizer que os aviões decolam e voam.

- (1) “[...] o segmento que está “**bombando**” é o de intermediação financeira [...]” (T – BA, 13 – 09 – 2007: 16 c. 1);
- (2) “[...] O elogio é a exceção, a regra é a crítica. Os governantes, entendo, não merecem elogios quando acertam, porque foram eleitos na expectativa de que **gestionem** bem. Quando erram, porém, são credores da crítica. [...]” (T – BA, 05 – 10 – 2007: 17 c. 1);
- (3) “[...] se os aviões **avionam** com atrasos [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] Paro de **metaforar** e começo a ler um livro [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1);

(5) “[...] o menos pior dos cinco (seis, se contar com o da Junta Militar) que **seqüenciou** o período Costa e Silva [...]” (T – BA, 02 – 11 – 2007: 03 c. 1);

(6) “[...] Nossa política de embanamentos **futebolares** ganha muitos pontos com isso [...]” (T – BA, 10 – 08 – 2007: 03 c. 1).

-ARIA: sufixo nominal proveniente da fusão do sufixo latino *-arius* com o sufixo grego *-ia*. Imprime noção de ‘oficina’, ‘estabelecimento comercial’, ‘coleção de objetos’, ‘ação enérgica ou de grande intensidade’, ‘atitude própria de certos indivíduos’. O sufixo *-aria* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base verbal (1) de *privatizar*, imprimindo-lhe noção de ‘atividade de’. Houve mudança categorial em (1), o qual passou a exercer a função de substantivo.

(1) “[...] A **privataria** foi interrompida, e o nosso País caminha com a altivez de quem aposta no presente rumo a um futuro melhor. [...]” (T – BA, 21 – 11 – 2007: 03 c. 1).

-ATO: sufixo nominal oriundo do latim *-atus*. Forma substantivos com as acepções de: ‘instituição’, ‘titulatura’. O sufixo *-ato* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhes noção de ‘instituição, titulatura’. Não houve mudança categorial.

(1) “[...] desempenho da oposição como um todo e comportamento do **tucanato** em particular. [...]” (T – BA, 08 – 07 – 2007: 17 c. 1);

(2) “[...] Permanecemos dentro de uma tradição escravagista, a do **senhoriato**. [...]” (T – BA, 12 – 12 – 2007: 03 c. 1).

-ÇÃO: sufixo nominal derivado do latim *-sio -onis* e *-tio -tionis*. Forma substantivos a partir de bases verbais, com a noção de ‘ato’, ‘efeito’, ‘processo’, ‘fato’, ‘resultado’, ‘estado’, ‘evento’, ‘ação’. Contudo, Basílio (2004) descreve-o como sendo semanticamente vazio, já que favorece uma multiplicidade de sentidos perceptível nas formas derivadas, o que impede uma descrição semântica sistemática desse sufixo. O sufixo *-ção* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base substantiva (2), adjetivas (7, 8, 9, 10, 11, 12, 13) e verbais (1, 3, 4, 5, 6), imprimindo-lhe noção de ‘ato’, ‘efeito’, ‘processo’, ‘fato’. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de substantivo. Pode-se perceber que em (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7) só foi acrescentado à base o sufixo *-ção*. Já em (8, 9, 10,

11, 12, 13) foi acrescentado à base os sufixos *-izar + -ção*, por não haver ainda a forma verbal derivada. Em (14), ocorre um maior estranhamento, pois a lexia foi formada a partir da analogia com *terceirização*. Em (9) foi formada a lexia *feminilização*, sendo que em Ferreira (2004) já consta *feminizar* à qual, acrescentando o prefixo *-ção* formaria *feminização* e não *feminilização*, fato que simplesmente representa as inúmeras possibilidades previstas pelo sistema lingüístico.

- (1) “[...] No ambiente acadêmico, falas-e na Iniciativa dos Arquivos Abertos (OAI), movimento que surgiu nos EUA, e no Creative Commons compartilhamento legal com **disponibilização** pelo auto [...]” (T – BA, 06 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] governo Vargas, teve um papel fundamental na **vertebração** do Estado nacional [...]” (T – BA, 16 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] Diversas **normatizações** prevêem que, das sete vagas, quatro são de indicação da Mesa Diretora [...]” (T – BA, 21 – 08 – 2007: 11 c. 1);
- (4) “[...] a ser beneficiado com a indispensável **perenização** do Rio Vaza Barris [...]” (T – BA, 28 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (5) “[...] talvez o maior exemplo da **problematização** do que se chamou de "populismo cultural". [...]” (T – BA, 19 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] prega a tradição da capoeira como jogo matreiro, de disfarce e **ludibriação**, estilo que denominaria Angola [...]” (T – BA, 17 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] Mas se permitirmos agora a **verticulação** sem nenhuma contrapartida, o que vamos negociar depois? (Se refere ao PDDU – em Salvador-BA, com a verticalização da Orla.) [...]” (T – BA, 03 – 12 – 2007: 03 c. 1);
- (8) “[...] Não se pode mais sustentar a torre de marfim de Humboldt e do cardeal Newman nesta era de **mundialização**, aquecimento global, realidade virtual, movimentos sociais expandidos [...]” (T – BA, 03 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (9) “[...] A juíza Nartir Weber defende a **feminilização** da gestão da Amab. [...]” (T – BA, 30 – 11 – 2007: 19 c. 1);
- (10) “[...] com a **baianização** dos colonos do oeste, [...]” (T – BA, 04 – 09 – 2007: 13 c. 1);
- (11) “[...] A **passionalização** da notícia [...]” (T – BA, 08 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (12) “[...] tamanha a **espetacularização** e a comoção envolta no drama da seca e dos flagelados [...]” (T – BA, 10 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (13) “[...] Isso é a **judicialização** das eleições [...]” (T – BA, 14 – 08 – 2007: 11 c. 1);

(14) “[...] Falta de médico faz Estado aceitar **quarteirização** [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 14 c. 1);

-DOR: sufixo nominal, do latim *-tor -toris*. Forma substantivos a partir de bases verbais com noções de ‘agente’, ‘instrumento de ação’. O sufixo *-dor* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases verbais, imprimindo-lhes noção de ‘agente’. Houve mudança categorial em todos os casos, sendo que (1) passou a exercer a função de substantivo, e (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8) passaram a exercer a função de adjetivo, fato que não aparece registrado em Cunha (1986) nem em Ferreira (2004). Ao analisar o comportamento do sufixo *-dor*, em alguns casos, pode-se cogitar a possibilidade de haver certa concorrência com o sufixo *-ivo*, pois, para *normatizador* (7) já há dicionarizado *normativo* (que enuncia ou constitui uma norma), o qual tem o sentido bem próximo ao sentido de *normatizador* (7), o que é compreensível pois o sufixo nominal *-ivo* também forma adjetivos oriundos de verbos com noção de ‘referência’, ‘modo de ser’, ‘ação’. Contudo, nesse caso, parece que *normatizador* (7) imprime maior ênfase à informação transmitida. Já em (8), o redator utilizou a expressão “ações *retaliadoras*”, sendo que em Ferreira (2004) estão registrados *retaliativo* e *retaliatório*, com noção de ‘respeitante a’ ou ‘que tem caráter de’, o que sugere que o sufixo *-dor*, quando formador de adjetivo, também pode concorrer com *-tório*. Desse modo, percebe-se que o sufixo *-dor* se comporta como agentivo em (1), contudo, nos demais casos em que exerce a função de adjetivo, parece concorrer com *-ivo* e *-tório* (8), fato que também pode ser observado nos casos encontrados com o sufixo *-tório* (quando usado com função de adjetivo não locativo ou instrumental).

- (1) “[...] diversão dos **empinadores** de pipas. [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 16 c. 1);
- (2) “[...] A descrição dos fatos **ensejadores** da medida cautelar de afastamento [...]” (T – BA, 14 – 07 – 2007: 16 c. 1);
- (3) “[...] O contrato da agência **regulamentadora**, a Anatel [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 21 c. 1);
- (4) “[...] de uma burocracia quase **emperradora** [...]” (T – BA, 17 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (5) “[...] O grande desafio do professor, então, tem sido atualmente de se transformar em **problematizador**, não em facilitador do processo de aprendizagem [...]” (T – BA, 15 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] a participação que poderão ter no processo **estruturador** e operacional da Ride [...]” (T – BA, 24 – 10 – 2007: 03 c. 1);

(7) “[...] lembrou que a entidade não tem poder de polícia, nem **normatizador**, além de não interferir na competição entre seus associados [...]” (T – BA, 24 – 10 – 2007: 15 c. 1);

(8) “[...] Ações **retaliadoras**, de lado a lado, fazem da violência uma prática diária [...]” (T – BA, 14 – 09 – 2007: 03 c. 1);

-EIRO ~ -EIRA: sufixo nominal oriundo do latim *-arius -aria*. (i) Forma substantivos a partir de substantivos com as noções básicas de ‘profissão, ofício’, ‘agente’, ‘instrumento’, ‘objeto’, ‘recipiente’, ‘lugar’. (ii) Forma adjetivos que exprimem noção de ‘naturalidade’, ‘origem’, ‘relação’, ‘posse’. O sufixo *-eiro(a)* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, (1, 2, 3) e adjetivas (4, 5), imprimindo-lhes noção de ‘ofício’ (1, 3), ‘relação’ (2). Em (4, 5) ocorre um fato interessante, pois para *mensaleiros* (4) e *sindicaleiro* (5) há em Ferreira (2004) *mensalista* e *sindicalista*, com sentidos muito próximos, mas só não idênticos pelo caráter depreciativo de *mensaleiros* e *sindicaleiro*, pelo que, nestes casos, pode-se também falar em uma concorrência entre os sufixos *-eiro* e *-ista*. Houve mudança categorial apenas em (5) que passou a exercer a função de substantivo.

(1) “[...] boa escolha econômica para um pequeno jornal ou para alguns **blogueiros** [...]” (T – BA, 12 – 08 – 2007: 26 c. 1);

(2) “[...] A paixão pela bebida e o olho no lucro levaram o cantor-empresário a investir numa marca própria de vinho. Bell Marques conta que a idéia era eternizar a marca da sua banda e por isso criou o rótulo “**Chicleteiro**”. [...]” (T – BA, 26 – 08 – 2007: 20 c. 1);

(3) “[...] **Bufunheiro** que se preza jamais aceitará tal nivelamento. [...]” (T – BA, 09 – 08 – 2007: 17 c. 1);

(4) “[...] No início do ano amargou uma derrota quando tentou inutilmente reabrir os processos contra os **mensaleiros** e sanguessugas reeleitos. [...]” (T – BA, 11 – 07 – 2007: 16 c. 1);

(5) “[...] no tratamento **sindicaleiro** dado aos controladores de vôo [...]” (T – BA, 13 – 07 – 2007: 12 c. 1);

-ENTO(A): sufixo nominal, do latim *-entus*. Ocorre na formação de adjetivos oriundos de substantivos, com as noções de: ‘provido ou cheio de’, ‘que tem o caráter de’, ‘que se assemelha a’, os quais, muitas vezes, adquirem valor pejorativo. O sufixo *-ento* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhes noção de ‘que tem o

caráter de’, ‘que se assemelha a’. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de adjetivo.

- (1) “[...] A geléia geral que lhe dá (?) sustentação no Congresso não serve, como na Inglaterra de Brown ou na França de Sarkozy, para votar em poucas semanas todo o programa legislativo necessário. É como piche **melequento** que imobiliza a mão de quem quiser tocar avante qualquer projeto. O conceito é novo em política: maioria não para fazer, mas para não fazer. Que remédio? Após três anos ou mais aos quais não há de faltar quinhão de escândalos, caos e barbárie, só nos restará recomeçar de novo. [...]” (T – BA, 05 – 08 – 2007: 23 c. 1);
- (2) “[...] tornando a música mais ‘**remelexenta**’ [...]” (T – BA, 29 – 08 – 2007: 03 c. 1);

-ÊS: sufixo nominal, do latim *-ense*. Forma termos com a noção de ‘relação’, ‘procedência’, ‘origem’. O sufixo *-ês* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases adjetiva e substantivas, imprimindo-lhes noção de ‘relação’. Não houve mudança categorial.

- (1) “[...] em um sentido menos **baianês** [...]” (T – BA, 15 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] o seu dicionário do **lulês**, **tucanês** e antitucanês [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1).

-ICE: sufixo nominal oriundo de adaptação popular do latim *-itia -itie*. Forma substantivos a partir de adjetivos, com noção de ‘qualidade’, ‘propriedade’, ‘maneira de ser’; também forma substantivos com noção pejorativa ou de cunho irônico/jocosos. O sufixo *-ice* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhes noção pejorativa ou de cunho irônico/jocosos. Tanto em Cunha (1986) como em Ferreira (2004), o sufixo *-ice* forma substantivos a partir de adjetivos. Assim, dentre os dicionários consultados, apenas o Houaiss (2001) registra a formação de substantivos a partir de bases substantivas com o sufixo *-ice*, como ocorreram nos dois casos abaixo. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de adjetivo.

- (1) “[...] com suas **canastrices** e essa péssima mania de se apossar do alheio para se dar bem no final [...]” (T – BA, 06 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...]Lula fez o contrário: deu-se a **piadices** dizendo que morre de medo de avião [...]” (T – BA, 27 – 07 – 2007: 19 c. 1).

-ICO ~ -ICA: sufixo nominal, do latim *-icus*. Ocorre na formação de adjetivos a partir de bases substantivas, com a noção de ‘participação, referência, pertinência’. O sufixo *-ico*

aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas, imprimindo-lhes noção de ‘referência’. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de adjetivo. Em (6), ocorre um acréscimo além do sufixo *-ico*, que é o do elemento de composição *-scop* (‘examinar’).

- (1) “[...] Continuamos o País **macunaímico** de sempre (e quanta preguiça...), [...]” (T – BA, 11 – 08 – 2007: 18 c. 1);
- (2) “[...] É o que mostra o painel **taximétrico** instalado pela Associação Comercial [...]” (T – BA, 06 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] imaginário africano presente na história **diaspórica** da África no Brasil [...]” (T – BA, 10 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] contexto escolar e universitário onde se exercita a prática **capoeirística** [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (5) “[...] Não tenho fôlego nem estilo **periodístico** para responder tanta querela [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] completa análise contábil e **documentoscópica** dos papéis [...]” (T – BA, 21 – 07 – 2007: 19 c. 1);

-IDADE -DADE: sufixo nominal, do latim *-itatis*. Forma substantivos a partir de adjetivos e substantivos. Imprime noção de ‘qualidade’, ‘caráter, atributo’, ‘o que é próprio de’, ‘modo de ser’, ‘estado’. O sufixo *-idade/-dade* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases adjetivas, imprimindo-lhes noção de ‘qualidade’, ‘caráter’, ‘atributo’, ‘o que é próprio de’. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de substantivos. Em (4), *rastrabilidade*, virtualmente, deriva de *rastreável** (ainda não registrado nos dicionários consultados), pois os derivados dos adjetivos formados com o sufixo *-vel*, do latim *-bili*, retornam a forma etimológica (*bilidade*).

- (1) “[...] a ação civil pública movida pelo governo pedindo a **abusividade** da paralisação, [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (2) “[...] não pede indistintamente a todos **radicalidade** como essa. [...]” (T – BA, 08 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] Mentirosa, pois a sua **provisoriedade**, pela nova prorrogação, ganha a feição de permanência [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] a pecuária brasileira trabalha sem **rastreabilidade**, [...]” (T – BA, 23 – 07 – 2007: 03 c. 1);

- (5) “[...] A alegação mais freqüente contra a CPMF é o da **provisoriidade** [...]” (T – BA, 20 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (6) “[...] os efeitos nocivos da **cumulatividade** da CPMF [...]” (T – BA, 20 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (7) “[...] O mito da **regressividade** da CPMF [...]” (T – BA, 01 – 10 – 2007: 11 c. 1);
- (8) “[...] Montesquieu nos ensina que a **bicameralidade**, a divisão do Parlamento em duas câmaras, é uma conseqüência natural da divisão dos poderes e teria como função descentralizar o poder, impedindo a tirania da assembléia contra o povo ou os demais poderes [...]” (T – BA, 07 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (9) “[...] que a trata com a **sacralidade** que as mães e os idosos devem ser tratados em qualquer lugar do mundo [...]” (T – BA, 10 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (10) “[...] acentuar a necessidade de os comerciantes locais buscarem a **auto-sustentabilidade** [...]” (T – BA, 18 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (11) “[...] Empresários descobriram que **adicionalidades** como preservação fazem com que o metro quadrado da região ex-cacaueira valha ouro. [...]” (T – BA, 24 – 11 – 2007: 03 c. 1)

-IDO(A): sufixo nominal oriundo das terminações dos participípios dos verbos das 2^a e 3^a conjugações que se adjetivaram, podendo-se também, em seguida, se substantivarem. O sufixo *-ido* aparece no *corpus* selecionado sufixado à base verbal *dispensar*. Contudo, esse sufixo nominal é oriundo das terminações dos participípios dos verbos das 2^a e 3^a conjugações. Dessa maneira, *dispendido* foge à regra, afixando-se a um verbo *dispensar*, da primeira conjugação, para o qual já há registrado o participípio *dispensado*. Não houve mudança categorial porque o verbo passa a se apresentar na forma participial, formando locução com o verbo ser.

- (1) “[...] até agora foram **dispendidos** R\$ 36,1 milhões, contra R\$ 33 milhões durante todo o ano passado. [...]” (T – BA, 11 – 07 – 2007: 15 c. 1).

-INHO ~ -INHA : sufixo nominal de origem latinha *-inus –ina*. Forma substantivos a partir de substantivos, e adjetivos a partir de bases adjetivas, imprimindo noção ‘diminutiva’. Pode assumir tonalidade depreciativa. Equivalente a *-zinho ~ -zinha*. (sufixos flexionais). O sufixo *-inho(a)* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base adjetiva (1), uma base acronímica (2) e outras bases substantivas (3, 4, 5, 6, 7, 8), imprimindo-lhes noção ‘diminutiva’ (4, 5, 7) e tonalidade depreciativa (1, 2, 3, 6). Em (1) tem-se um caso peculiar,

pois o derivado com função substantiva é formado a partir de uma base adjetiva, sendo que, em geral, o sufixo *-inho* forma substantivos a partir de substantivos e adjetivos a partir de bases adjetivas, e, por conta disso, não houve mudança categorial nos outros casos. Em (2), *-inho* sufixa-se a uma base acronímica, o que também não é muito comum.

- (1) “[...] Com isto, os “**certinhos**” se acomodam, tranquilizam a consciência e nada fazem para melhorar a realidade. [...]” (T – BA, 05 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] tentou uma CPI Mista do Apagão e conseguiu apenas uma “**cpizinha**” com resultados medíocres até aqui [...]” (T – BA, 20 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (3) “[...] uma **vitoriazinha** em meio à letargia típica do Congresso brasileiro. [...]” (T – BA, 08 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] as chamadas “**lembrancinhas**”, como canecas, porta-retratos, roupas e acessório de vestuário, ou mesmo bichos de pelúcia, para quem quer gastar um pouco mais. [...]” (T – BA, 19 – 07 – 2007: 24 c. 1);
- (5) “[...] Iniciada no “**Plenarinho**”, um espaço pequeno, acabou sendo transferida para o Plenário [...]” (T – BA, 22 – 08 – 2007: 12 c. 1);
- (6) “[...] Nunca um governo que se comprometa com os interesses populares vai satisfazer essa turma de homens endinheirados, de **dondoquinhas**. [...]” (T – BA, 18 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (7) “[...] Nesta efeméride guerreira de início do mês onde tudo é festa, percebo a deliciosa brisa que varre rancores e **regrazinhas**. [...]” (T – BA, 07 – 12 – 2007: 03 c. 1).

-INO ~ -INA: sufixo nominal adaptado do latim *-inus -ina -inum*. Forma adjetivos com noção de ‘relação, natureza, origem’. O sufixo *-ino* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base substantiva, imprimindo-lhe noção de ‘relação’. Houve mudança categorial no caso apresentado, o qual passou a exercer a função de adjetivo.

- (1) “[...] Este último episódio **agostino**, longo e minucioso [...]” (T – BA, 01 – 09 – 2007: 03 c. 1).

-ISMO: sufixo nominal de origem grega *ismós*. Forma substantivos a partir de bases substantivas e adjetivas. Imprimem noções de ‘ciência’, ‘escola’, ‘sistema político’ ou ‘religioso’, ‘modo de proceder’, ‘maneira de pensar ou sentir’, ‘características próprias da linguagem de certas pessoas’, ‘formas peculiares de línguas estrangeiras’, ‘particularidades de

certos vocábulos e expressões'. O sufixo *-ismo* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas (1 a 12) e bases adjetivas (13, 14, 15), imprimindo-lhe noção de 'princípio artístico, filosófico, político' (1, 4, 5, 7, 8, 11, 12), 'modo de proceder, pensar ou sentir' (2, 3, 6, 9, 10, 13, 14, 15). Houve mudança categorial em (13, 14, 15), os quais passaram a exercer a função de substantivo.

- (1) “[...] O **primeiro-damismo** é um fenômeno típico de uma cultura política de valores conservadores. [...]” (T – BA, 20 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] o revanchismo e o **denuncismo** se voltaram contra as autoridades [...]” (T – BA, 21 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (3) “[...] **Protagonismo** - A palavra ainda não foi incorporada aos dicionários. [...]” (T – BA, 02 – 11 – 2007: 03 c. 1); “[...] Esse **protagonismo** também representa um obstáculo aos que defendem a renovação nos métodos de ação [...]” (T – BA, 22 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (4) “[...] ganhando densidade e se afastando do **juracisismo**. [...]” (T – BA, 22 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (5) “[...] Tentou-se na Bahia o **lomantismo**, o **vianismo**, o **waldirismo**, mas nada prevaleceu [...]” (T – BA, 29 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (6) “[...] a partir de **peçoalismos** e individualismos [...]” (T – BA, 03 – 08 – 2007: 16 c. 1);
- (7) “[...] o chamado “**soutismo**”, que segundo o cientista político Paulo Fábio foi o grande derrotado no ano passado. [...]” (T – BA, 12 – 08 – 2007: 22 c. 1);
- (8) “[...] levaram o governo do presidente Lula a, progressivamente, se libertar do chamado **pallocismo** de seu primeiro mandato [...]” (T – BA, 07 – 09 – 2007: 15 c. 1);
- (9) “[...] o Derba conseguiu escrever uma das belas histórias do **rodoviarismo** brasileiro. [...]” (T – BA, 13 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (10) “[...] A primeira desqualifica o valor dos princípios (por ele qualificados de forma pejorativa como “**principismo**”), [...]” (T – BA, 02 – 10 – 2007: 10 c. 1);
- (11) “[...] Integrante da ala mais pensante e arejada do PT – deixada em segundo plano no partido durante os anos de reinado do **aparelhismo**, simbolizado na figura de José Dirceu [...]” (T – BA, 27 – 10 – 2007: 18 c. 1);
- (12) “[...] E será que, em nome da democracia, do populismo ou de qualquer **tecnocratismo** esquerdista, iremos nos achar no direito de atirá-las no lixo? [...]” (T – BA, 10 – 12 – 2007: 03 c. 1);
- (13) “[...] ter relações pessoais acima de qualquer coisa, é **boquirrotismo** puro, é valorizar o que certamente nada vale [...]” (T – BA, 09 – 08 – 2007: 13 c. 1);

(14) “[...] lembramos de várias qualidades: criatividade, **empreendedorismo**, experiência [...]” (T – BA, 13 – 09 – 2007: 03 c. 1);

(15) “[...] Os arautos do **racionalismo** neonegro voltaram as costas ao que acontece no Brasil, submetendo-se ao jugo mental de uma certa faixa do mundo universitário norteamericano [...]” (T – BA, 24 – 11 – 2007: 03 c. 1);

-ISTA: sufixo nominal, derivado do grego *-istes* (latim *-ista*). Designa ‘partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas artísticos, políticos, filosóficos ou religiosos’; ‘adeptos de divertimentos, esportes’; ‘naturalidade’; ‘profissão’. Também forma derivados de nomes próprios. O sufixo *-ista* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases substantivas (1 a 16), e adjetivas (17, 18), imprimindo-lhes, em geral, noção de ‘partidários ou sectários de sistemas políticos, filosóficos’, ‘que pratica certo tipo de ação, ou que tem certo hábito, ou conduta’. Houve mudança categorial na maioria formada a partir de bases substantivas, as quais passaram a exercer a função de adjetivo, com exceção de (15), a qual permaneceu com a função (contextual) de substantivo. Quanto às lexias formadas com bases adjetivas, (17) e (18) mudaram de categoria, passando a exercer a função (contextual) de substantivo.

(1) “[...] marcar o rompimento com o domínio **carlista** exercido durante 16 anos [...]” (T – BA, 01 – 07 – 2007: 16 c. 1);

(2) “[...] coordenador da comissão que cuida da criação da legenda **chavista**, [...]” (T – BA, 09 – 07 – 2007: 11 c. 1);

(3) “[...] Os conselhos **lulistas** se encaixam numa interpretação moderna da filosofia [...]” (T – BA, 14 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(4) “[...] a tramitação da emenda constitucional **prorrogacionista** dessa contribuição [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(5) “[...] o grupo **juracisista**, já conduzido por seu filho, Jutahy Magalhães [...]” (T – BA, 21 – 07 – 2007: 19 c. 1);

(6) “[...] Os **soutistas** dizem que está tudo bem [...]” (T – BA, 26 – 07 – 2007: 20 c. 1);

(7) “[...] convivem com independentes e **ottistas** – políticos orientados pelo ex-governador Otto Alencar [...]” (T – BA, 26 – 07 – 2007: 20 c. 1);

(8) “[...] A luta **consumerista** enfrenta o desafio do efêmero e dos danos de um consumismo exemplar [...]” (T – BA, 29 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(9) “[...] pediu o fim do modelo econômico “**kirchnerista**” de intervenção estatal [...]” (T – BA, 06 – 08 – 2007: 15 c. 1);

- (10) “[...] de política econômica baseada em um modelo tão simples como a “hipótese **aceleracionista** [...]” (T – BA, 08 – 08 – 2007: 15 c. 1);
- (11) “[...] Os **renanzistas** tentam explorar aspectos positivos da perícia da PF [...]” (T – BA, 26 – 08 – 2007: 17 c. 1);
- (12) “[...] você pode ser **principista** (ortodoxo), mas na hora de governar você precisa saber que tem um jogo a ser jogado. [...]” (T – BA, 28 – 08 – 2007: 14 c. 1);
- (13) “[...] as máquinas apenas envernizaram o velho sistema **instrucionista** [...]” (T – BA, 30 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (14) “[...] O trabalho que a equipe da Ford tem feito, em termos de otimizar a nossa logística de fornecedores **sistemistas**, instalados no Complexo Industrial da Ford de Camaçari [...]” (T – BA, 30 – 10 – 2007: 13 c. 1);
- (15) “[...] além de vencer os **liquidacionistas** – que renegavam o marxismo como instrumento para mudança social [...]” (T – BA, 06 – 12 – 2007: 03 c. 1);
- (16) “[...] O governo brincou da mesma brincadeira de sempre ao simular de agilidade nos momentos agudos e se deixar tomar pela letargia **escapista** quando a paz parecia voltar a reinar. [...]” (T – BA, 19 – 07 – 2007: 21 c. 1).
- (17) “[...] os **intensivistas** são ineptos; a remuneração é precária [...]” (T – BA, 02 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (18) “[...] Os **racialistas** abrem fogo contra o modelo brasileiro de classificação racial. E acham que o critério norte-americano de “raça” é objetivo, científico [...]” (T – BA, 24 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (19) “[...] Azócar afirma em seu blog que, naquele dia, se deparou com a estréia de um programa **oficialista** na emissora em que trabalha, transmitido pouco antes do seu horário, ainda às 6h45 [...]” (T – BA, 26 – 11 – 2007: 03 c. 1);

-IVO(A): sufixo nominal, do latim *-ivus*. Forma adjetivos oriundos de verbos com noção de ‘referência’, ‘modo de ser’, ‘ação’. O sufixo *-ivo* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base verbal (2) *autovalorizar* e uma base substantiva (1), imprimindo-lhe noção de ‘referência’, ‘modo de ser’, ‘ação’. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de adjetivo.

- (1) “[...] um diálogo que se faz sempre mais **empenhativo** e totalizante [...]” (T – BA, 29 – 07 – 2007: 03 c. 1);

(2) “[...] impostura “liberal” tradicional, ademais de centrada na especialização **autovalorizativa** [...]” (T – BA, 19 – 10 – 2007: 03 c. 1);

-IZAR: sufixo verbal, derivado do latim *-izare*. Forma verbos com sentido factivo. O sufixo *-izar* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases adjetivas, formando verbos com sentido factivo. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de verbo.

(1) “[...] resolveram dar um passo adicional e “**multilateralizar**” a Iniciativa de Chiang Mai [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 20 c. 1);

(2) “[...] a estratégia adotada pelo governo é a de **publicizar** irregularidades contidas nos relatórios [...]” (T – BA, 23 – 07 – 2007: 13 c. 1);

(3) “[...]Vamos ao que interessa: propina e laranjas, resume Agripino, confiante na posição do PT. “É preciso ver se a bancada vai **tianizar** ou **mercadanizar**.” Até agora, nem uma coisa nem outra [...]” (T – BA, 26 – 09 – 2007: 14 c. 1);

(4) “[...] No comentário de abertura tratei das ebulições que se observam na sucessão municipal em seus diversos aspectos e, quase no final, ao **itenizar** as candidaturas, deixei propositadamente por último a do comunicador Raimundo Varela [...]” (T – BA, 14 – 11 – 2007: 13 c. 1);

(5) “[...]A personalização extrema é o carro-chefe da política **espetacularizada** [...]” (T – BA, 29 – 10 – 2007: 12 c. 1)

(6) “[...] obrigação de dívida **colateralizada** [...]” (T – BA, 18 – 08 – 2007: 16 c. 1) (izar + ada);

(7) “[...] “Não me incomodo com as dificuldades, estou convencido da causa. Temos que acabar com o voto **fulanizado**”. [...]” (T – BA, 29 – 07 – 2007: 18 c. 1).

(8) “[...] as instituições teriam “**quarteirizado**” o serviço, [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 14 c. 1).

(9) “[...] Quando adiamos a concessão das rodovias, falavam que tínhamos ‘**chavizado**’ (...), que era um viés estatizante. [...]” (T – BA, 09 – 11 – 2007: 18 c. 1);

(10) “[...] mergulhamos na uniformização de protocolos **algoritmizados** e informatizados [...]” (T – BA, 19 – 10 – 2007: 03 c. 1);

(11) “[...] dependendo de como for executado e **publicizado** o projeto [...]” (T – BA, 22 – 11 – 2007: 17 c. 1);

-MENTE: sufixo adverbial de origem latina proveniente do substantivo *mens, mentis*. Aglutina-se a adjetivos formando advérbios de modo. Neologicamente também se une aos substantivos para significar ‘à maneira de’. O sufixo *-mente* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases adjetivas, formando advérbios de modo. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de advérbio.

- (1) “[...] as conclusões maliciosamente colocadas **lamentavelmente** ecoaram mais alto [...]” (T – BA, 05 – 07 – 2007: 14 c. 1);
- (2) “[...]” **Forasmente**” os geniais personagens criados pelo texto [...]” (T – BA, 06 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] deputados e lideranças municipais que seguiam, “**ortodoxalmente**”, o comando do senador ACM [...]” (T – BA, 31 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] Outro arranjo é o do jornalismo que aceita, **acriticamente**, a candidatura de Varela ao Palácio Thomé de Souza [...]” (T – BA, 02 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (5) “[...] onde o PFL disputou **renhidamente** com o PT ou partidos de oposição [...]” (T – BA, 21 – 10 – 2007: 18 c. 1);
- (6) “[...] críticas ácidas e improcedentes de um nome **mediaticamente** público [...]” (T – BA, 13 – 11 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] tendo Mario Alves sido seu secretário-geral, condição na qual foi seqüestrado, torturado e **bestialmente** assassinado [...]” (T – BA, 06 – 12 – 2007: 03 c. 1);
- (8) “[...] o governo não conta mais com a administração **fiscalmente** responsável, que marcou os primeiros anos do atual governo [...]” (T – BA, 04 – 12 – 2007: 13 c. 1);
- (9) “[...] forjar uma imagem para recuperar a condição de força política **eleitoralmente** competitiva [...]” (T – BA, 13 – 12 – 2007: 24 c. 1);

-MENTO: sufixo nominal, do latim *-mentum*. Forma substantivos a partir de verbos, com acepções de ‘ação ou resultado da ação expressa pelo verbo’, ‘instrumento da ação’, ‘coleção’. O sufixo *-mento* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base adjetiva (19), e a bases verbais (1 a 18), formando substantivos com acepções de ‘ação ou resultado da ação expressa pelo verbo’. Pelos casos analisados, pode-se perceber a concorrência entre o sufixo *-mento* e outros sufixos, pois em Houaiss (2001), para (1) *esgarçamento*, já consta o registro de *esgarçadura* (ato ou efeito de esgarçar(-se)); em Ferreira (2004), para (13) *repatriamento*, já consta o registro de *repatriação* (ato ou efeito de repatriar(-se)); para (14) *esganamento* já consta o registro de *esganção* e *esganadura* (ato ou efeito de esganar); para (15)

protelamentos já consta o registro de *protelação* (ato ou efeito de protelar); para (16) *atrelamento* já consta o registro de *atrelagem* (ato ou efeito de atrelar(-se)); para (17) *ocultamento* já consta o registro de *ocultação* (ato ou efeito de ocultar(-se)); para (18) *consorciamento* já consta o registro de *consorciação* (ato ou efeito de consorciar(-se)), todos com sentidos próximos. Dessa maneira, o sufixo *-mento* aparece em concorrência com os sufixos *-ção*, *-dura* e *-agem*, o que é compreensível pois tanto *-mento*, como *-ção*, *-dura* e *-agem* formam substantivos que exprimem ‘ação ou resultado da ação’. Em (12) não se trata de um caso de concorrência entre os prefixos *-mento* e *-ção* pois, apesar de haver o registro de *decantação* em Ferreira (2004)²⁶, este não possui um sentido próximo ao de *decantamento*, conforme o contexto ao qual está inserido. Houve mudança categorial em todos os casos.

- (1) “[...] a presença de um elo que dá unidade aos crimes praticados por adolescentes: o **esgarçamento** das relações familiares. [...]” (T – BA, 02 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] e já se verifica **trincamento** no PT e no PMDB, [...]” (T – BA, 04 – 07 – 2007: 13 c. 1);
- (3) “[...] Câmara e Senado transformam a atividade legislativa em mera função de **chancelamento** dos atos do Executivo [...]” (T – BA, 09 – 07 – 2007: 11 c. 1);
- (4) “[...] Embora o relatório preveja o “**descontingenciamento**”, como é chamada, no jargão orçamentário, a liberação do recurso, [...]” (T – BA, 21 – 07 – 2007: 20 c. 1);
- (5) “[...] Chegaram a diretores pela rota do **apaniguamento**: Zuanazzi, pela companheira de militância desde os idos do PDT [...]” (T – BA, 01 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (6) “[...] Os pedidos para **agendamento** de processos [...]” (T – BA, 07 – 08 – 2007: 15 c. 1);
- (7) “[...] batizada de Lei Maria da Penha e que completou um ano de **sancionamento** ontem [...]” (T – BA, 08 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (8) “[...] benefício fiscal decorrente de **provisionamento** dos juros sobre capital próprio [...]” (T – BA, 14 – 08 – 2007: 14 c. 1);
- (9) “[...] hierarquia cultural que se funda no **silenciamento** das variadas vozes que compõem a cultura [...]” (T – BA, 19 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (10) “[...] As arquibancadas começaram a balançar (antigas gerais) com a agitação dos torcedores e se estabeleceu um pânico, com correrias e **pisoteamento** [...]” (T – BA, 27 – 11 – 2007: 14 c. 1);

²⁶ Decantação: [De *decantar*¹ + *-ção*.] Substantivo feminino. 1. Ato ou efeito de decantar¹ (1 e 2). decantar¹ [Do lat. dos alquimistas *decanthare* < lat. *de-* + lat. *canthus*, 'bico de vasilha'.] Verbo transitivo direto. 1. Separar, por gravidade, impurezas sólidas que se contêm em (um líquido). Verbo transitivo direto e indireto. 2. Limpar, livrar, purificar: *Os anos decantaram sua alma do sedimento das paixões.*

- (11) “[...] É difícil uma reforma constitucional para a criação, a partir do **fatiamento** territorial, das atuais unidades federativas. [...]” (T – BA, 04 – 09 – 2007: 13 c. 1).
- (12) “[...] Mas, foi o que ficou, após o **decantamento** da fala [...]” (T – BA, 14 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (13) “[...] O **repatriamento** se fez em avião fretado, [...]” (T – BA, 12 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (14) “[...] prisão do pastor que matou um menino por **esganamento** e o queimou vivo [...]” (T – BA, 19 – 08 – 2007: 19 c. 1);
- (15) “[...] Depois de muitas esquivanças e negações, **protelamentos** e manhas que já não iludem o público [...]” (T – BA, 05 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (16) “[...] o que se vê e se sofre na pele é o **atrelamento** das economias [...]” (T – BA, 15 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (17) “[...] Para certas votações, o **ocultamento** significa uma arma de combate ao autoritarismo e de defesa das liberdades e interesses coletivos. [...]” (T – BA, 03 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (18) “[...] o **consorciamento** viabiliza investimentos em diversas áreas sociais [...]” (T – BA, 06 – 12 – 2007: 03 c. 1).
- (19) “[...] A bola da vez, agora, é o **tensionamento** envolvendo a querela “fica ou não fica” do PT [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 03 c. 1);

-NTE: sufixo nominal oriundo do latim *ans*, *antis*. Forma adjetivos oriundos de verbos, com a noção de ‘ação’, ‘qualidade’, ‘estado’. Alguns desses adjetivos podem ocorrer também substantivados. O sufixo *-nte* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases verbais, formando adjetivos com a noção de ‘ação’, ‘qualidade’, ‘estado’. Em (11) há um caso de dupla sufixação neológica, pois ainda não há o registro do verbo *marxistizar**. Houve mudança categorial em todos os casos.

- (1) “[...] misto de prazer, alegria, loucura **sacolejante**, de corpos suados em adolescentes [...]” (T – BA, 14 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] partindo do princípio **humanizante**, no qual o foco é o homem seus hábitos [...]” (T – BA, 22 – 09 – 2007: 03 c. 1);
- (3) “[...] A Assembléia realizou um jogo feio, **desqualificante** [...]” (T – BA, 23 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] Projeto **privatizante**, excludente e autoritário [...]” (T – BA, 21 – 11 – 2007: 03 c. 1);

- (5) “[...] a relação está mais próximo de uma paquera ou **“ficante”** [...]” (T – BA, 21 – 11 – 2007: 15 c. 1);
- (6) “[...] Talvez o fotógrafo não tenha caprichado muito e a moça capa de revista nos ficasse a dever algumas curvas mais **derrapantes** e certos acidentes mais firmes. [...]” (T – BA, 14 – 10 – 2007: 03 c. 1);
- (7) “[...] Presidência do TJ I Numa das mais **fervilhantes** reuniões dos últimos tempos [...]” (T – BA, 20 – 10 – 2007: 16 c. 1).
- (8) “[...] Dez dias antes de me afastar deste espaço para um pequeno período de férias, anunciei a saída de Borges do partido, o seu ingresso no PR, os acordos já costurados nos bastidores e a queda do presidente do PR, deputado José Carlos Araújo, do cargo que ocupava, para abrir alas ao senador **chegante**. [...]” (T – BA, 02 – 10 – 2007: 09 c. 1).
- (9) “[...] A falta de assessoria também pode levar ao endividamento com os entes **tributantes** pelo fato de o empresário desconhecer os tributos, adverte. [...]” (T – BA, 05 – 07 – 2007: 17 c. 1);
- (10) “[...] as comemorações destacam dois atos **fundantes** praticados pelo príncipe regente [...]” (T – BA, 23 – 08 – 2007: 03 c. 1);
- (11) “[...] o apoio comunista, o discurso esquerdista ou **marxistizante** [...]” (T – BA, 19 – 08 – 2007: 22 c. 1);

-OIDE: do grego *-oeide's*. Segundo Cunha (1986), trata-se de um elemento de composição, enquanto Aurélio (2004) trata-o como sufixo. Exprime noção de ‘forma, aparência, imagem’. Vem sendo usado, principalmente, com cunho irônico e depreciativo. O sufixo *-oide* aparece no *corpus* selecionado sufixado a uma base adjetiva, imprimindo-lhe noção de ‘forma, aparência, imagem’, com cunho irônico e depreciativo. Houve mudança categorial da base, passando a exercer a função de substantivo.

- (1) “[...] Todo esse cenário parece estranho para o **urbanóide** pós-moderno [...]” (T – BA, – 10 – 2007: c. 1).

-TÓRIO ~ -TÓRIA: o sufixo *-tório(a)* geralmente é abordado apenas com função de locativo, como está registrado em Cunha (1986, p. 777) “suf. Nom., deriv. do lat. –(t)orium, que se documenta em substantivos portugueses de cunho erudito e/ ou semi-erudito, com as noções de: (i) lugar onde uma ação se pratica ou pode praticar: lavatório; (ii) meio ou instrumento: vomitório.” Em Ferreira (2004) já se encontra um conceito mais atual, segundo o

qual *-tório* também forma adjetivos, além de, algumas vezes, acrescentar sentido depreciativo. A partir dos casos presentes no corpus, percebe-se que o sufixo *-tório(a)* concorre, às vezes, com o sufixo *-ivo* (sufixo nominal, do latim *-ivus*. Forma adjetivos oriundos de verbos com noção de ‘referência’, ‘modo de ser’, ‘ação’), pois aparece formando adjetivos a partir de bases verbais, imprimindo-lhes noções de ‘referência’, ‘modo de ser’, ‘ação’, como ocorre em (9) *intimidatórios*, para o qual já há o registro de *intimidativo* (intimidador: que ou aquele que intimida (FERREIRA, 2004)), pois, entende-se que (9) *intimidatórios* são os métodos que são usados para intimidar, assim como seriam métodos *intimidativos*. Neste caso, *intimidativo* é definido em Ferreira como *intimidador*, dando a entender que tanto *-tório*, como *-ivo* e *-dor* concorrem na formação de adjetivos, sendo, que, nesse caso, *-dor* não se comporta como agentivo e nem *-tório* como locativo. Em (1), (2) e (5), inicialmente, cabe destacar que o sufixo *-tório* ocorre na formação de adjetivos, e não de substantivos, como está previsto em Cunha (1986); além disso, não se pode afirmar que o sufixo *-tório* está imprimindo à base noções de ‘lugar’, ‘meio’ ou ‘instrumento’. Ao invés disso, aparece imprimindo à base noções de ‘referência’, ‘ação’, ‘que tem caráter de’. Desse modo, ao observar os casos encontrados com o sufixo *-tório*, *-dor* e *-ivo*, pode-se falar em uma concorrência entre os três sufixos quando na função de adjetivo (*-dor*: ‘ações retaliadoras’; *-tório*: ‘marcos regulatórios’; *-ivo*: ‘diálogo empenhativo’). Houve mudança categorial em todos os casos.

- (1) “[...] A fúria **arrecadatória** da União [...]” (T – BA, 16 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (2) “[...] no item "qualidade dos marcos **regulatórios**" no mesmo período o Brasil caiu de 62,9 para 54,1; e, no tocante à "força da lei" [...]” (T – BA, 17 – 07 – 2007: 12 c. 1);
- (3) “[...] em vez de o governo direcionar a **confiscatória** carga tributária (o dobro dos países emergentes) para a melhoria da infra-estrutura, [...]” (T – BA, 19 – 07 – 2007: 03 c. 1);
- (4) “[...] do outro lado do Velho Chico, naturais idéias **emancipatórias**, especialmente de lideranças da região [...]” (T – BA, 26 – 08 – 2007: 18 c. 1);
- (5) “[...] O processo de redemocratização criou no Brasil, e particularmente no Rio de Janeiro, uma falsa dicotomia entre a defesa da ordem pública e a defesa dos direitos humanos, como se não fossem, ambos, parte do mesmo processo **civilizatório**. [...]” (T – BA, 21 – 10 – 2007: 19 c. 1);
- (6) “[...] exerceria apenas sua função **fiscalizatória**. [...]” (T – BA, 04 – 11 – 2007: 19 c. 1);
- (7) “[...] aumentarem sem a correspondente extinção da verba **indenizatória** [...]” (T – BA, 10 – 11 – 2007: 20 c. 1);

(8) “[...] Valeu-se, assim, a Procuradoria Federal junto à Ufba da via constitucional do Judiciário para postular a medida **reintegratória** [...]” (T – BA, 17 – 11 – 2007: 03 c. 1);

(9) “[...] Chávez, apesar dos métodos **intimidatórios** não consegue calar empresários e estudantes. [...]” (T – BA, 04 – 12 – 2007: 03 c. 1);

-VEL: sufixo nominal derivado do latim *-bilis*. Forma adjetivos a partir de bases verbais, com a noção de ‘passível de’. Equivalente a *-ável ~ -ível*. O sufixo *-vel* aparece no *corpus* selecionado sufixado a bases verbais (1 e 2) e uma substantiva (3), imprimindo-lhes noção de ‘passível de praticar ou sofrer determinada ação’. Houve mudança categorial em todos os casos, os quais passaram a exercer a função de adjetivo. Contudo, há um estranhamento maior em (3), pois, tanto em Ferreira (2004) quanto em Cunha (1986), o sufixo *-vel* forma adjetivos a partir de bases verbais apenas, levando a entender que a nova lexia foi formada a partir da base verbal virtual *prefeiturar**.

(1) “[...] a Amazônia ou nossa biodiversidade como capital **“apropriável”** pela sustentabilidade [...]” (T – BA, 21 – 11 – 2007: 17 c. 1).

(2) “[...] para sustentar as inúmeras e **preveníveis** doenças daí surgidas. [...]” (T – BA, 17 – 09 – 2007: 03 c. 1).

(3) “[...] Também figuram na lista de **prefeituráveis** o agitador cultural e radialista Miguel Cortes [...]” (T – BA, 12 – 07 – 2007: 15 c. 1);

5.3 ASPECTOS TEXTUAIS E DISCURSIVOS

O texto jornalístico se constitui em um espaço fecundo para a criatividade e renovação lexical, tanto através da ressignificação de um termo já existente quanto da criação de novos termos, sendo que a maioria desses neologismos está presente nos textos dos articulistas, colunistas e nos textos de opinião, já que nesses textos os redatores têm mais liberdade ao transmitir uma notícia ou argumentar sobre determinado fato de maneira mais analítica e crítica e até opinar em questões sociais, políticas, econômicas etc., transmitindo, mesmo que sutilmente, suas ideologias. Dessa maneira, através da criatividade e inovação lexicais, o jornal torna-se instrumento de informação e transmissão de valores, o que o faz estar sempre

na mira da censura, devido à sua larga escala de abrangência e influência sobre a opinião pública.

Os neologismos, então, muitas vezes, consistem em elementos importantes para a construção do sentido textual, participando da constituição das funções da linguagem, além de descortinar juízos de valor e motivações ideológicas presentes nos textos jornalísticos.

Como se pode ver no exemplo “[...] A **superelite** é constituída pelos detentores do poder, que usufruem toda espécie de benesses à custa do contribuinte (casas, carros, cartões de crédito, viagens, restaurantes, empregados, etc.), tudo pago pelos cidadãos. [...]” (T – BA, 06 – 11 – 2007: 03 c. 1), além da função referencial, também está presente a função metalingüística, até de uma forma interessante, porque o termo “superelite”, que ainda não está registrado no dicionário, é definido pelo redator não de maneira imparcial, ao contrário, pode-se perceber o tom de protesto presente na definição, o que caracteriza mais uma função, a emotiva.

Em “[...] O “**reportariado**” – jargão jornalístico para definir o coletivo de repórter – estava ali fazendo o seu trabalho [...]” (T – BA, 01 – 09 – 2007: 17 c. 1), além da função referencial, também está explícita a função metalingüística. E em “[...] O **primeiro-damismo** é um fenômeno típico de uma cultura política de valores conservadores. [...]” (T – BA, 20 – 07 – 2007: 03 c. 1), observa-se, além das funções referencial e metalingüística, está presente um tom crítico associado a um juízo de valor à definição do termo.

No exemplo “[...] Muitos deles têm certeza de que arcarão com elevação de sua carga tributária. Para esses, o que era **Super Simples** virou **supercomplicado**. [...]” (T – BA, 14 – 08 – 2007: 15 c. 1), após usar a função metalingüística ao expor muitas informações sobre o Super Simples, o redator faz um trocadilho ao criar o termo “supercomplicado”, o oposto do Super Simples, utilizando, dessa maneira, a função poética. Também em “[...] se os aviões **avionam** com atrasos [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1), percebe-se a função poética, visto que o redator ao criar o neologismo *avionam*, favoreceu a construção da aliteração presente no fragmento.

A função emotiva e a conativa estão presentes em “[...] Não somos **antinada**. Nosso compromisso é com a verdade e com a liberdade. Nosso cliente não é o poder. É você, leitor e cidadão. A democracia é o melhor antídoto contra o veneno do autoritarismo. É um longo aprendizado. [...]” (T – BA, 10 – 09 – 2007: 03 c. 1), pois o verbo ‘ser’ é conjugado na primeira pessoa do plural e o direcionamento da fala ao leitor fazem com que este se sinta próximo do redator, enquanto cidadão, que deve ter o discernimento para não se deixar enganar por certos discursos, devendo também indignar-se e protestar contra a situação

descrita (O Presidente Lula, em discurso, inocenta os acusados do escândalo do mensalão, afirmando ser o PT um partido inteiramente ético) .

Nos exemplos “[...] Quanto à fidelidade partidária, é o mínimo a se esperar. Caso passe, será, ao menos, uma **vitoriazinha** em meio à letargia típica do Congresso brasileiro. [...]” (T – BA, 08 – 07 – 2007: 03 c. 1) e “[...] tentou uma CPI Mista do Apagão e conseguiu apenas uma “**cpizinha**” com resultados medíocres até aqui [...]” (T – BA, 20 – 07 – 2007: 17 c. 1), os neologismos foram empregados para depreciar a reforma política e a CPI do Apagão aéreo, nesses casos, utilizando-se dos sufixos diminutivos que são profícuos a esse efeito semântico. Com isso, não apenas se tece uma crítica, mas também ficam explícitos os juízos de valor atribuídos aos fatos.

A utilização do neologismo para atribuir juízo de valor, realmente é bastante freqüente, atingindo desde políticos, a profissionais e cidadãos. Como em “[...] Esse relacionamento promíscuo leva o Legislativo se tornar um poder menor, quase um **subpoder**. [...]” (T – BA, 20 – 08 – 2007: 14 c. 1), o redator cria um termo para definir a então condição inferiorizada do Poder Legislativo; em “[...] Desde o Império, a elite brasileira nunca deixou de ser colonial, **senzaleira** e opressora. [...]” (T – BA, 12 – 12 – 2007: 03 c. 1), o redator delega à elite brasileira uma parte da responsabilidade pela perpetuação das diferenças sociais do país; em “[...]Reações emocionais e julgamentos precipitados prejudicaram, à época, a análise da cobertura. Os paparazzi, cortejados pelo **subjornalismo**, foram lançados ao fosso da execração pública. Não se trata, agora, de tentar absolver o comportamento **aético** desses profissionais do drama humano. Mas não é razoável reduzir todo o show mediático ao cruel pragmatismo dos representantes do jornalismo mundo-cão [...]” (T – BA, 08 – 10 – 2007: 03 c. 1), o redator critica a prática de alguns profissionais da ares jornalística.

O idioleto do presidente Lula já algum tempo vem sendo denominado de “lulês”, criticado por não se enquadrar perfeitamente à norma culta, o que é ideologicamente esperado pela sociedade como um todo, por se tratar de um cargo tão elevado. Além do idioleto, os discursos do presidente também vem sendo, algumas vezes, apontados como inadequados, como em “[...]Lula fez o contrário: deu-se a **piadices** dizendo que morre de medo de avião [...]” (T – BA, 27 – 07 – 2007: 19 c. 1). Além do idioleto de Lula, outros falares também estão sendo tratados com destaque, como em “[...] o seu dicionário do **lulês**, **tucanês** e antitucanês [...]” (T – BA, 06 – 10 – 2007: 03 c. 1).

Lexias são formadas para transmitir informações permeadas por juízos de valor tanto no processo de derivação como na composição etc., como se pode ver nos casos: “[...] **Putódromo** tem é em Brasília, com todo respeito aos políticos sérios que lá estão [...]” (T –

BA, 15 – 07 – 2007: 13 c. 1); “[...]“Ao fazer opção por essa **partidocracia**, o que o TSE fez foi alijar o eleitor do processo”, [...]” (T – BA, 05 – 10 – 2007: 03 c. 1); “[...]não há propriamente um espírito de **bóia-salva-mandato** de César Borges no Democratas, nem no daqui nem no nacional [...]” (T – BA, 20 – 09 – 2007: 16 c. 1); “[...]”É um jogo de **ganha-ganha**”, [...]” (T – BA, 28 – 10 – 2007: 17 c. 1); “[...]em cima das asas de uma **caetanave** ou simplesmente montado numa alucinada vassourinha. [...]” (T – BA, 29 – 08 – 2007: 03 c. 1); “[...]fundado em uma falácia **meritocrática**. [...]” (T – BA, 16 – 10 – 2007: 03 c. 1), dentre muitos outros exemplos que por hora não cabem, já que este trabalho prioriza a derivação.

Além disso, ao se analisar o jornal visando identificar nele palavras neológicas, percebe-se que estas estão inseridas no texto, fazendo parte de sua teia de coesão e coerência, e estão vinculados a aspectos como intencionalidade, intertextualidade etc. Contudo, é preciso haver coerência lexical para que o texto seja compreensível, pois, segundo Koch e Elias (2006), o léxico consiste em um dos fatores que podem dificultar a compreensão do enunciado.

O emprego de neologismos, geralmente, não implica na compreensão textual do leitor, porém, algumas vezes, até pelo nível informativo do jornal, exige-se certo conhecimento por parte dos leitores tanto no que se refere aos assuntos políticos, econômicos, sociais etc., como também de termos que estão em uso, além de uma base sobre conhecimentos lingüísticos para compreender os diversos recursos lexicais e semânticos utilizados pelos escritores. Contudo, como se sabe, a maioria da população brasileira, em particular, baiana, possui baixo nível de escolaridade. Em decorrência disso, o neologismo pode se tornar de difícil compreensão para esse leitor. No exemplo “[...] O primeiro exemplo de **cibermilitância**²⁷ na Bahia [...]” (T – BA, 26 – 08 – 2006:18 c. 1) (SILVA, 2007), mesmo não sendo a primeira ocorrência desse neologismo, o redator se sentiu compelido a explicar posteriormente o termo aos leitores. Também Em “[...] a TV digital brasileira ofereça **autoprogramação**, ou seja, permita que o usuário escolha a hora em que verá determinado programa. [...]” (T – BA, 03 – 12 – 2007: 09 c. 1), o redator tratou de explicar o termo, provavelmente, visando à compreensão dos leitores menos esclarecidos.

Alguns termos apesar de não apresentarem maiores dificuldades de compreensão, podem causar estranhamento, devido a um maior distanciamento das regras mais usuais, ou por já existir um referente equivalente ao novo lexema. Como em “[...] Ele justificou sua

²⁷ Foi utilizado anteriormente por Érico Assis, mestre em comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), explicando que “A cibermilitância é uma forma de militância política que utiliza recursos da internet, como www, e-mails, ferramentas de busca e programas de troca de arquivos para promover alguma mudança social e política”.

previsão lembrando que a Bahia tem dois pólos, um petroquímico e outro automobilístico, e permanece um Estado “**atrator** de investimentos”. [...]” (T – BA, 29 – 11 – 2007: 24 c. 1), em que já existe o referente *atrativo* (que atrai). Também em “[...] benefício fiscal decorrente de **provisionamento** dos juros sobre capital próprio [...]” (T – BA, 14 – 08 – 2007: 14 c. 1), em que já existe o referente provimento.

Outras vezes, podem realmente truncar a compreensão dos leitores menos informados e letrados: “[...] a denúncia de que teria armado esquema de **arapongagem** e montado dossiês para intimidar senadores [...]” (T – BA, 12 – 10 – 2007: 03 c. 1); “[...] seguindo as regras do **duplipensar orwelliano** [...]” (T – BA, 17 – 10 – 2007: 17 c. 1); “[...] Quando adiamos a concessão das rodovias, falavam que tínhamos ‘**chavizado**’ (...), que era um viés estatizante. [...]” (T – BA, 09 – 11 – 2007: 18 c. 1).

Através da formação dos neologismos, percebe-se também a habilidade no processo de elaboração lingüística, pois, muitas vezes, uma lexia é criada, tanto através dos processos de formação de palavras previstos na língua, quanto por recursos como a analogia e o trocadilho, transmitindo, ao mesmo tempo, informação e graça, como em “[...]” Isso é que eu chamo de **juris esperniandi** (direito de espernear) (...) o governador baiano abriu mão do **juris indignatus** (direito de indignar-se), [...]” (T – BA, 02 – 08 – 2007: 13 c. 1). Nesse caso, o redator também utiliza-se da função metalingüística para facilitar a compreensão do leitor.

(...) O **leitorado** (de **leitor-eleitor**) inquieta-se, manifesta-se e vai querendo evoluir da condição de mero produtor de indignações à deriva para a de propositor objetivo de ações de cidadania em reação ao desmonte gradativo da reputação do sistema de representação política. (DORA KRAMER, T – BA, 10 – 07 – 2007: 12 c. 1)

O governo brincou da mesma brincadeira de sempre ao simular de agilidade nos momentos agudos e se deixar tomar pela letargia **escapista** quando **a paz parecia voltar a reinar**. Revelada da forma mais dramática possível que **a paz era a dos cemitérios**, as autoridades federais (...), continuaram jogando com a mesma lógica de animação de auditórios. (DORA KRAMER, T – BA, 19 – 07 – 2007: 21 c. 1)

Como reagiria o governo hoje se deputados da oposição promovessem **apitaços** contra, por exemplo, a prorrogação da CPMF ? Diria que **o golpe estava a galope ao som dos "piúis"** e talvez recorresse ao **toque Cabral de reunir**: "Uuhh, uuhh..." (DORA KRAMER, T – BA, 18 – 08 – 2007: 18 c. 1)

Tudo muito bonito e civilizado, mas, por enquanto, válido apenas no campo das boas intenções. Seria exagerado qualificá-las de ingênuas, porque estão cercadas de cálculo político por todos os lados. Por isso mesmo são denominadas de "**ganha-ganha**". Mas há o risco de fracassarem e se tornar

um legítimo "**perde-perde**". (DORA KRAMER, T – BA, 28 – 10 – 2007: 14 c. 1)

Em muitos textos da colunista Dora kramer pode-se perceber a utilização de diversos recursos de formação de palavras, neologismos, como a duplicação (*ganha-ganha, perde-perde*), a composição (*leitor-eleitor*), onomatopéia (*Uuhh, uuhh*), derivação (*leitorado, apitação, escapista*), além de unir à linguagem técnica jargões populares (*a paz parecia voltar a reinar; a paz era a dos cemitérios; que o golpe estava a galope; ao toque Cabral de reunir*), além de gírias, ditos populares etc. que podem ser facilmente encontrados em outros textos, trazendo sempre à palavra e ao texto um sentido atual e provocando, algumas vezes, o estranhamento, a ironia, a graça.

Metáfora da UTI

Recentemente, escutei na televisão que o nosso país exiu-se²⁸ da UTI. Querem melhor mote ou gancho do que este? Cuiá feita para questionar: Como é que o **torrão recuperou-se da doença terminal ou de um estado comatoso**, se as estradas de rodagem, de ferro, se as vias e portos aquáticos, se a educação, se a saúde, nada funciona, se as magnas instituições da República estão avacalhadas, se os **aviões avionam com atrasos e quedaços**, se as “**elites**” não valem nada, se as greves acontecem e fica tudo **assim ou assado**? Quem já percebeu que no país as “**elites**”, **altas e baixas, povinho e povão**, esperam no **corredor da morte** da segurança pública? Não tenho fôlego nem estilo **periodístico** para responder **tanta querela, tanta aleivosia, tanta maranduva**, contra a governança que considera “tudo bem”, pois o paciente está andando com os seus bilhões de reservas **vitaminadas, biotônicas e antibióticas**, picados nas veias, suas safras sojais espetaculares, seus acordos com os colegas do BRIC, em pleno tambor e massagens, nas bolsas bramantes de ações beneméritas e financeiras.

Os artigos de opinião, como é o caso do texto acima, também são bastante criativos e inovadores no que diz respeito à linguagem. No fragmento acima, pode-se perceber que o redator utiliza-se de uma linguagem bastante mista, utilizando-se de neologismos (*avionam, periodístico*), palavras da linguagem popular (*torrão, quedaços, povinho, povão, maranduva*), jargões (*corredor da morte*), até rimas (*os aviões avionam com atrasos e quedaços*), dentre tantos outros recursos, para tornar o texto mais atraente para o leitor.

Tribunal cassa liminar que favorecia grevistas

Enquanto os servidores do Ibama protestavam no Rio de Janeiro, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1) julgava uma liminar que representou

²⁸ Esse termo aparece escrito dessa forma no texto original.

um golpe contra os grevistas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Inbra) de Brasília.

O TRF-1 suspendeu a liminar que mantinha o pagamento dos salários dos funcionários do Inbra de Brasília, em greve desde 21 de maio. O tribunal acatou recurso da PFE (Procuradoria Federal Especializada) junto ao Inbra contra a decisão da 21ª Vara Federal do Distrito Federal, que havia concedido liminar favorável ao Sindsep-DF (Sindicato dos Servidores Públicos Federais) do Distrito Federal.

(T – BA, 28 – 10 – 2007: 17 c. 1)

O texto acima, na categoria de uma notícia, torna-se mais informativo, não apresentando com intensidade e diversidade os recursos lingüísticos de criatividade e formação de palavras, como pode se ver a partir da comparação do texto acima, o artigo de opinião e os fragmentos de artigos de Dora Kramer.

5.4 PRODUTIVIDADE LEXICAL DOS DERIVADOS

Ao todo foram encontrados 381 neologismos, sendo 184 formados por prefixação e 197 formados por sufixação.

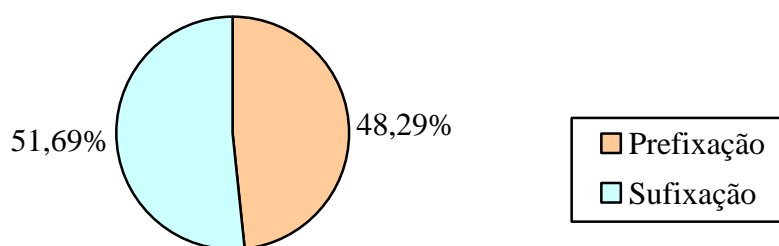


Figura 1: Gráfico da produtividade lexical neológica por prefixação e sufixação

5.4.1 Prefixos

O *corpus* foi organizado de acordo com as categorias morfo-semânticas dos prefixos. Dessa maneira, o gráfico e a tabela abaixo mostram a produtividade de cada categoria.

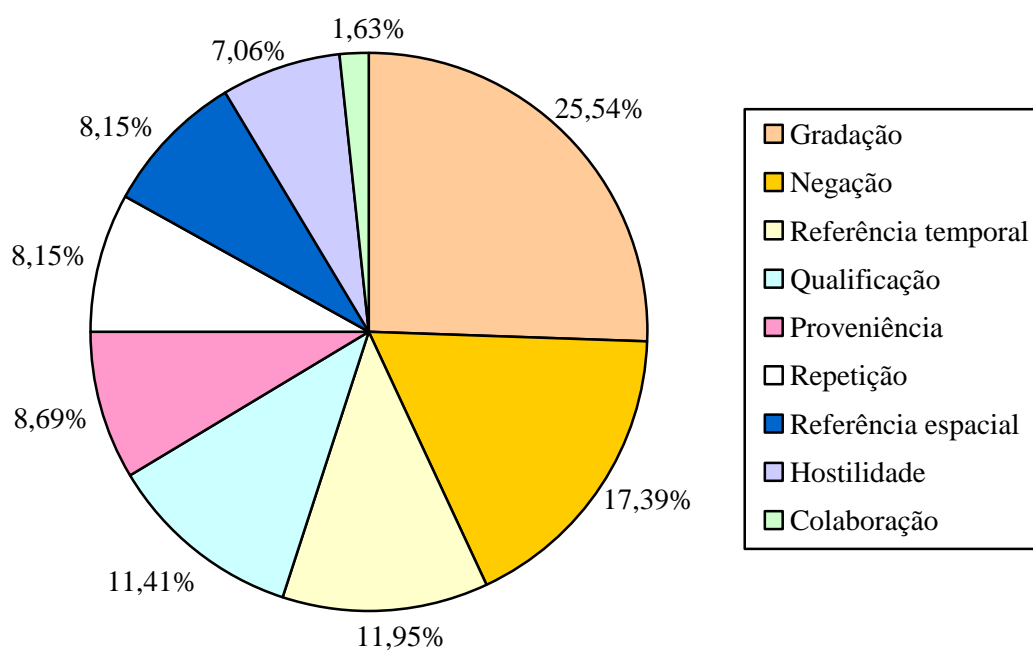


Figura 2: Gráfico da produtividade dos prefixos proporcional à categoria morfo-semântica

Gradação	Negação	Referência temporal	Qualificação	Proveniência	Repetição	Referência espacial	Hostilidade	Colaboração
47	32	22	21	16	15	15	13	03

Tabela 01: Produtividade dos prefixos proporcional à categoria morfo-semântica.

A produtividade de cada prefixo proporcional à produtividade categorial morfo-semântica pode ser observada a partir das figuras abaixo:

a) Prefixos de gradação (47):

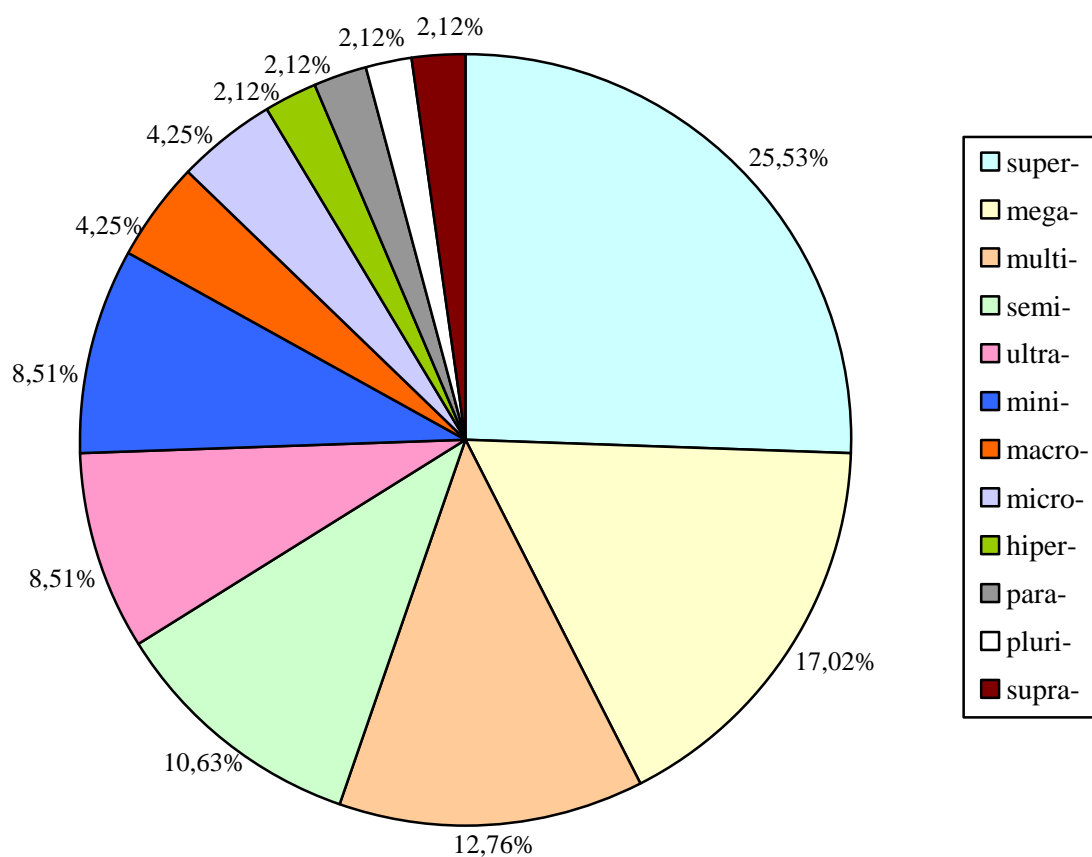


Figura 3: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de gradação

super-	mega-	multi-	semi-	mimi-	ultra-	macro-	micro-	hiper-	para-	pluri-	supra-
12	08	6	5	4	4	2	2	1	1	1	1

Tabela 2: Produtividade proporcional dos prefixos de gradação

b) Prefixos de negação e oposição (32):

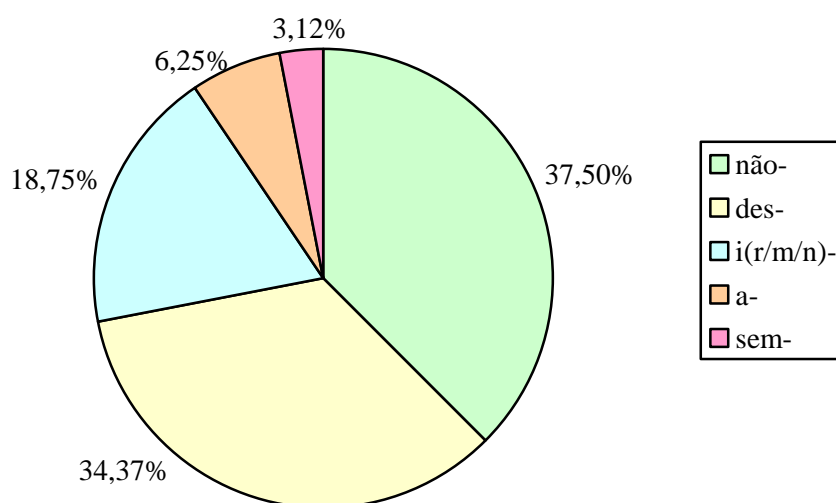


Figura 4: gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de negação e oposição

não-	des-	i(r/m/n)-	a-	sem-
12	11	6	2	1

Tabela 3: Produtividade proporcional dos prefixos de negação e oposição

c) Prefixos de referência temporal (22):

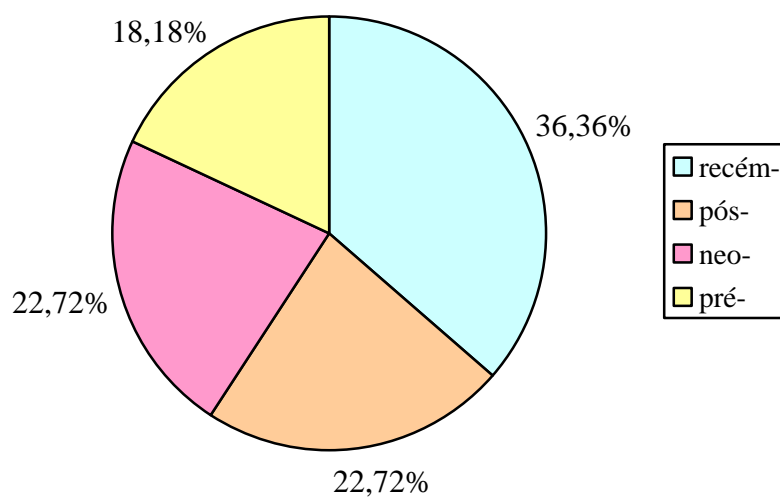


Figura 5: gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de referência temporal

recém-	pós	neo-	pré-
8	5	5	4

Tabela 4: Produtividade proporcional dos prefixos de referência temporal

d) Prefixos qualificativos (21):

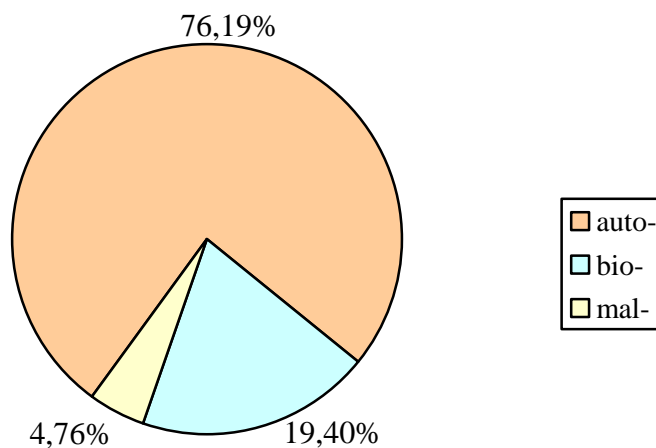


Figura 6: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos qualificativos

auto-	bio-	mal-
16	4	1

Tabela 5: Produtividade proporcional dos prefixos qualificativos.

e) Prefixos de proveniência (16):

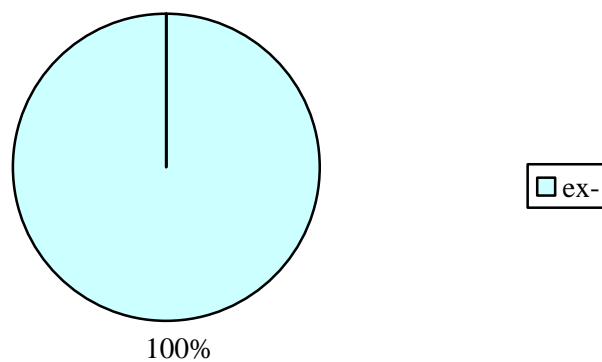


Figura 7: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de proveniência

f) Prefixos de repetição (15):

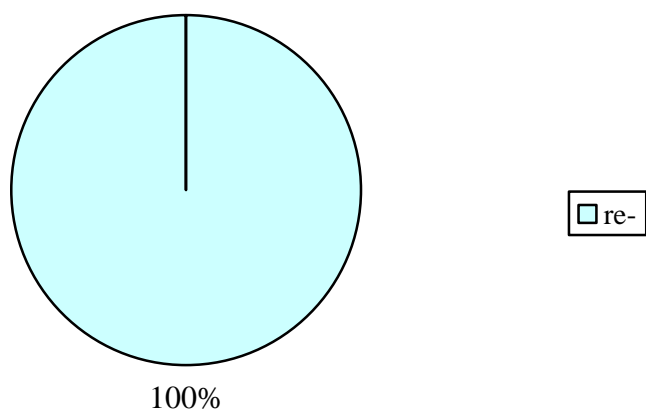


Figura 8: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de repetição

g) Prefixos de referência espacial (15):

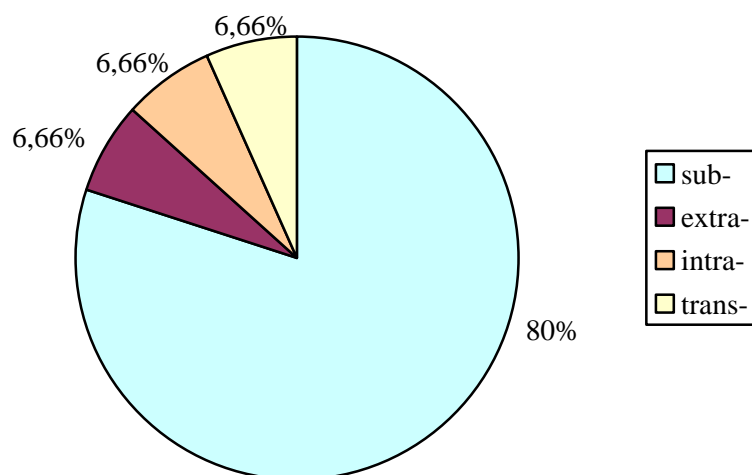


Figura 9: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de referência espacial

sub-	extra-	intra-	trans-
12	1	1	1

Tabela 6: Produtividade proporcional dos prefixos de referência espacial

h) Prefixos de hostilidade (13):

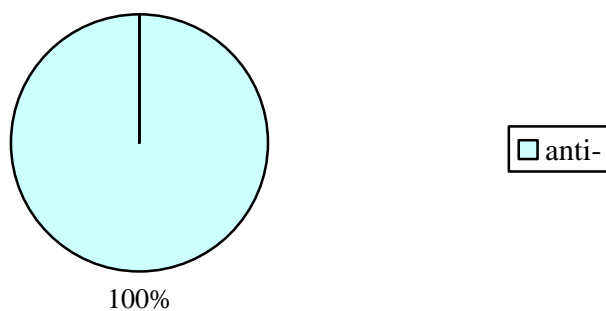


Figura 10: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de hostilidade

i) Prefixos de colaboração (3):

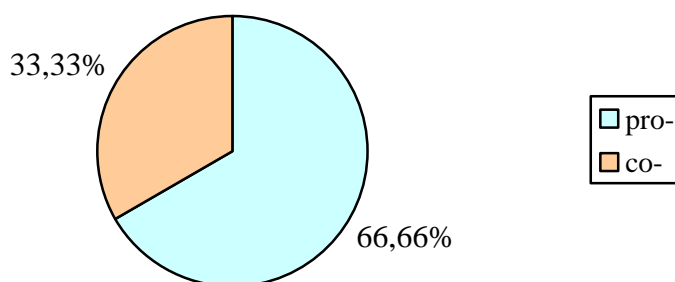


Figura 11: Gráfico da produtividade proporcional dos prefixos de colaboração

pró-	co--
2	1

Tabela 7: Produtividade proporcional dos prefixos de colaboração

A produtividade de cada prefixo proporcional à quantidade total de casos (184) pode ser observada abaixo:

ex-	auto-	re-	anti-	super-	sub-	não-	des-	mega-	recém-	multi-	i(r/m/n)-	semi-	neo-	pós-	ultra-	mini-
16	16	15	13	12	12	12	11	8	8	6	6	5	5	5	4	4

pré-	bio-	pró-	micro-	macro-	a-	co-	supra-	pluri-	para-	hiper-	trans-	intra-	extra-	sem-	mal-
4	4	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Tabela 8: Produtividade de cada prefixo proporcional à quantidade total de casos

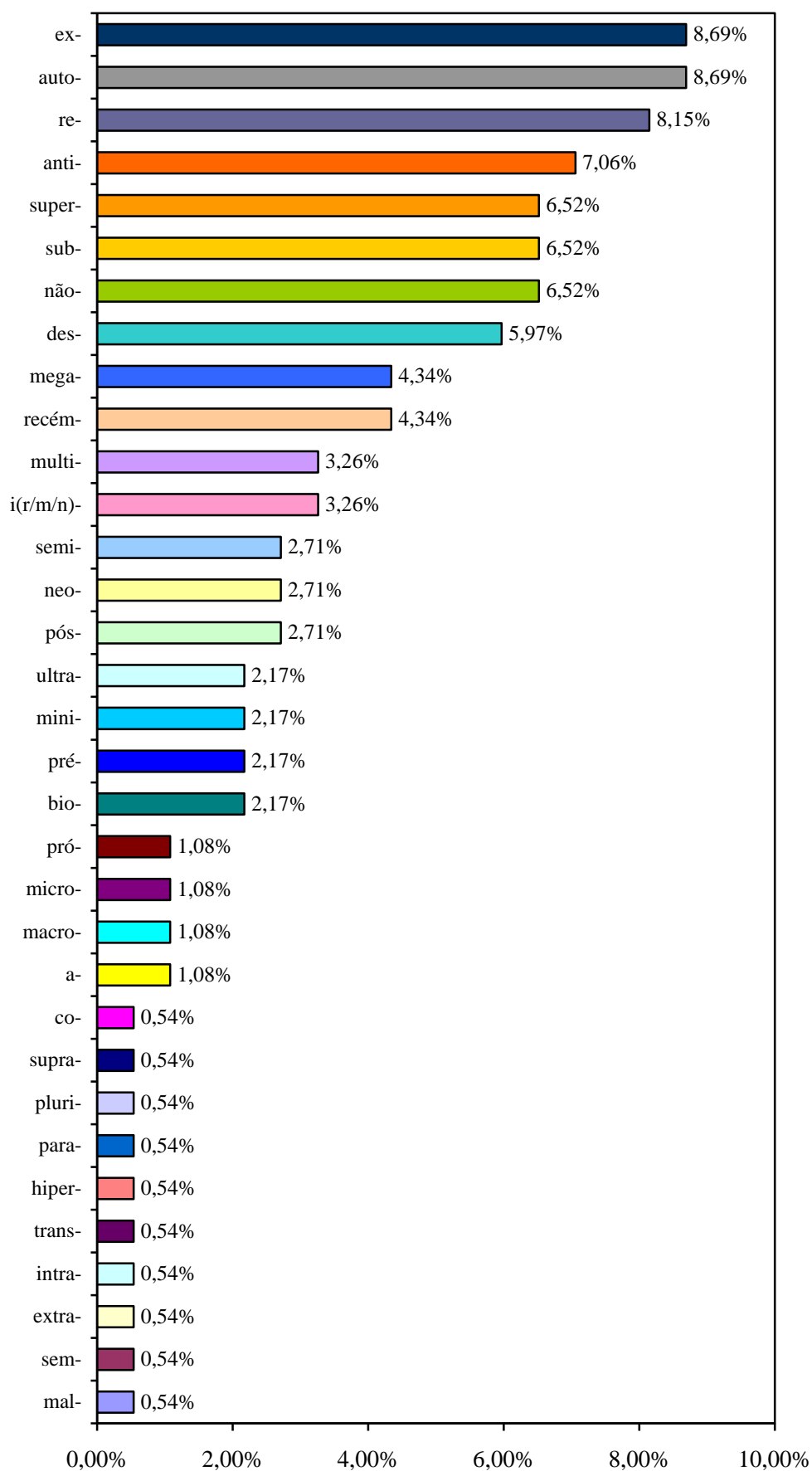


Figura 12: Gráfico da produtividade prefixal

5.4.2 Sufixos

A produtividade de cada sufixo proporcional à quantidade total (197) de casos pode ser observada a partir das figuras abaixo:

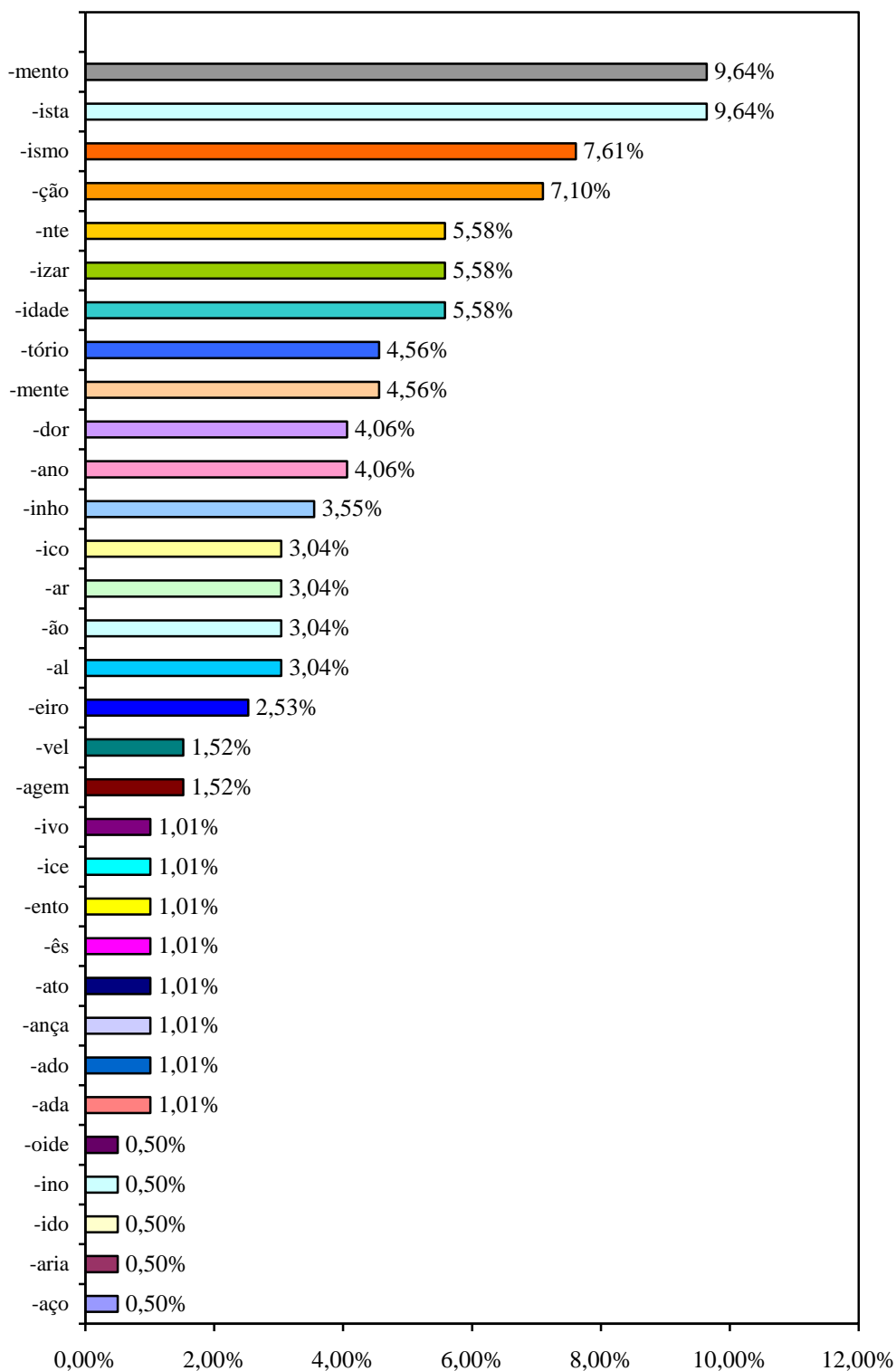


Figura 13: Gráfico da produtividade sufixal

-mento	-ista	-ismo	-ção	-nte	-izar	-idade	-mente	-tório	-dor	-ano	-inho	-ico	-ar	-ão
19	19	15	14	11	11	11	9	9	8	8	7	6	6	6

-al	-eiro	-vel	-agem	-ivo	-ice	-ento	-ês	-ato	-ança	-ado	-ada	-óide	-ino	-ido	-aria	-aço
6	5	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1

Tabela 9: Produtividade sufixal

6 DOMÍNIOS CONCEITUAIS

Como ressalta Graça Rio-Torto (2007), há uma relação de enriquecimento funcional e semântico nas estruturas morfológicas dotadas de afixos, em virtude de um comprometimento complexo e recíproco da carga semântica da base léxica e os prefixos e / ou sufixos que se lhe acrescentam. Nessa perspectiva, os domínios conceituais dotados de sistematização mais ampla e abrangente do que os sistemas lexicais podem ser detectados através das designações reveladoras da multiplicidade dos dados mais ou menos prototípicos.

A consulta aos dicionários poderá esclarecer quais os traços sêmicos de maior relevância, na prática do método semasiológico, complementada pela pesquisa do entrelaçamento dos lexemas ou designações decorrem do valor semântico impregnado pela visão de mundo de cada pessoa da comunidade lingüística.

Em decorrência da escolha e recorte dos textos do *corpus*, consultado na pesquisa, um periódico de caráter jornalístico, foram detectados algumas dessas designações agrupadas nos Campos onomasiológicos, sobretudo, da POLÍTICA NACIONAL e INTERNACIONAL, das FINANÇAS, das RELAÇÕES FAMILIARES, da ECOLOGIA etc., como se pode verificar através da breve ilustração de um exemplário que deverá ser ampliado em estudos futuros.

É preciso levar em conta que tanto a Onomasiologia, como a Semasiologia preconizam a existência de um conjunto de significações ou sememas que, unido a um significado ou monema, ou mesmo a um conceito.

POLÍTICA

Desfiliar

Desfiliação

Despolitizar

Antitucanês

Semi-ditador

Ex-MDB

Ex-PL

arapongagem

desfiliação

Carlista

helistas

juracisista

anastaciano

soutista

bio-ladeniana

mussoliniano

Keicherista

Mercanizar

Pallocínico

Gramsiano

Sosigeniano

Macunaímico

Chavizado

FINANÇAS

Precarização

Algoritimizado

Banebianos

Insonegável

Arrecadatório

Confiscatório

Identitárias

Tributantes

ConSORCIAMENTO

Fatiamento

Liquidacionista

Algoritimizado

Liquidacionista

banebianos

quarteirização

remonetização

antiprivatizante

despoupança

microcrédito

deprivatização

desfinanciamento

emancipatório
civilizatorio
desprivatização
federalização
pró-CPMF

MANIFESTAÇÃO SOCIAL

Apitaco
Sujeirada
Gastança
Fulanizado
Birracialidade
Peãozada
Apagão
Quedaço
estiloso
exitoso
vexaminosa
sucatão
urbanóide
sindicalheiro
fulanizada
megatraficante

INTERNET

Linkado
Blogueiros
Micronizado

MEIO-AMBIENTE

biossegurança

Biodiesel

Biofarmacêutico

O esboço desses dados semânticos (designações relacionadas a conceitos) serve para antever a necessidade de se estudar mais de perto a questão de detectar as possibilidades de formalizações (a maioria das vezes, muito raras) que são preferidas, ou muito raras, em uma determinada comunidade lingüística, pois, de antemão, sabe-se que nem todas as posições do sistema conceitual são preenchidas. Quanto à derivação, a sua escolha pelos falantes e, no caso, pelos escritores, denota a necessidade de serem estabelecidas, através de uma nova forma, algumas das motivações perdidas durante o tempo da mudança lingüísticas, como no caso da língua portuguesa falada no Brasil, e que faz parte da România Nova.

Presume-se que os lexemas, na sua maioria, eram bem mais motivados e que, durante o tempo de uso, essa motivação foi deixando de existir. Novas tentativas de restabelecer ao menos a motivação gramatical e/ou léxica, surgem, a fim de que o sistema não chegue a perder a sua expressividade, depositada e confiada instintivamente pelos falantes. Uma das mais importantes e produtivas é a derivação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise quantitativa do *corpus*, é possível perceber que a sufixação é mais produtiva que a prefixação.

Quanto aos prefixos, a categoria morfo-semântica mais produtiva foi a de gradação, com 25% dos casos, seguida pela de negação, com 17,39% e as de referência temporal e qualificação, com 11,95% cada; a menos produtiva foi a categoria de colaboração, com 1,63%. Na categoria de gradação, o prefixo mais produtivo foi *super-*, com 25,53%, seguido por *mega-*, com 17,02% e *multi-*, com 12,76%. Os prefixos menos produtivos nessa categoria foram *hiper-*, *para-*, *pluri-* e *supra-*, com 2,12% cada. Já na categoria de negação e oposição, os prefixos mais produtivos foram *não-*, com 37,50% e *des-*, com 34,37%. Os menos produtivos foram *sem-*, com 6,25% e *a-*, com 3,12%. Quanto à categoria de referência temporal só foram encontrados quatro prefixos, sendo o mais produtivo *recém-*, com 36,36% e o menos produtivo *pré-*, com 18,18%. Na categoria de qualificação, só foram encontrados três prefixos, sendo o mais produtivo *auto-*, com 76,19% e o menos produtivo *mal-*, com 4,76%. Já na categoria de proveniência, só foi encontrado o prefixo *ex-*, bastante produtivo, com 16 casos. Na categoria de repetição, apenas o prefixo *re-*, bem produtivo, com 15 ocorrências. Na categoria de referência espacial, o prefixo mais produtivo foi *sub-*, com 80%, tendo os outros apresentados apenas uma ocorrência cada. Quanto à categoria de hostilidade, só foi encontrado o prefixo *anti-*, bastante produtivo, com 13 ocorrências. Finalmente, na categoria de colaboração, a menos produtiva, só houve 3 ocorrências: 2 com o prefixo *pró-* e uma com o prefixo *co-*.

De maneira geral, os prefixos mais produtivos foram: *ex-* (16 ocorrências), *auto-* (16 ocorrências), *re-* (15 ocorrências), *anti-* (13 ocorrências), *super-* (12 ocorrências), *sub-* (12 ocorrências), *não-* (12 ocorrências) e *des-* (11 ocorrências). Os menos produtivos foram *co-*, *supra-*, *pluri-*, *para-*, *hiper-*, *trans-*, *intra-*, *extra-*, *sem-*, *mal-*, todos com apenas uma ocorrência.

Com base nessas comparações, pode-se perceber a vitalidade atual dos prefixos *ex-*, *auto-*, *re-*, *anti-*, *super-*, *sub-*, *não-* e *des-*. Além disso, percebe-se também que um prefixo parece assumir o lugar de outro que há algum tempo era bastante freqüente, como é o caso de *super-* (com grande vitalidade atualmente) e *hiper-* com grande vitalidade há algum tempo atrás.

Ao fazer uma análise qualitativa, pode-se perceber que a maioria dos prefixos não mudou a categoria gramatical das bases, com exceção de *sem-*, *intra-*, *supra-*, *pró-* (função substantiva para função adjetiva), *anti-*, *ex-* (função adjetiva para função substantiva), *pós-* (função substantiva para função adverbial), considerando que a maioria dos casos consiste em mudanças categoriais contextuais, ou seja, dependendo da posição que a lexia ocupa no sintagma, pode exercer uma função ou outra. Assim, percebe-se que não é tão raro criar formações prefixais com mudança de classe gramatical, como foi observado, afastando-se da idéia prescritiva que supõe não terem os prefixos a função de mudar a classe gramatical do derivado prefixal.

É interessante observar que algumas derivações prefixais proporcionaram extensões de sentido inéditas, como as que ocorrem com os prefixos *bio-* (que é formado a partir de elementos que contém vida ‘biofarmacêutica’), *i(r/m/n)* (referindo-se a uma pessoa e não a uma ação ou coisa ‘O senador é irrepetível’)

A concorrência entre prefixos pode ser notada com o prefixo *não-*, o qual aparece concorrendo com os prefixos *des-* e *in-*. Pode-se perceber também a concorrência entre alguns prefixos de gradação: *hiper-*, *macro-*, *super-* e *mega-*; *micro-* e *mini-*; *multi-* e *pluri-*.

Ao analisar o *corpus*, foi encontrada a lexia *mal-avaliadas*, que foi incluída como lexia formada por derivação prefixal e *mal-* classificado como prefixo avaliativo formador de adjetivos. Tal classificação não foi encontrada em Ferreira (2004) nem em Cunha (1986), nem em Alves (1994), contudo, *mal-* foi classificado como prefixo, por se considerar que se trata de uma partícula independente que atribui uma idéia acessória quando anteposta a uma palavra-base e apresenta grande recorrência com função prefixal na língua portuguesa, apesar de essa recorrência não estar presente no *corpus*, mas pode ser verificada em Ferreira (2004): *mal-acabado*, *mal-acostumado*, *mal-afamado*, *mal-afeiçoado* etc.

Quanto aos sufixos, de maneira geral, os mais produtivos foram: *-mento* (19 ocorrências), *-ista* (19 ocorrências), *-ismo* (15 ocorrências), *-ção* (14 ocorrências), *-nte* (11 ocorrências), *-izar* (11 ocorrências), *-idade* (11 ocorrências). Os menos produtivos foram *-óide*, *-ino*, *-ido*, *-aria*, *-ação*, todos com apenas uma ocorrência.

A mudança categorial no processo de formação de palavras por derivação sufixal ocorreu com a maioria dos sufixos, sendo que não ocorreu com algumas e com outros ocorreu em alguns casos e em outros não. Ela não foi registrada com os sufixos *-ação*, *-ada*, *-ato*, *-ês*, *-ido*. Já com os sufixos *-ado*, *-agem*, *-ança*, *-ano*, *-ão*, *-eiro*, *-inho*, *-ista*, ocorreu apenas em parte dos casos, e em todos os casos com os sufixos *-al*, *-ar*, *-aria*, *-ção*, *-dor*, *-ento*, *-ice*, *-ico*, *-idade*, *-ino*, *-ismo*, *-ivo*, *-izar*, *-mente*, *-mento*, *-nte*, *-oide*, *-tório*, *-vel* foi documentada.

Tal fato mostra que a regra prescritiva que diz que os sufixos aumentativos ou diminutivos não interferem na mudança categorial da palavra-base não é inflexível, pois foram encontrados casos em que os sufixos *-ão* e *-inho* mudaram a categoria da base como também casos em que outros sufixos (*-ado*, *-agem*, *-ança*, *-ano*, *-eiro*, *-ista*) só ocasionaram a mudança de categoria em parte dos casos.

Os sufixos aumentativos e diminutivos também aparecem no corpus não apenas inserindo à base a idéia de aumentativo ou diminutivo, mas também, formando substantivos com novos sentidos (*sucatão*, *apagão*).

É interessante notar que em alguns casos a mudança categorial é contextual, podendo migrar de uma classe a outra, principalmente de substantivo para adjetivo e vice-versa, como ocorre em alguns casos dos sufixos *-ado*, *-ano*, *-eiro*, *-ista*.

A concorrência entre os sufixos pode ser percebida da seguinte maneira: para o sufixo *-agem*: *-cão* (“*atracagem*”/ *atracação*) e *-mento* (“*derramagem*”/ *derramamento*); para o sufixo *-ar*: *-izar* (“*metaforar*”/ *metaforizar*), *-ista+ico* (“*futebolar*”/ *futebolístico*); para o sufixo *-dor*: *-ivo* e *-tório* (ações “*retaliadoras*”/ *retaliativas*/ *retaliatórias*); para o sufixo *-eiro*: *-ista* (“*mensaleiro*”/ *mensalista*, “*sindicaleiro*”/ *sindicalista*); para o sufixo *-mento*: *-dura* (“*esgarçamento*”/ *esgarçadura*, “*esganamento*”/ *esganadura*), *-ção* (“*repatriamento*”/ *repatriação*, “*esganamento*”/ *esganção*, “*protelamento*”/ *protelação*, “*ocultamento*”/ *ocultação*, “*consorciamento*”/ *consorciação*), *-agem* (“*atrelamento*”/ *atrelagem*); para o sufixo *-tório*: *-ivo* (“*intimidatório*”/ *intimidativo*), *-dor*: (“*intimidatório*”/ *intimidador* (na função de adjetivo)).

A partir da análise dos sufixos *-tório* (9 casos: 9 adjetivos), *-dor* (8 casos: 1 substantivo e 7 adjetivos) e *-ivo* (2 casos: 2 adjetivos), percebe-se que parece haver, atualmente, uma preferência pelo sufixo *-tório*, não mais como locativo, mas na formação de adjetivos, no lugar de *-ivo* e *-dor* (este também na função de adjetivo), principalmente quando se deseja imprimir à base um caráter depreciativo, irônico ou crítico. Desse modo, quanto aos sufixos *-tório* e *-dor*, trata-se de casos de mudança de função e significação.

Alguns sufixos foram utilizados para inserir à base um tom depreciativo, irônico ou crítico. Essa característica já está prevista em Ferreira (2004) e Cunha (1986) para os seguintes sufixos: *-aço* (*apitação*), *-ão* (*acordão*), *-ice* (*canastrice*, *piadice*), *-inho* (*certinhos*, *vitoriazinha*, *dondoquinhas*, *regrazinhas*), *-óide* (*urbanóide*), *-tório* (*arrecadatória*, *confiscatória*, *emancipatórias*, *civilizatório*). Todavia, não há nas referências citadas acima o registro de tal característica para os seguintes sufixos: *-agem* (*arapongagem*), *-ança* (*gastança*, *jenipapança*), *-aria* (*privataria*), *-eiro* (*bunfunfeiro*, *mensaleiro*, *sindicaleiro*), -

ismo (*protagonismo, pessoalismos, aparelhismo, tecnocratismo, boquirrotismo, -ista* (*escapista, oficialista*), *-nte* (*chegante*).

Alguns neologismos foram formados a partir de nomes próprios: *lulês, tucanês, nastacianos, gramscianos, amadiana, dioguianas, bin-ladeniana, banebianos, orwelliano, sosigeneana, macunaímico, cpizinha, Plenarinho, juracisismo, lomantismo, vianismo, waldirismo, soutismo, pallocismo, carlista, chavista, lulistas, juracisista, soutistas, ottistas, kirchnerista, renanzistas, tianizar* (Tião Viana), *mercadanizar* (Aloizio Mercadante), *chavizado*.

Em alguns casos pode-se observar que lexias foram formadas a partir de bases virtuais, como as que ocorrem com os sufixos; *-ado* (*linkar*/ “linkados”*); *-agem* (*arapongar*/ “arapongagem”*). Com o sufixo *-ção* ocorre com muita frequência a forma virtual em *-izar* para em seguida derivar a forma em *-ção* (*mundializar*/ “mundialização”, feminilizar*/ “feminilização”, baianizar*/ “baianização”, passionlizar*/ “passionalização”, espetacularizar*/ “espetacularização”, judicializar*/ “judicialização”*); com o sufixo *-idade* (*rastrável*/ “rastrabilidade”*); com o sufixo *-nte* (*marxistizar*/ “marxistizante”*); com o sufixo *-vel* (*prefeiturar*/ “prefeituráveis”*).

Outros fatos foram observados no *corpus*:

- (i) O sufixo *-ança*, que segundo Cunha (1986) e Ferreira (2004) forma substantivos a partir de bases verbais, ocorre formando um substantivo a partir de uma base substantiva: *jenipapança*.
- (ii) Houve uma extensão de sentido com o sufixo *-ão*, ao invés de imprimir à lexia noção de aumentativo, imprimiu na mesma uma noção de ‘falta de ação’, ‘letargia’.
- (iii) Com o sufixo *-ar* houve um retorno ao étimo da palavra base, pois, o verbo derivado de *gestão* é *gestar* e não *gestionar**, contudo, ao observar o étimo de *gestão*, que é *gestione*, pode-se entender a formação de *gestionar** - *gestionem*; além disso, foi criado um verbo bastante estranho: *avionar*, em vez de se usar *decolar* ou *voar*.
- (iv) Com o sufixo *izar+ção* formou-se uma lexia a partir da analogia com *terceirização*: *quarteirização*.
- (v) Também foi formada a lexia *feminilização*, sendo que em Ferreira (2004) já consta *feminizar* à qual, acrescentando o prefixo *-ção* formaria *feminização* e não

feminilização, fato que simplesmente representa as inúmeras possibilidades previstas pelo sistema lingüístico.

A larga escala de produção do sufixo adverbial *-mente* mostra a necessidade de conceituar fielmente ou de maneira mais próxima possível o modo como determinados fatos se dão. Ao todo, foram encontrados mais de 50 (cinquenta) casos, contudo, só foram aproveitados os que causam maior estranhamento.

Em muitos casos, os neologismos encontrados nos textos jornalísticos não foram criados pelo redator, contudo este se torna um divulgador da nova lexia. Além disso, outro fato que pôde ser observado é que, ao se tentar definir algo para o que não se tem um nome que conceitue exatamente aquilo, pois, muitas vezes há lexias com sentido próximo, mas não o bastante; então se cria um novo termo com um deslocamento de sentido aparentemente mínimo, mas significativo o bastante para justificar a formação da nova palavra.

Quanto aos aspectos textuais e estilísticos, pode-se notar, através da análise do corpus apresentada no capítulo anterior que os neologismos consistem em elementos importantes para a construção do sentido textual, participando da constituição das funções da linguagem, além de descortinar juízos de valor e motivações ideológicas presentes nos textos jornalísticos, além de favorecer a formação de marcas estilísticas, sendo que, de modo geral, o emprego de neologismos não implica na compreensão textual, porém, algumas vezes, pressupõe certo nível de conhecimento do leitor para sua compreensão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical. In: VALENTE, A. (Org.). **Aulas de português**: perspectivas inovadoras. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 12.
- _____. (Coord.). **Glossário de termos neológicos de economia**. Reimpressão com correções. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- ANTUNES, Irandé C. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.
- BALDINGER, Kurt. **Vers une sémantique moderne**. 1.^{ère} éd. française revue et mise à jour par l'auteur. Paris: Klincksieck, 1984.
- BARBOSA, Maria A. Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEREDO, J. C. de. (Org.). **Língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 13.
- BARROS, Diana L. P. de. A comunicação humana. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à lingüística**. I. objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. Cap. 02.
- BARROS, Lúcia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- _____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza. **Teoria lingüística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAMARA Jr., J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **História da lingüística**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Princípios de lingüística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Linguagem jornalística: aspectos inovadores.** Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 1983.

_____. Neologismos, informação e criatividade. In: AZEREDO, J. C. de. (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 14.

COSERIU, Eugênio. **Lições de lingüística geral.** Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. **Tradição e novidade na ciência da linguagem.** Rio de Janeiro: Presença, 1980.

CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0.** Curitiba: positivo, 2004.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à lingüística. I. objetos teóricos.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Introdução à lingüística. II. Princípios de análise.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GECKLER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico.** 2. ed. Versão espanhola Marcos Martinez Hernández. Madrid: Gredos, 1976.

GREIMAS, Algirdas J. **Semântica estrutural.** Tradução Haqira Osakape e Izidoro Blikstein.. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale.** Paris: Larousse, 1975.

HENRIQUES, Cláudio C.; PEREIRA, M. Teresa G. (Org.) **Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos.** São Paulo: Contexto, 2002.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa versão 1.0.** São Paulo: Objetivo, 2001.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1969.

KEHDI, Valter. **Morfemas do português.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender: o sentido do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAGE, Nilton. **Linguagem jornalística**. 3. ed. São paulo: Ática, 1990.

LAPA, Manuel R. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LYONS, John. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução**. Tradução Marilda Winkler Averburg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral**. Tradução Jorge Morais-Barbosa. 6. ed. Brasil: Martins Fontes, 1975.

MARTINS, Evandro S. A neologia na literatura: a criação milloriana. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e Terminologia**. II. Campo Grande: UFMS, 2004. Cap. 03.

MATEUS, M. H. et. al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5ªedição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. I. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. III. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

PASCHOALIN, Maria Aparecida. **Gramática: teoria e exercícios**. São Paulo: FTD, 1989.

PEREIRA, E. C. **Gramática expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos & Co., 1907.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à lingüística**. I. objetos teóricos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. Cap. 01.

PILLA, Éda H. **Os neologismos do português e a face social da língua**. Porto Alegre: AGE, 2002.

PINTO, Edith P. **A língua escrita no Brasil**. São Paulo: Ática, 1986.

ROCHA, Luiz C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

_____. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

SANDMANN, Antônio J. **Morfologia geral**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 21. ed. São Paulo, Cultrix, 1999.

SILVA, Diene F. C. da. **A produtividade lexical neológica nos jornais baianos O ITABERABA e A TARDE**. Salvador, 2007. (Obra inédita).

SILVA, Maria Cecília P. de S.; KOCH, Ingedore G. V. **Lingüística aplicada ao português: morfologia**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, Maria E. B. da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J. C. de. (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 11.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução J. A. Osório Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VALENTE, André. **A linguagem nossa de cada dia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. A produtividade lexical em diferentes linguagens. In: AZEREDO, J. C. de. (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 13.

VILLAR, Mauro de S. Dicionário Houaiss: léxico e atualidade. In: HENRIQUES, Cláudio C.; PEREIRA, M. Teresa G. (Org.) **Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos**. São Paulo: Contexto, 2002. Cap. 14.

ZANOTTO, Normélio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 4. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.